Nº 02
PARTE 3 DE 4
NOV/2018

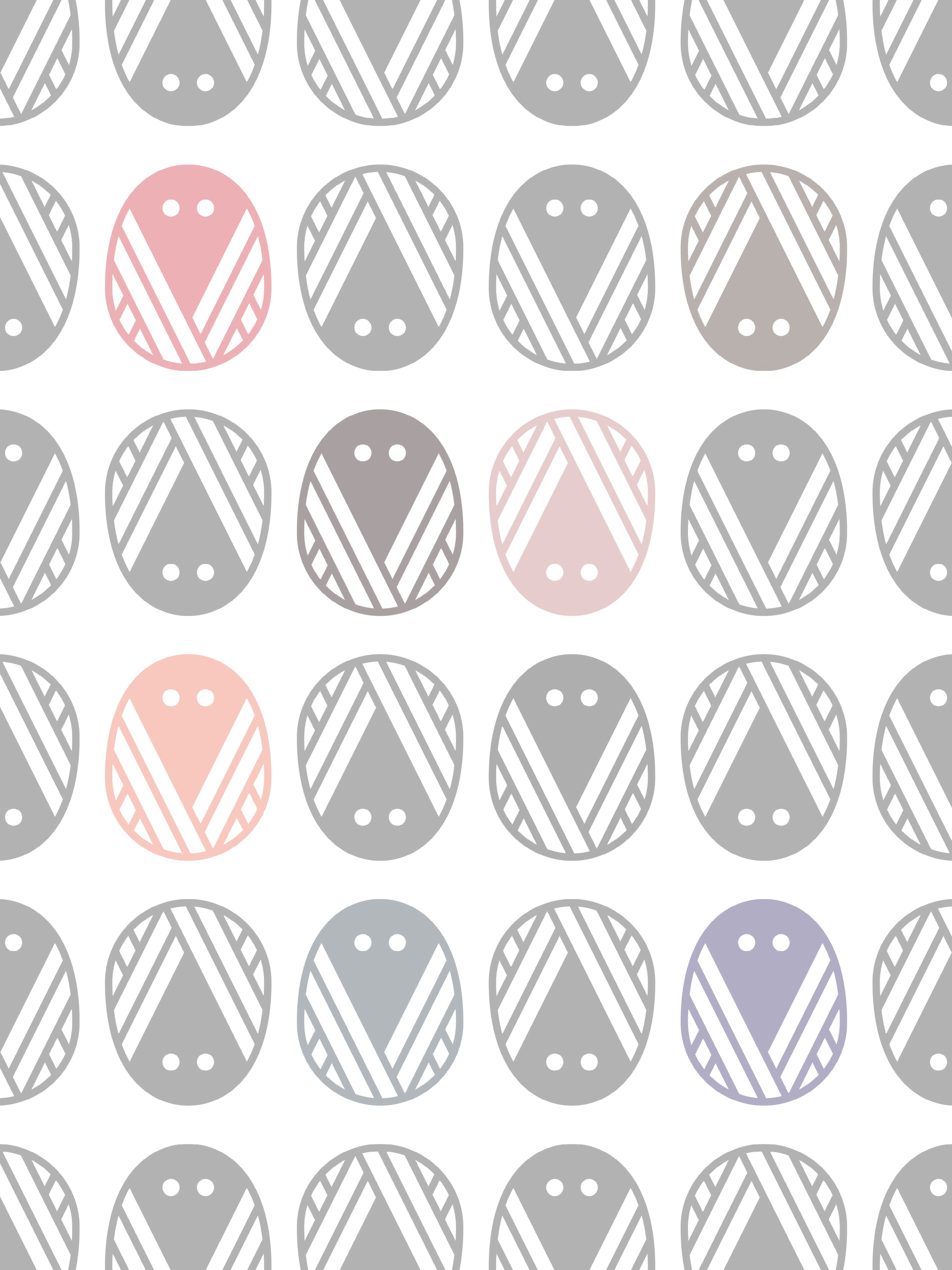
CONTOS E NOVELETAS DE:

ANA RÜSCHE
ANNA FAGUNDES MARTINO
DANTE LUIZ
ISA PRÓSPERO
LAURO KOCIUBA
MARCOS BERTO
MICHEL PERES
SÉRGIO MOTTA

FICÇÕES RELÂMPAGO DE:

ANA CRISTINA RODRIGUES / BASÍLIO BELDA / CAMILA LORICCHIO / DANIEL GRIMONI / EMILY DE MOURA
LUÍS FELIPE R. T. BARBOSA / SANTIAGO SANTOS / THIAGO D'EVECQUE / VICTOR F. MIRANDA

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI / CAPA: GIOVANNA CIANELLI / DIAGRAMAÇÃO: LEO ALVAREZ



O que mais ouço por aí é que estamos em ressaca pós-eleições.

Não sei quando e por que essa expressão começou a ser usada pra descrever o dia que segue a bebedeira, mas de todo modo sinto que é o momento ideal pra relembrar a definição náutica do termo: ressaca é o movimento anormal e violento das ondas junto à costa, um refluxo do oceano.

Em vez de pensar que estou me recuperando de um porre de fake news, discussões, violência, hipocrisia e muita confusão política e moral, prefiro pensar que essa é a hora em que a minha arte pode se chocar com tudo contra a rebentação. É uma imagem bonita — a arte fluida, poderosa, sempre mutante, batendo com toda a força contra a suposta impavidez das pedras que, embora representem a estagnação e a resistência, pouco a pouco acabam reduzidas a pó (ou melhor, areia). Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

Nada melhor que esse clima de refluxo pra dar a volta por cima da crise motivacional e botar no mundo mais uma parcela da segunda edição da revista.

Nessa terceira parte, entramos na segunda metade dos oito contos ou noveletas iniciados na parte 1 — caso você tenha chegado no projeto agora, recomendo que visite o nosso site, faça o download gratuito das partes 1 e 2 e depois dê volte pra ler a parte 3.

Nessa parte também temos outras nove ficções relâmpago: a belíssima "Nas Bordas de um Lugar", de Daniel Grimoni; "Do Tempo que Resta", outro lindo texto escrito pelo Santiago Santos, grande escritor de flash fictions; a singela (e, nas atuais circunstâncias, emocionante) "Reflexo", do Thiago D'Evecque; "Trailer — Banco Presente: um Documentário", texto em formato inovador escrito por Victor F. Miranda; a reflexiva "Vertigem", de Luís Felipe R. T. Barbosa; "Escoteiros e Aparições", história agradavelmente arrepiante de Emily de Moura; o perturbador texto "Fartura", escrito por Basílio Belda; o engraçadíssimo "F.E.D.O.R.", de Ana Cristina Rodrigues; e a sinestésica "Cromatismos", de Camila Loricchio.

E, como já é de praxe, quero convidar você a nos contar o que achou das três partes já publicadas dessa edição. Depois que ler, deixe um tuíte lá no @mafagaforevista, uma mensagem direta no Instagram *@mafagaforevista*, dê um pulo na página do Facebook, *Mafagafo Revista*, ou mande um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br.

Se você chegou na Mafagafo por esta segunda edição, visite *mafagaforevista.com.br* pra ler a primeira completa ou pra saber mais sobre nossa proposta de ser uma revista seriada. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder, nos próximos meses, a publicação da quarta e última parte dos contos iniciados na parte 1.

E claro, compartilhe a palavra — e o link para baixar a revista! — com os seus amigos!

Vejo você em breve, na parte 4!

Jana Bianchi Mafagafo Chefe & Editora

JANA BIANCHI – Editora-chefe
Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, editora-chefe da Revista Mafagafo, hostess dos podcasts Curta Ficção e Desafio Ex Machina, colaboradora do jornal satírico Tempos Fantásticos e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (*Dame Blanche*), a noveleta independente *Sombras* e o conto "*Analogia*" (Revista Trasgo #09). Pode ser encontrada no site janabianchi.com.br e no Twitter e no Instagram como @janapbianchi.

GIOVANNA CIANELLI – Capa e Ilustração da Capa
Giovanna Cianelli é designer e ilustradora, vive entre Rio de Janeiro e São Paulo. Psicodelia e cultura pop são temas recorrentes em seu trabalho. Nas horas vagas, desenha a HQ da Garota Galáctica.

LEO ALVAREZ – Diagramação
Leo Alvarez é mestrando em Design pela Unesp de Bauru, onde pesquisa a aplicação de design emocional em livros. É um dos responsáveis pelo *Coletivo Luminar*, grupo que realiza ações e atividades ligadas a arte-educação, e também se arrisca na escrita de ficção, mas ainda não criou coragem para mostrar seus mundos fantásticos para os amigos.
E-mail: leo@coletivoluminar.com.br

SUMÁRIO

7 SINOPSES
10 NAS BORDAS DE UM LUGAR
14 [NÃO TÃO] PERTO DO FIM
33 DO TEMPO QUE RESTA
37 ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
50 REFLEXO
53 JAVARI
64 TRAILER – BANCO PRESENTE: UM DOCUMENTÁRIO
67 CIBERBOCHICHO
78 VERTIGEM
82 UM ESTUDO EM MERINO
98 ESCOTEIROS E APARIÇÕES
102 O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
108 FARTURA
110 INGREDIENTE Nº 5
120 F.E.D.O.R.
124 A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
143 CROMATISMOS
145 FICÇÕES RELÂMPAGO – AUTORIAS

(NÃO TÃO) PERTO DO FIM
por Lauro Kociuba

As coisas sempre podem ficar piores, você dizia. Se acho que não podem, é por falta de criatividade minha. Mas dessa vez tá difícil, Helena.
Sete observatórios confirmaram e o alarme já está tocando de meia em meia hora. Previsão de duas semanas e meia. Sei que já trabalhamos com tempo mais apertado, mas hoje em dia eu demoro 15 minutos só pra vestir um calçado. Para mim, todo tempo é curto.
Não temos mais tanto dinheiro, a mão de obra está escassa e, pra completar, os estagiários chegam hoje. Se forem pelo menos metade do que você era, já vai ser muito. Mas pode ser exatamente o que precisamos nesta crise. Disso e de tempo, mas o tempo nunca foi nosso amigo, não é?

Extraído do diário de Carlos

ANTIGOS DEMÔNIOS PARA O NOVO MILÊNIO
por Isa Prospero

Inan não se importaria de passar o resto da vida imortal trabalhando em sua loja de antiguidades mágicas em São Paulo. Mas sua tranquilidade é quebrada quando Gaia, sua cliente preferida, aparece com um objeto misterioso e afirma que alguém está tentando matá-la por ele. Inan logo adivinha quem está atrás do item: o único outro imortal na Terra, que ela odeia e que a odeia de volta. E quando descobre o que exatamente Gaia encontrou, teme que será obrigada a confrontar seu inimigo e repensar sua decisão de nunca usar magia — pelo bem de Gaia e de toda a humanidade.

JAVARI
por Michel Peres

Uma caçadora genética é contratada para encontrar um animal raro nos confins da Amazônia. Durante sua jornada, acaba esbarrando em um segredo em que jamais deveria ter posto os olhos. Agora, entre rios, animais selvagens e chás alucinógenos, ela está prestes a descobrir que os perigos da floresta são maiores do que imaginava.

CIBERBOCHICHO
por Sergio Motta

O cantor Franz Delegarza revolucionou a música tocando acústicos. Em meados século XXII, isso é alguma coisa. Mas bombou mais do que nunca quando foi flagrado ao desligar (para muitos, matar) uma inteligência artificial. O juiz do caso: outra inteligência artificial. Embora eficiente, é sindicalista pelos direitos cívicos das IAs, e a treta está plantada. O julgamento ainda acontece enquanto a polêmica sobre IAs serem consideradas vivas ou não está no Congresso, na boca do povo e nos trending topics. A polêmica do cantor gera reportagens especiais em programas sensacionalistas, hipertextões nas mídias sociais, discussões em chats de família e até shows stand-up de um comediante robô. O ciberbochicho vai dar muito pano pra manga.

UM ESTUDO EM MERINO
por Anna Fagundes Martino

Ninguém desconfiaria do pacato grupo de tricoteiras reunido às quintas no Armarinho Lika: afinal, um bando de velhinhas — e uma doce jovenzinha — não fariam mal a uma mosca. Porém, quando a professora do grupo desaparece, elas são obrigadas a colocar de lado as agulhas para exibir dentes, garras, asinhas e um ou outro truque de mágica.

O FANTASMA DO TRÓLEBUS 2100
por Marcos Berto

Numa São Paulo do futuro verticalizada, condados surgem como micromegalópoles exclusivas dos ricos, militarizadas cidadezinhas particulares dentro de uma cidade maior. Jéssica, uma jovem moradora de fora dos muros de um condado, vive uma quinta-feira quase comum: concorda em entregar pacotes de conteúdo proibido depois da escola, pega carona num veículo centenário e encontra um ser luminoso e etéreo vagando pelos fios que alimentam os antiquados trólebus da cidade. Tudo isso sem deixar que seu coração com marca-passo deixe de bater nessa Terra de Ninguém.

INGREDIENTE Nº 5
por Dante Luiz

Brasília, final dos anos 80. Existe um templo em forma de pirâmide na capital do país que promete responder suas perguntas mais íntimas com um chá especial. Elias não é supersticioso, mas decide ir até lá para descobrir o que aconteceu com sua mãe, que desapareceu durante a ditadura. Ali, encontra quatro pessoas esperando atendimento: Mariza, uma dona de casa que acredita que seu marido é infiel, Karol, uma adolescente irreverente que foi expulsa da escola, Teófilo, um deputado com intenções duvidosas, e Jean, o ex-namorado que Elias mais detesta.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS
por Ana Rüsche

A telepatia foi descoberta. Um grupo farmacêutico estadunidense quer patentear a fórmula do produto da levedura *Saccharomyces telepastorianus*, droga telepática estabilizada em laboratório por William Fredrick Dogde. Entretanto, a levedura foi apropriada por Dogde de uma escola agroecológica mantida por mulheres no interior do Chile — o fermentado, apelidado de "chá", até então era segredo de gerações. Um estudante jura vingança contra o estadunidense: Paco, que raspa a cabeça dos dois lados para que ninguém tenha dúvida de seu coração. A fisioterapeuta brasileira Carol decide largar o emprego e passar férias em Santiago. Mas irá experimentar o Chá e cairá num caldeirão com hackerspaces, cordilheiras, terremotos e lembranças. Afinal, para se entrar em telepatia, é necessário antes compartilhar terríveis vergonhas.

Os prédios eram muito altos, estreitos demais, os apartamentos tão pequenos, os vizinhos desconhecidos, as ruas daquela maneira de sempre, e as paredes sufocantes, as sirenes soando, mas eu gostava de estar ali, de verdade. Gostava de ter uma casa e um ou dois móveis, uma janelinha. De descer as escadas até o andar de baixo para pegar o elevador, já que no meu ele nunca funcionava.

Mas eu ainda não sabia. Tinha um emprego e um colega de trabalho que sonhava em colonizar Marte, e enquanto não o chamavam pras missões ele se viciava em realidade virtual, e como todo mundo era viciado em alguma coisa, tudo bem. Tinha esse programa popular que um site postava: eram episódios, os caras piravam um autômato, programavam ele pra ver coisas que não existiam e riam enquanto ele fugia, gritava. Às vezes também pegavam uns ciganos, e jogavam tinta, bebida, riam deles correndo molhados.

A gente mergulhava no ritmo das coisas e elas só aconteciam. Mas teve esse dia: quando o metrô chegou na estação e abriu as portas: e eu olhei sem querer no fundo dos olhos de um rapaz: e não vi nada. As portas fecharam; o rapaz foi embora. Não entrei.

Saí atordoado dali. Um medo tinha me tomado, alguma coisa tinha acordado num susto naquele olhar ou não-olhar e eu fiquei sabendo assim, de repente. Fui drástico: aprontei uma mochila e andei até a estação dos trens que iam pra muito longe, pro interior, e que nunca paravam de rodar.

Ela vinha na minha direção e sentamos os dois no banco. Éramos nós e um autômato que varria o chão, tirava o lixo. Eu não a conhecia. Era magra e parecia frágil, tinha a pele escura, olhos estreitos e o cabelo bem curto. Tatuagens descendo a nuca. Nos olhamos algumas vezes: em uma dessas ela resolveu me perguntar se eu ia embora da cidade. Eu disse que sim. Ela

me perguntou por que, e então eu já não sabia ao certo. Eu sabia que tinha medo, só, e ela me disse que também tinha, e ficamos juntos assim enquanto a noite avançava, fazendo companhia um ao outro. Quando o trem apareceu, nenhum de nós se levantou pra entrar.

O medo ia parecendo menor e não queríamos sair de perto um do outro. Chamei ela pra vir comigo até em casa, aceitou, até riu daquele lance do elevador e não comentou muito sobre o apartamento. Tinha um riso largo, aberto. Lembrava às vezes de algum caso e ria sozinha, lacrimejava.

Eu nunca tinha recebido ninguém e fiquei sem graça: ofereci água ou café ou vinho tantas vezes. Dormimos juntos aquela noite. Vi que suas tatuagens desciam até a base da coluna, eram linhas curvas e grandes mandalas. Ela disse que não tinham significado, eram só bonitas, e riu quando eu falei que seu significado era esse, serem bonitas.

Parei de ir ao escritório porque aquilo não fazia mais sentido. Ela também não trabalhava, então ficamos uns dias assim; nada era como antes e conversávamos sobre tudo e tanta coisa. Soube um dia que aquele colega parou de ir ao trabalho pra ficar em casa, ou em Marte. Nesse tempo veio um autômato da empresa trazer minhas coisas, e outro dia um que veio conferir o apartamento: era da polícia e fazia sua ronda. Ela ficou muito nervosa.

Quando ficamos a sós, perguntei do que ela tinha medo e por que ia pegar o trem aquele dia e por que estava sempre prestando atenção aos noticiários. Ela se fechou. Perguntei se queria um cigarro, se queria se deitar, ou esquecer isso: não me respondia. E aí caiu de chorar, se apoiou na parede e foi escorregando ao chão, era um choro baixinho e quando terminou parecia ter aliviado um peso enorme. Então me disse: achava que seria a próxima. Porque um cerco vinha se apertando na cidade: as leis de ordem, que decidiam quem podia o quê e por quanto, e quem ficava de fora chamavam de cigano e expulsavam de casa, mandavam sair da cidade;

porque ela era negra, não tinha amigos importantes, porque agora via os bandos de ciganos atravessando os bairros, sempre dizendo que vinham de outro lugar da cidade e estavam já saindo, visto que não podiam ficar, e muitos se repetiam nisso até serem pegos e então desapareciam: e cada vez mais eles se pareciam com ela. Olhava no espelho e via uma pessoa que não seria permitida. Não conseguiu esperar arrombarem sua casa, não tinha família, fez como eu: foi pegar o trem pra lugar nenhum.

Nos abraçamos. Prometi a ela que isso nunca aconteceria. Ela sorriu: disse que eu não podia prometer uma coisa dessas. Sonhamos os dois essa noite com prédios desabando e águas que inundavam o apartamento. Um autômato batia na porta, e acordamos ensopados de suor.

De manhã veríamos a notícia: umas estatísticas sociais e algum figura do governo dizendo que era preciso ainda mais empenho na reestruturação da cidade, na realocação de moradias irregulares, etc. É claro que não se tratava disso. Ela tentou se conectar à sua casa, mas não teve resposta. Podia significar alguma coisa ou não significar nada.

O que eu não esperava é que ela iria querer ficar. Eu estava pronto para pegar o trem, irmos juntos pra qualquer canto. Ela não quis. Ir assim quer dizer o quê, me perguntava. E as pessoas que vamos deixar nessa mesma situação? E nossas memórias? Eu respondia que as memórias iriam conosco, mas para ela as memórias moravam todas dentro do apartamento, e foram mesmo dias como sóis dourados, todos ali. Mas eu tinha receio do que poderia acontecer com a gente. Não tínhamos mais ninguém.

Insisti tanto que ela se resignou; certa tarde fomos juntos à estação, para não voltar nunca. Mais uma vez éramos nós dois ali, mas da última ainda estávamos sozinhos. Ninguém pegava o trem, não tinham um motivo ou, quando tinham, ainda faltava algo mais. Os trens passavam e pareciam fantasmas.

Dessa vez nos levantamos, o trem abriu as portas: e ali nós

dois percebemos que era realmente impossível. Quanto de nós era feito daqueles lugares: que agora nos expulsavam, sim, mas pegar aquele trem era expulsar todos de volta. Não conseguimos. Mas também não voltamos, não poderíamos. Encontramos um canto na estação, arrumamos nossas coisas da melhor maneira possível, uns autômatos varriam infinitamente, e decidimos ficar ali, nesse lugar que era só para passagem, nós que não tínhamos mais casa ou certeza nenhuma, até que algo surgisse e parecesse fazer mais sentido do que isso, quem sabe o quê. ●

LAURO KOCIUBA - Autoria

Lauro Kociuba é escritor independente de fantasia e (recentemente descobriu) ficção científica. Graduando em Letras, utilizou a auto publicação como uma ferramenta para sanar seu imediatismo e pavor de recusas editoriais, e hoje está viciado no Kindle Direct Publishing da Amazon. Conheceu sua esposa pela internet quando ainda era tudo mato, e ensina seu filho a cantar todas as aberturas de Dragon Ball. Tem uma (vaga) esperança de manter menos de cinco projetos literários simultâneos.

E-mail: laurokociuba@gmail.com

VICTOR ALMEIDA - Edição

Victor Almeida é bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pela UFRJ e especialista em Publishing Management pela FGV. Atualmente é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação (PPGTLCOM) da UFRJ e editor freelancer. Dependente químico de café, planeja secretamente um apocalipse muito específico contendo zumbis, robôs gigantes, garrafas de Mineirinho, guaxinins e o extermínio de todas as mangas do mundo.

E-mail: victor.almeida87@gmail.com

RAPHAEL ANDRADE - Ilustrações

Raphael Andrade é designer, artista de história em quadrinhos e ilustrador. Trabalha durante o dia (e às vezes parte da noite também) com publicidade, seu ganha pão até conseguir viver apenas de quadrinhos, e se dedica aos freelas e paixões no restante do tempo. Desenhou, escreveu e letrou diversas histórias para publicações independentes no Brasil, Estados Unidos e Portugal. Colaborador recorrente e responsável por (parte) da linguagem gráfica dos *Tempos Fantásticos*, é apaixonado por café, cachaça com mel, projetos mirabolantes e transporte público.

[NÃO TÃO] PERTO DO FIM

PARTE 3

No capítulo anterior…
Steven Tyler se aproxima, um quarto escondido, caixa Dako, Camila tem um amigo secreto que pode ajudar. Pode?
*****

10 de abril de 1966

José não conseguia tirar os olhos do velocímetro. O motor respondia bem, no auge da quarta marcha, enquanto o ponteiro se aproximava do limite de registro, 120 km/h. Tinha usado a

poupança dos pais para comprar o Fusca no ano anterior, e não queria fundir o motor com menos de seis meses de uso.

Mas seu emprego dependia disso. E o mundo.

Forçou a manivela para que a janela não abrisse com a tremedeira e pisou ainda mais no acelerador. Os retrovisores já tinham virado por conta do vento. Olhou para trás e admirou a poeira que o carro levantava. Pelo menos teria uma história para contar…

Caso sobrevivesse.

***

Carlos não sentia os dedos enquanto segurava a amurada e fitava o horizonte. Engoliu em seco, desejando que estivesse em um barco mais rápido, mas poucos se arriscariam a navegar por ali. O céu estava azul e o mar calmo. Distinguiu ao longe cascos de navios americanos e da União Soviética. Todos procurando por algo que não estava ali. Não mais.

Não queria ter entregue algo tão grande nas mãos dos novatos, mas não podia se dividir em três. José e Helena eram jovens, mas conseguiriam resolver. Precisavam conseguir.

***

Helena só não chorava por medo das lágrimas congelarem e cortarem seu rosto. Mas xingava. Não a plenos pulmões, pois estava frio demais. Praguejava com os olhos. O guia estava à frente dela, caminhando sobre a neve com uma desenvoltura invejável.

Tentou gritar para que ele esperasse, mas o vapor parecia chegar mais longe que a sua voz. Parou mesmo assim, e suspirou aliviada, pois o guia atendeu o pedido e estava esperando. Não podia demorar muito, ou os sapatos especiais para neve afundariam. Tirar a missão no palitinho foi uma péssima ideia. Teria reclamado se não tivesse sido sugestão dela, mas no fundo estava se amaldiçoando. Inspirou fundo, sentindo tudo do nariz

ao peito queimar de frio, e avançou em sua missão na Sibéria.

***

José desligou o motor, o escape do Fusca suspirando aliviado antes de silenciar. Ligou a luzinha do teto e abriu o mapa, conferindo a quilometragem no painel. Com uma régua, marcou o avanço. Estava na borda do círculo vermelho riscado pelo Carlos. Não era uma área grande para averiguar, mas estava longe do centro de Formosa. Estava no meio do nada.

— Acho que chegamos — anunciou José.

Sua mãe ficara toda empolgada quando José disse que viajaria a Goiás. Ela não expressou em palavras, mas era visível a esperança de uma namorada para o filho de 18 anos. Seu olhar perguntava se levaria companhia para as cachoeiras ou acampamentos de lá.

Mas não. O dia chegava, rasgando o horizonte em vermelho e apagando as estrelas, e não havia ninguém no banco do passageiro. Eram apenas ele e o Fusca verde-besouro contra o fim do mundo.

Saiu para esticar as costas. O dia prometia um calor úmido e a camisa florida já grudava no corpo devido à noite abafada. Respirou fundo o que sobrava da madrugada e procurou algum lugar para se abrigar. O descampado era enorme, praticamente toda a região marcada no mapa. Ao fundo, o início de uma mata poderia dar algum abrigo.

— Também tá com calor, não é? — perguntou para o carro, tamborilando no teto. — Vamos tentar resolver isso, que tal?

Deu de ombros e voltou para dentro do Fusca, que reclamou um pouco para ligar, mas obedeceu ao comando. José atravessou o descampado até algumas árvores.

***

Carlos apenas arranhava o espanhol, mas não o bastante para convencer o capitão a acelerar. Sua sorte é que dinheiro

sempre foi a língua mais conhecida depois da mímica. O barco que perseguiam parecia cada vez mais firme no horizonte, como se estivessem se aproximando.

— *¡Necesito velocidad!* — pediu Carlos, com a voz tão firme quanto a língua estrangeira permitia. — Por favor.

A costa se distanciava, junto com o bom humor do capitão, que resmungava no timão enquanto forçava o motor. Carlos apontava para o barco no horizonte, indicando que era aquele o destino. A resposta o fez agradecer por não entender tão bem a língua.

A espera no mar deu um tempo para ele digerir o que acontecia. Os militares haviam destruído o Centro. De diretor, Carlos agora era ninguém. Achou até que o Centro tinha durado bastante: quase dois anos. E todos aprenderam que reclamar não era muito inteligente, muito menos saudável.

Agradeceu por ter levado sua caixa de arquivos. As próximas previsões estavam ali e sua dedicação não era apenas com o país, era com o mundo. Pena que os outros funcionários, os que não desapareceram, não estavam dispostos a ajudar. Conseguiu evitar um A732 antes de ter que pedir ajuda. Apelou para os currículos do ano anterior, apenas dois dos sete candidatos vieram. No meio de uma corrida pela destruição.

Sons ao longe o tiraram do devaneio. Estranhou os trovões, já que o céu parecia limpo. Mas o que sabia do mar?

***

Helena encarava o fogo, com fome. Havia passado os últimos minutos decidindo se valia a pena tirar as luvas. Acabou tirando.

— É sempre assim? — Helena tentou puxar alguma conversa. Mesmo que não soubesse nada da língua, esperava que falar lhe aquecesse de alguma maneira. Abraçou o corpo e tremeu, tentando se fazer entender. — Frio?

O guia fez um sinal de mais ou menos com a mão.

— Mais ou menos? Eu tô morrendo aqui!

Outro grunhido como resposta.

Helena continuava tentando se aquecer no abrigo improvisado enquanto a neve a abraçava. Respirou fundo e pegou a jaqueta. Abriu dois conjuntos de botões e velcros até conseguir tirar o caderno.

O comprara havia três meses, para começar a escrever seu romance. Depois de duas semanas de páginas em branco, abandonou a ideia. Era um caderno de capa dura, com páginas amareladas costuradas a mão, que acabou virando algo como um diário.

Helena releu as primeiras anotações feitas, sempre com poucos detalhes, até as daquele dia. Suspirou. Na segunda folha, havia um rascunho às pressas feito com a mesma caneta. Helena comparou com o cenário. Não tinha como confundir, era aquele mesmo lugar, como a previsão disse. Uma seta no caderno apontava para uma região específica do relevo.

Tentou entender o que era à distância, mas a nevasca impossibilitava distinguir qualquer coisa. Suspirou e olhou para o guia, que mastigava um pedaço de peixe seco. Ele ofereceu um pedaço à Helena com um sorriso de dentes brancos em meio à barba amarela e encardida.

Ela aceitou e a segurou entre os dentes. Feliz por ter esvaziado a bexiga antes de vestir as roupas, acenou ao colega e levantou, buscando ao horizonte o destino marcado no caderno.

***

José estava deitado no capô do Fusca. As tulipas vermelhas da estampa da camisa estavam agora com manchas amarelas, e as calças jeans não estavam muito melhores. A barba rala também se confundia com os fiapos de manga. Tinha estacionado o Fusca com cuidado, o mais fundo que conseguiu nas árvores. Demorou para encontrar uma sombra que não fosse de uma mangueira. Amassar a lataria seria demais.

A espera debaixo das árvores o fez refletir. Não no que

estava fazendo ali agora, pois pensar nisso seria um caminho para desistir. Mas… e se fosse verdade? E se pudesse salvar o mundo?

Ele e Helena haviam chegado juntos para a entrevista de estágio. José estranhou que Carlos tivesse marcado num bar. A dúvida virou medo quando mencionou a desestruturação do Centro. O medo se tornou coragem quando foi desafiado a enfrentar aquilo. Tinha acabado de atingir a maioridade, de comprar seu primeiro carro e de terminar o curso técnico em eletrônica. As expectativas inconstantes não deixavam espaço para planos, e ele aceitou o desafio. O que custaria? Dois dias e alguns tanques de gasolina?

E uma camisa suja, gargalhou enquanto esfregava as manchas de manga. Conferiu o relógio: cinco e meia. A hora morta se aproximava, como diria Carlos.

— Tá quase na hora. — A mão alisou a lataria verde, seguido de dois tapas. — Vamos nessa, querida?

Levantou-se do capô e tirou a camisa, usando as partes menos suadas dela para limpar o rosto. Cogitou vesti-la de novo, mas suspirou e a embolou, antes de a atirar no banco de trás. Vestiu um chapéu, e então caminhou até a borda da mata, encarando a clareira.

Não demorou muito para que uma caminhonete levantasse poeira, saindo da rodovia em sua direção. José engoliu em seco. O peso do mundo nas suas costas parecia menos falso.

A caminhonete parou longe, mais perto da estrada do que ele imaginava. Um senhor idoso saiu do volante, os cabelos e jaleco brancos esvoaçando com o vento. Gritava muito, mas estava longe demais para que pudesse entender o quê. Logo outro homem desceu pela porta do passageiro. Era alto e forte, o que fez José procurar um galho por perto.

Foram até o fundo do veículo, o velho gesticulando o tempo todo. Ele carregava sem dificuldade algo que parecia um botijão de gás com uma armação metálica. Caminharam sem falar até metade do caminho, quando o velho gritou para que parassem.

José estava tentando entender o que era o equipamento que havia sido colocado no chão quando se assustou com o estampido. O revólver na mão do velho atirou mais duas vezes no outro homem.

Depois ele deu de ombros, cuspiu sobre o corpo e foi até a máquina.

***

Carlos não esperava que estivessem perseguindo um iate. Teria procurado outro barco, se soubesse. Amaldiçoava sua sorte — mas não tanto quanto o capitão, que o fazia em voz alta.

Ofereceu mais algumas notas e apontou para o barco. Talvez não precisasse oferecer — eles já estavam longe demais para voltar agora, mas não queria arriscar. Estava quase na hora.

— *¡Un poco más!* — pediu Carlos, mais para si do que ao capitão.

Quando perceberam o pequeno guindaste na popa do iate e entenderam que aquele formato estranho era o de uma bomba, o capitão mandou o marinheiro descer as escadas e depois silenciou.

A velocidade do barco foi reduzida assim que o capitão notou alguém de pé no iate, observando-os. O avanço foi lento, até que pudessem se comunicar de algum modo. Quando viram a pessoa levantar um rifle para os recém-chegados, o capitão apontou para ele a única arma a bordo: um arpão. Os dois homens armados começaram a discutir, aos gritos. O pouco que Carlos falava da língua foi soterrado pelas falas rápidas e ríspidas, além do medo. Se sobrevivesse, procuraria um curso de espanhol. Iria ser fluente na merda desse idioma.

Não havia explicado ao capitão o que faziam ali, então não precisou mentir ao homem. Carlos alternava o olhar, que ia do homem ao capitão, desesperado e tentando entender algo. Carlos sentiu o coração esmurrar o peito e as lágrimas escorrerem quando o capitão baixou o arpão em silêncio.

O barco voltou a avançar e, aos poucos, se aproximaram

do iate. Não havia à vista ninguém além do homem, que mirou o rifle em Carlos. Molhou os lábios, exibiu os dentes num sorriso rasgado. Inspirou fundo e atirou.

***

Helena amava o frio. *Amava*, num passado tão distante quanto a lembrança do calor.

Fizeram uma última parada antes do descampado. Não era um espaço protegido o bastante para uma fogueira, então ficaram no peixe seco. Tinha mais gosto de sal do que de peixe, mas havia caído bem no estômago. Antes de saírem, Helena entregou o caderno com o rascunho para o guia, apontando para o ponto marcado pela seta.

Ele assentiu, com o cenho franzido. Depois olhou o céu e fez um sinal com o polegar para baixo. O clima iria piorar. Então bateu nos óculos de proteção, para que ela os colocasse também. Mostrou os dentes brancos num sorriso antes de tapar o rosto com a gola da jaqueta.

Helena tremeu, guardou o caderno e colocou os óculos. Tinha certeza de que a pele tinha congelado e grudado na borracha, mas não fazia diferença conferir agora. Cobriu o rosto e levantou para avançar.

Num ritmo monótono e constante, pensava em tudo que a levara até ali. A juventude, os pais, a sensação de impotência e inutilidade. E agora, a possibilidade de fazer diferença. Repassou as anotações mentalmente, tentando definir o que deveria fazer.

Ter decidido agir não a fazia conhecer o futuro nem aliviava toda a insegurança, mas avançar em direção a algo a revigorava. Era ela, finalmente. O desconhecido estava ali, à frente, mas não como uma ameaça. Ali era seu lugar e decidira abraçá-lo. Essa escolha ajudava seus passos na neve, a tornava mais leve.

Parecia uma cápsula metálica, branca, com quase 2 metros de altura. Se não estivesse indicado no caderno, ela nunca a

encontraria. Estava apoiada em uma estrutura de aço prateada, elevada a pelo menos um metro do chão. E metade disso já havia sido coberto pela neve.

Não havia painel, luz nem nada. Apenas uma abertura no fundo, pequena demais, pequena até para colocar a mão dentro. Estava morna ao toque e emitia um zumbido. A chapa que a revestia não parecia grossa; os rebites, colocados com cuidado na superfície, eram pequenos e delicados.

O guia se mantinha à distância, os óculos e a nevasca não transpareciam sua reação. Não havia mais ninguém na região, apenas eles e a neve.

Helena bateu com o nó dos dedos na cápsula, que ressoou e elevou o tom do zumbido. Aos poucos foi ficando mais morna, deixando a área quase quente. Helena encarou o guia, que havia se aproximado. Ele assentiu e tirou da lateral da mochila um porrete grande de madeira, duro como o frio e de um negro tão profundo que parecia errado em meio à neve.

Ele levantou a arma e gritou antes de dar o golpe.

***

José não era muito de rezar, mas não conseguia controlar os lábios e a memória, que recitavam uma mistura sussurrada de Pai Nosso com Ave Maria.

O velho de jaleco e cabelos esvoaçantes estava de cócoras, virado para o aparelho que haviam trazido. O horário de verão atrasava um pouco mais o sol, deixando tudo num tom avermelhado. José segurava o tronco da árvore com força bastante para marcar a madeira. Já havia desistido de procurar um galho para se defender, estava pensando no que faria. E se faria.

Alguns minutos depois, levantou-se, apoiando a mão nas costas. Espanou a poeira do jaleco e caminhou de volta para a caminhonete.

Mesmo as picadas dos mosquitos passavam despercebidas para ele. Tudo parecia meio distante para José. Apenas quando o pulmão o forçou a soltar o ar que segurava, percebeu que

o equipamento estava só com o corpo ao lado dele, e o velho continuava a se afastar.

Forçou-se a olhar o relógio: menos de cinco minutos para as seis da tarde.

Era o momento certo. Havia alguma coisa ali, não tinha como duvidar. Chamar de coincidência seria irresponsável, tinha sido uma escolha. Riu ao pensar em salvar o mundo, mas tomou a decisão ao enfrentar a estrada.

Inspirou fundo e agiu.

Seus pés resistiram aos primeiros passos, mas aceitaram que ele salvaria o planeta e o fizeram correr. O peito sujo de manga e suor não o davam um ar heroico, mas José acelerava.

Nos últimos passos, percebeu o ar ficando turvo ao redor da máquina e hesitou, sem reduzir o passo. Ignorou o corpo no chão e chegou ao equipamento, que estava vibrando. Havia vários botões, luzes acesas e chaves, mas meio segundo bastou para escolher o botão grande e vermelho. Assim que o socou, tudo silenciou.

Um fôlego depois, a máquina soltou um pulso que atingiu a base e lançou uma onda pelo chão, quase derrubando José.

— Que merda é essa? — gritou o velho, a mão procurando o revólver. — Filho da puta!

José, a arma e o corpo estavam no meio do descampado. Sem galho, pedra e nem nada, a primeira escolha foi quase tão óbvia quanto o botão vermelho. Pegou o mecanismo e o levantou como escudo, agradecendo por ser bem mais leve do que aparentava.

O velho não baixou a arma, mas também não atirou. A segunda escolha de José não foi tão fácil, mas aprendeu com as surras da mãe que fugir andando para trás era uma péssima ideia. Respirou fundo, reunindo os fiapos de coragem que ainda restavam, e voltou a correr.

Um jovem de 18 anos sem camisa, sujo de manga, segurando um botijão de gás futurista, urrando enquanto avançava desengonçado para cima de um velho assassino e

armado. Não era um dos piores modos de morrer.

O velho hesitava, tentando mirar, mas os olhos arregalados estavam mais preocupados com o equipamento do que com José. A distância dos dois diminuía rápido demais. E quando decidiu agir, era tarde demais: José usou o próprio equipamento para trombar nele, atirando-o ao chão com a arma. Desequilibrado, o garoto ainda avançou alguns passos até cair sentado. Virou-se rápido, com medo de tomar um tiro nas costas, e colocou a máquina entre os dois.

Tentou segurá-la como uma arma, os controles para o lado dele e a parte de baixo para o velho, que estava sentado na terra. As mãos espalmadas tentavam acalmar José.

— Tá, garoto. — A voz dele estava calma. — O que está fazendo aqui?

— Eu… — José hesitou, então engoliu em seco. — Eu estou salvando o mundo.

O velho demorou um tempo para responder. Um bom tempo. Começou a rir, gargalhar, então enxugou as lágrimas e suspirou para tentar tomar controle.

— Salvar o mundo? — Ele se levantou e começou a caminhar mais descuidado na direção de José. — Do quê?

— De você. — José segurou mais firme a máquina, que não emitia nenhum som. O olhar do velho de jaleco não saía dela. — E disto aqui.

— Isso aí é uma aposta, garoto. Uma corrida. Como vou explicar essa merda…? — Colocou as mãos na cintura e continuou andando. — Fui contratado para fazer um buraco. É isso que essa máquina faz, um buraco. Acha que um buraco ia acabar com o mundo?

— Buraco? — José observou o campo e a máquina. — E como?

— Você desligou antes de começar. É muito interessante, veja bem. — Ele se inclinou, a alguns passos de José, e avançou devagar, explicando: — Ele cria um campo direcionado de… nada, como um túnel que devora tudo. Já ouviu falar em buraco negro?

— Acho que sim.

— Viu? É mais ou menos isso. Mais menos do que mais, na verdade. Praticamente inofensivo. — Ele deu de ombros, levando a mão ao bolso. — Posso fumar?

Não deu tempo de responder. A mão do velho estava saindo do bolso com o revólver quando o chão se abriu, meio passo à frente de onde José estava sentado. Um buraco imenso surgiu do nada, tragando tudo que estava na superfície. José mal teve tempo de ver o jaleco balançando ao vento enquanto caía com o velho.

No silêncio do entardecer, uma cratera nasceu. Nos instantes em que a máquina vibrou antes de ser desligada, o nada consumiu terra e pedra e o vento soprou para dentro, fazendo a pele de José arrepiar enquanto o imenso buraco engolia uma única lufada de ar. Tinha uns 300 metros de diâmetro, e pelo menos metade disso até o fundo.

José não conseguiu se mover. Abraçado com a máquina, encarava o buraco que, graças a ele, não acabou com o mundo. Só quando a noite caiu, ele ousou piscar e se levantar. As pernas reclamaram de cãibra, mas parecia algo distante e pequeno demais. Respirou, levantou com o aparelho estranho e caminhou até o carro, dando a volta no buraco.

Depois de tudo, a primeira pergunta coerente que se fez era se a máquina estragaria o estofado do Fusca.

***

Carlos segurou a perna e sentiu o sangue quente molhar os dedos. Esperou o segundo tiro, que não veio. Ergueu os olhos, protegendo-os do sol, e viu a corda que ia do iate até o arpão nas mãos do capitão. Ele segurava a arma, esperando. Depois de alguns instantes, olhou para Carlos.

— *¿La bomba americana?* — perguntou lentamente, articulando as palavras e apontando para a bomba no guindaste. — *¿Viene a recuperarla?*

— *Sí*. — A boca estava seca e a perna esfriava aos poucos,

trazendo a dor. Tentou entender melhor. — *¿Qué sucedió?*

— *Este barco fue robado.* — O capitão procurava as palavras mais simples para explicar. — *Sergio confirmó en la radio.*

O marinheiro subiu as escadas e se aproximou do capitão. Trocaram algumas palavras e o superior assentiu. Continuou segurando o arpão e indicou que ajudassem Carlos.

O tiro havia atravessado a perna, pelo menos uma preocupação a menos. Sergio limpou o ferimento e o suturou, usando boa parte dos primeiros socorros do navio para deixar a coxa de Carlos numa situação aceitável. Pelo menos o bastante para subir no iate e ver se estava tudo sob controle.

O arpão havia atravessado o peito do homem. Tinha quase a idade de Carlos, jovem demais. No convés, havia vários corpos amontoados, alguns com uniformes navais. Imaginou que era a tripulação que provavelmente o trouxera até ali.

No chão, um mapa naval indicava a região: o barco estava exatamente sobre uma fenda marítima. Uma escada apoiada no guindaste levava até a bomba, que estava com a lataria aberta e fiação à mostra.

Encostou as costas na amurada do iate e fechou os olhos um pouco. Quando abriu, era noite. Luzes de lanternas de oficiais vasculhando o barco o acordaram. Ele levantou as mãos e gritou para ser ouvido.

Agradeceu por falarem inglês.

O arpão não estava mais lá, nem sinal do outro barco. Não culpou o capitão. Não precisava de uma história muito elaborada, os soldados eram americanos e não queriam ouvir muito. Estavam desesperados procurando a bomba atômica perdida, e a haviam recuperado.

Carlos ficou feliz por pedirem que não se apresentasse às autoridades. Quanto menos explicasse, melhor. Uma arma nuclear perdida em território espanhol já era problema demais para eles; associar isso a um maluco que queria abrir o mundo ao meio poderia complicar o caso.

No fim, agradeceram a Carlos e ofereceram uma carona,

para onde quer que fosse. E ele não recusou.

Antes de sair do iate, olhou para o firmamento. As estrelas ainda eram as mesmas, o mar era o mesmo e a perna doía de forma absurda. Mas ainda estava vivo. Se o mundo não havia acabado ainda, José e Helena deveriam ter conseguido também.

***

Helena precisava de ar, mas a roupa estava pesada demais; o tecido encharcado não deixava que se movesse. Arfava, tentando respirar. Arrancou os óculos e baixou a gola alta do rosto. A neve que derretia e se tornava um riacho ao redor dela a deixava ainda mais desesperada.

Ficou de joelhos e olhou para cima, tentando se acalmar. O céu estava nublado, mas parecia que uma fenda se abria para o sul. E o ponto de partida estava acima da cabeça dela. A euforia começou a abandonar e o ar trouxe a razão de volta. Acalmou os dedos para soltar os botões e amarras da jaqueta.

Olhou para o lado e viu o guia deitado no chão, o casaco também aberto. Ele encarava o céu e respirava lentamente. Na sua mão estava o pedaço negro de madeira.

— Você está bem? — gritou, balançando a cabeça em seguida, que doeu ao som da própria voz.

Helena então levantou o polegar para o guia, que grunhiu em resposta e assentiu.

Então ela lembrou da ameaça e procurou o cilindro.

Estava caído e não parecia o mesmo. O golpe não o havia quebrado. Na verdade, podia ver a lataria afundada em um pedaço e um pequeno rasgo na chapa. A partir desse rasgo, uma teia de ferrugem parecia avançar lentamente sobre a superfície.

O cilindro gemia conforme enferrujava. O suporte metálico que o segurava já estava totalmente destruído, marcas avermelhadas no chão. A neve havia derretido, mas num formato estranho, como uma réplica da fenda que se abria no céu. O chão de terra molhada escoava para eles, formando uma poça

nos joelhos dela e nas costas do guia. Ao sul, era como se a neve tivesse sido limpa por alguns quilômetros. Tal qual uma fatia fina de bolo.

O furo do cilindro se abriu ainda mais em ferrugem e pó. Helena viu que era exatamente daquele ponto que partia o raio das mudanças. A neve derretida, o céu aberto, o calor e o desespero. O guia se sentou, ofegante. Levantou o pedaço de madeira e riu, quebrando-o sem esforço, as lascas de madeira antiga voando e caindo sobre a água.

Quando o chão tremeu, os dois arregalaram os olhos e se forçaram a levantar. O guia indicou o posto anterior e começou a correr sobre a neve. Helena se desesperou. Gritou como pôde, tentando subir o morro de neve que derretia, molhando ainda mais suas roupas e se perdendo em meio à sujeira.

A terra começou a ceder mais rápido sob seus pés. Estendeu a mão uma última vez, e sentiu agarrar em algo. Segurou com sua vida, agradecendo quando percebeu ser uma corda que a puxava. De olhos fechados, sentia o frio voltar a abraçá-la, mas não com o rigor de antes. Parecia que até a neve estava confusa com o que acontecia.

Conseguiu ficar de pé. Olhou para trás e viu que o chão se abria a partir da cápsula, mas não para baixo: se abria para o lado, como uma linha que mirava o horizonte. Havia alguns pinheiros no caminho, que pareciam crescer de modo torto e agoniado, num tempo acelerado. A neve derretida correu pela fenda que se abria até o horizonte. A visão de um terreno tão grande mudando, envelhecendo, era hipnotizante.

Só quando o guia a sacudiu, percebeu que precisavam de um abrigo. Acompanhou ele até uma cabana para viajantes. Era mais perto do que imaginava. Lá, precisou de um dia inteiro para recuperar o calor no corpo. Ao sair, a fenda estava estável, mas parecia uma cicatriz que se abria, avançando adiante e murchando a terra.

Não havia sinal da cápsula e o céu já estava se fechando novamente. Ela tinha salvado o mundo.

***

— E agora?

José virou o copo de cerveja e tomou de um gole. Depois de dois dias, a camisa florida estava limpa e passada.

— E agora o quê? — Carlos serviu um copo para Helena e outro para ele.

— Como assim o quê? — Helena tomou um gole. — Estamos contratados ou não?

— Não tenho muito dinheiro, já vou adiantando. — Carlos suspirou, achou que demoraria mais para perguntarem sobre o emprego. Achou errado. — E não é exatamente uma profissão segura.

— Carlos, a gente salvou a porra do mundo. — José tinha terminado o copo e pediu para o chefe encher novamente. — A. Porra. Do. Mundo. Salário é algo superestimado!

— Helena? — Carlos virou para a jovem e esperou ela esvaziar o copo.

— Bom. — Ela suspirou e a vista perdeu o foco por meio fôlego, então riu alto e levantou o copo para que Carlos enchesse. — A gente salvou a porra do mundo, não é? E salvou do que, afinal? Quando nos deu essas missões, não sabia muito bem.

— Trabalhar com profecias e previsões não é algo muito preciso. Acho que já perceberam isso. — Carlos tirou os óculos e limpou antes de continuar. — Com o depoimento de vocês e o que consegui na Espanha, acredito que se tratava de uma corrida.

José bateu o copo na mesa.

— Era tipo uma aposta pra ver quem acabava o mundo primeiro?

— Não acabar o mundo. Chegar o mais fundo, mais rápido. Era uma corrida de escavação. Nós acabamos ficando com esses três, os outros centros do mundo resolveram os deles. Foram treze casos no total — afirmou Carlos, dando de ombros. — O fim do mundo era só um efeito colateral. Não que eles

tivessem sanidade o suficiente para se importar com isso. Um gerador de antimatéria, um catalisador de tempo e uma bomba atômica numa fenda. Os gringos chamaram de "H197". Eu diria que é o equivalente a uma quarta-feira.

Os três riram e ofereceram os copos a Carlos, que os encheu.

— Bom… Helena, José, bem-vindos ao CACAC! — disse Carlos, levantando o copo para que brindassem. — Às quartas-feiras!

— Zeca — disse José entre um gole e outro.

— O quê?

— Podem me chamar de Zeca. — Ele abriu os braços para os colegas. — José Ezequias, Zeca. Não curto tanto o José. Desculpa não ter dito antes, mas queria mesmo o emprego.

— Tudo bem, Ezequias… Zeca. — Helena apontou para o Fusca. — E ele ali, tem nome?

— Ainda não, mas estava pensando em alguma coisa. — Ele levantou, caminhando até o carro estacionado na esquina do bar. — O que acham de Formosa?

Carlos riu e bebeu mais um gole de cerveja.

— É melhor do que H197. Como querem que decoremos esses códigos? — perguntou Helena. — A gente podia dar um nome mais fácil. Como tem escavadores, Terra, essas coisas… o que acham de Otto?

— Otto? — perguntou Carlos, confuso.

— É! Julio Verne, sabe? — Helena deu de ombros. — Fica mais fácil de lembrar, pelo menos. A gente podia dar uns nomes mais legais pra todos esses fins de mundo. Ajudaria a quebrar o gelo, eu acho.

— Boa ideia! — Carlos assentiu, gargalhando. — Não sei se vai ficar oficial, mas prefiro Otto também.

— Não que meu voto sirva pra alguma coisa, mas gostei — comentou Zeca, e então apontou para Formosa. — Falando nisso, tem um desintegrador de matéria ali no banco de trás. O que eu faço com aquilo?

— Isso é um problema. — Carlos suspirou. — Não temos um lugar para ficar.

Helena pensou por alguns instantes e respondeu:

— Acho que posso… ajudar… com isso.

— Helena, tá tudo bem?

Conforme a resposta não saía, ela fraquejou, caindo sobre a mesa. O grito de Carlos parecia distante e abafado, misturado ao som de vidro se quebrando.

Capitão, estamos a meia hora da terra.

Ótimo, Rosvaldo. Diga aos homens pra manterem a velocidade. Avise Fena que é hora. Peça pra ela arrumar suas tralhas e me encontrar na cabine.

Sim, senhor, capitão.

Quando Rosvaldo desapareceu, o capitão se permitiu afrouxar o peito, desguarnecer os músculos da perna, arquear os ombros e olhar o borrão azul que se espraiava à frente. Moleque ou homem no alto de suas faculdades, se orgulhava de divisar no carrilar do horizonte os humores do vento, de adivinhar como Odin, seu deus esquecido, soprava lá de cima. Descortinava mensagens nas nuvens, nos peixes e baleias que vinham à superfície beber de perto o calor do sol, no esgar dos rostos da tripulação a boca crivada que precisava de um pouco mais de ouro ou álcool pra apaziguar o espírito — e, quando isso não bastava, a prancha. Mas agora era um borrão depois do outro, nada que prestasse, e dependia sobretudo dos ouvidos pra continuar atinado no posto, e da memória que tracejava os caminhos de sua embarcação — fora dela, nu.

Ficou encravado na proa até descobrir o marrom no meio dos azuis. Desceu as escadas, vestindo o manquitolar com gingadas do quadril largo, e entrou na cabine. Fena estava ali, podia dizer pelo cheiro de vinagre que vinha do cabelo dela. Amuada no canto, abraçada à sua trouxa.

Pegou tudo, menina? Chegamos na casa de sua mãe. Você vai descer e, se os deuses forem bons, nunca mais subir. O que aqui tiver seu cheiro será queimado.

Hm-hm, ela resmungou, como costumava resmungar, falando pela entonação.

O capitão sentou na mesa, destampou a garrafa de rum e o serviu no copo de madeira escavada. Aproximou do rosto

os papéis que tinha ali em cima, perto da chama da vela. O mapa de seu castelo, o documento real que transferia a posse de todas as suas propriedades, incluindo escravos e navios, ao portador, suas cartas de crédito, a oração que a mãe tinha lhe ensinado no leito de morte. Tudo o que possuía de mais importante, montante pelo qual homens matariam, trairiam, roubariam, dobrado e amarrado num barbante. Voltou a olhar pra cama. Fena continuava do mesmo jeito. Bebeu o rum.

Sua mãe nunca disse por que você foi parar naquela ilha, ou disse?

Fena quieta.

Ela sabia que alguém chegaria lá, cedo ou tarde. Os marinheiros são tarados por um pedaço desavisado de terra. Aponte algo marcado num mapa a um homem do mar e ele escarra. Diga que nunca foi desenhado numa folha e os olhos brilham. Os verdadeiros homens. Os que conquistam e pilham e sangram e bebem e fodem até o sangue ferver. Mas ela sabia disso. E você, sabia?

Hm-hm.

O capitão ouviu os gritos da proa. O gingado do navio cedeu, as velas recolhidas. As cordas correram, o bote atingiu a água, a âncora mergulhou buscando o solo.

Venha, é hora.

Subiram a escadaria, e com a ajuda da tripulação desceram ao bote onde estava Rosvaldo, já segurando os remos. Na praia, Rosvaldo puxou o bote pra areia e os acompanhou até o limiar das árvores. Ali ficou. Seguiram juntos, o capitão e Fena, até o casebre. Fena disparou, abrindo a porta. O capitão enxergou, ali dentro, o que não podia enxergar lá fora. Viu a garota enroscada no pescoço da velha, na cadeira de balanço, as agulhas de tear largadas no chão.

Uma gentileza, é claro, disse a velha. Quero que veja pra quem está entregando tudo o que conquistou na vida.

O capitão tirou o punhado de papéis do bolso, jogou aos pés da cadeira. Fena apanhou e entregou à mãe.

Muito bem, minha filha. Fez bem. A semente?

A garota passou a mão na barriga.

Esplêndido. O animal lhe tratou bem quando revelou sua identidade?

Dessa vez ela demorou a responder, mas logo balançou a cabeça em sinal afirmativo.

Pois bem, disse a velha. Se aproxime, capitão. Se ajoelhe aqui ao meu lado.

O homem obedeceu, desabando sobre o joelho mole. A velha puxou um fio de seu cabelo, um fio de sua barba, e no tear trançou ambos com um fio preto de lã. Deu na boca da filha. A menina engoliu.

Vê, capitão? Levante. Ande. Pule. Respire. Meu jogo é minha honra.

O capitão levantou, mais rápido do que esperava. Fisgou um golfo de ar, os pulmões quase explodindo, e soltou um urro que findou numa gargalhada.

Quanto tempo?, ele perguntou.

Até o nascimento da criança, disse a velha. Sabe, é engraçado. Um velho encarquilhado como você. Não visse minha ilha, viveria menos tempo do que esses meses até o nascimento de minha neta. Pra você, minha filha foi uma bênção.

Não é o que dirão minha esposa, meus filhos, meus netos de verdade.

Eles aprenderão a se virar, capitão. Sem suas benesses. Sem sua herança. Esta fica pra sua última filha. Que é de verdade também, seu tolo.

Tolo? Quem procura seu destino é tolo? Tolo é quem o desconhece. Você, Fena. Acha que sobreviverá ao nascimento da criança? Já viu alguma das suas irmãs com a filha no colo? Desperdiço minhas horas aqui.

O capitão cuspiu, deu meia-volta e saiu. Na praia, disse a Rosvaldo que remasse de volta. Mergulhou e nadou feito um

peixe, escalou o navio pela corda, a tripulação enfileirada na amurada, boquiaberta. Hasteou uma das velas sozinho, disse aos homens que hasteassem as outras. E partiu, que as horas no mar tinham o dom de escorregar feito azeite, e ele tinha as que lhe restavam em alta conta.

Pela primeira vez em muito tempo, o capitão viu a linha do mar se chocar com a do céu, as nuvens enrodilhadas num cobre ferruginoso. Poucos homens tinham os dias contados e se permitiam sorrir com convicção. Os dentes do capitão brilhavam. ●

ISA PROSPERO - Autoria

Isa Prospero é tradutora e revisora. Escreve no blog literário *Sem Serifa*, é coautora do romance juvenil *Volto quando puder* (2016) e publicou histórias de ficção especulativa na antologia *Mitografias*, na *Superinteressante* e na revista *The Fantasist*, entre outros.

BÁRBARA PRINCE - Edição

Bárbara Prince é formada em Editoração pela ECA-USP e atua há oito anos no mercado editorial. Atualmente, é editora na Aleph, onde trabalha com obras de ficção científica, fantasia e cultura pop. Fala sobre cultura nerd no canal Invasão Bárbara no YouTube e sobre literatura no blog *Sem Serifa*.

DANTE LUIZ - Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

No capítulo anterior…

Os dois imortais entabulam uma conversa cheia de farpas, e Gaia percebe que eles se detestam. Inan fica furiosa com a ideia de Enli de libertar os demônios, e ele explica que deseja pôr fim à humanidade porque é uma espécie cruel que jamais evolui. Ele também acredita que o fim dos humanos trará o retorno da magia, cuja potência diminuiu drasticamente desde os tempos antigos e agora só reside em objetos como os colecionados pelos antiquários. Gaia emprega objetos da loja para batalhar com Enli, até perceber que não é páreo para o imortal. Então, agarra Inan e a jarra e usa um transportador para fugir.

*****

ESCOLHA

O mundo gira num redemoinho ao redor de Inan. Ela cai. Mas não é uma queda normal: como se estivesse no espaço ou em um sonho, é uma queda para baixo e para cima e para os lados. Uma queda quase metafórica.

Que tem um pouso terrivelmente literal.

O chão vem de encontro num borrão e esmaga sua bochecha, enviando uma pontada de dor até o cérebro. O braço direito é torcido e amassado embaixo do corpo. Ela solta um grunhido.

— É — resmunga Gaia ao seu lado, um conjunto de membros retorcidos. — Eu sei.

Elas ficam no chão por um momento. Inan sente dedos se soltarem dos dela enquanto Gaia se senta. Depois de um momento, ela faz o mesmo. O mundo ainda gira.

— É assim toda vez?

— Mais ou menos.

— Não deveria, sabe.

— Você já se transportou?

— Com outros magos, sim.

Gaia faz uma careta.

— Ainda não peguei o jeito. Transportadores são raros.

Inan pisca e tenta se orientar. A primeira coisa que sente é o frio. Elas não estão em São Paulo — provavelmente nem no hemisfério sul. O lugar é um apartamento de paredes descascadas e rachadas. Uma janela pequena e fechada filtra sons de uma cidade: buzinas, carros, o ronco de fábricas. O interior é apertado e escasso. Móveis simples e alguns livros e objetos aglomerados sobre uma mesa: coisas diversas que emanam uma leve magia e fazem Inan olhar para Gaia.

— Esse lugar é seu?

Gaia faz uma pequena reverência e abre os braços.

— Bem-vinda à China.

— *China?!*

— Ah, sim. Quer um chá? — Gaia levanta e sai da sala por um corredor. Alguns segundos depois, ela ouve sons duros de metal.

Inan se apoia na parede, vai até a janela fosca e a abre. Estão talvez no quarto ou quinto andar. Uma cidade industrial se descortina à sua frente, fábricas quadradas escondidas sob uma névoa grossa e asfixiante.

— Gaia, por que estamos na China?

— Longa história — Gaia diz do outro cômodo. Inan segue a voz e entra na menor cozinha que já viu na vida, que por acaso também é um banheiro. Senta a uma mesinha com duas cadeiras, ao lado de um chuveiro. — Tudo começou quando encontrei o transportador.

Gaia tira algo do pescoço e entrega a ela: um cordão com uma pequena moeda de cobre. Inan a vira e observa os símbolos gravados ali. A língua lhe foge por um momento e tem que ser buscada num recanto da memória.

— Dinastia Ming? — ela pergunta, enfim. Gaia assente, servindo o chá em duas xícaras delicadas de porcelana. Elas vieram de um armário que também guarda uma escova de dentes. — Onde encontrou isto?

— Feira do Bixiga. Acredita?

Inan sorri.

— Já vi coisas mais estranhas.

Gaia se senta diante dela e por um momento as duas tomam o chá em silêncio.

— A moeda estava dormente quando a encontrei — Gaia explica —, mas senti que havia algo de especial nela. Quando percebi que era um transportador, nem acreditei. Resolvi testar e vim parar aqui. É, sem aviso. Este lugar não era desabitado, inclusive, e quase matei de susto as duas operárias que moravam aqui. Eu tinha dez reais na carteira e meu celular. E — ela acrescenta, apontando para si mesma —, como pode imaginar, não me disfarcei muito bem entre a população local. Na verdade, quase criei um leve incidente diplomático, mas no fim

deu tudo certo. Consegui entrar em contato com um mago de Shenzhen e ele veio me resgatar e me ajudou a pegar um voo.

Inan ergue uma sobrancelha, parando de girar a moeda na mão.

— Ela só transporta em um *sentido*?

— É aí que fica interessante — Gaia sorri. — Eu e meu salvador começamos a investigar quem poderia ter criado a moeda, e descobrimos que um mago morava nesta região lá pelo século quinze. Encontramos uns documentos sobre ele e descobrimos que sua esposa tinha amnésia… ou possivelmente só sofria de velhice. Os diários dele falam da dificuldade de mantê-la dentro de casa. No lugar dele, se você quisesse se certificar de que nunca perderia sua esposa desmemoriada…

— …eu criaria algo que sempre a trouxesse para casa.

— Exato. O problema é que eu não entendi isso de primeira, senão poderia ter evitado três voos e duas conexões. No fim, tive um belo trabalho com a moeda. Depois que entendi sua função, precisei convencê-la de que minha casa não era aqui… ou não *só* aqui, já que comprei este lugar para poder ir e voltar sempre que quisesse. O transporte para outros lugares exige uma boa dose de concentração, mas agora consigo fazê-lo.

— Qualquer lugar? — perguntou Inan.

— Não. Não consegui mudar a essência da moeda, então ela só nos leva a lugares de origem ou… — Ela procura a palavra. — *Pertencimento*. O lugar onde você nasceu ou onde mora, ou talvez um lugar onde passa tanto tempo que é praticamente uma segunda casa. Eu consigo voltar pro meu apartamento de São Paulo ou para a casa dos meus pais no interior. Não é a maior descoberta da magia moderna, mas se você está, ah, não sei, fugindo de um assassino imortal, pode ser útil. — *Faz sentido*, Inan pensa. A magia é impulsionada por instintos muito pessoais; seria possível transformar um comando como aquele em algo específico para cada pessoa. O sorriso de Gaia perde um pouco do brilho quando ela continua: — Claro, Enli também pode se transportar, e provavelmente com muito mais facilidade…

Inan suspira.

— Ele teve muito tempo pra aprender.

— Dez mil anos. — Gaia ri de repente. — E não tem nada nesse mundo que ele não saiba demais?

Um sorriso torce os lábios de Inan.

— Ele odeia essa música. — Então seu bom humor se dissipa. — Creio que Raul exagerava a onisciência dos imortais, mas Enli é de fato incomparável, ao menos no que se refere a magia.

Ela sente a culpa azedar o chá. Se tivesse se dedicado ao assunto tanto quanto Enli, poderia ter descoberto um jeito de se transportar como ele? Ou qualquer coisa que as ajudasse agora?

— Quais são nossas opções? — Gaia pergunta.

— Ele não estava mentindo — Inan diz. — Uma hora vai encontrar a jarra. Mesmo que precise se deslocar para cada canto do planeta até sentir a presença dela. Agora que sabe o que está procurando…

— Vamos jogá-la no mar. O que ele vai fazer, vasculhar o leito oceânico?

— Imortal, lembra?

Gaia resmunga um palavrão.

— Não é possível que não haja uma Montanha da Perdição onde dê pra destruir esse negócio! Essa tal… era de ouro que ele mencionou. Era tão diferente assim?

Inan gira o chá na xícara. A ideia de explicar as diferenças do mundo de quando ela era jovem — *juventude* sendo um conceito que nem ela sabe bem como definir — é intimidadora. Ela pousa a moeda na mesa entre as duas.

— Esse transportador. Você descobriu como funciona e conseguiu ativá-lo. Conseguiria criar algo igual?

— Você sabe que não. Que eu saiba, ninguém cria um transportador há uns trezentos anos.

— Pense em toda a magia necessária para criar algo assim usando nada exceto o poder dentro de si. Imagine criar

algo com cem vezes essa força, ou mil, um milhão de vezes. É inútil sequer mencionar medidas porque não temos como concebê-las. É isso que se perdeu desde a era de ouro.

Os antiquários se tornaram populares — e importantes — quando a magia começou a escassear, agarrando-se a objetos em vez de fluir livre no ar; quando, em vez de produzir, os magos tiveram que se contentar com usar e adaptar o trabalho alheio. Então começaram as competições, as corridas e as trocas insanas e ávidas, seguidas por roubos e assassinatos — e então Inan decidiu que poderia ser uma presença constante e regulatória. Encontrou um papel que estava disposta a cumprir, que permitiria ajudar sem se imiscuir demais em assuntos humanos. Claro que havia muitos outros: por todo o mundo, colecionadores se distribuíam numa rede. Resquícios de magia eram trocados e explorados por aqueles em quem os poderes antigos, por qualquer motivo, ainda respiravam. Mas era como raspar as borras de uma xícara depois que todo o líquido fora consumido.

— Por que a magia acabou? — pergunta Gaia.

— Não se sabe. Talvez seja o seu ciclo natural. E talvez — ela acrescenta num sussurro — seja melhor assim.

Gaia dá uma gargalhada.

— Fale por si só, querida Inan. No momento, eu adoraria possuir poder incomensurável.

Inan esboça um sorriso, mas não responde. A verdade é que ela lembra como era a vida quando deuses primordiais rasgavam a terra e os céus e a magia ainda era capaz de rugir como uma tempestade.

E lembra que os humanos raramente levavam a melhor nessa batalha.

Talvez, querida Gaia, você só esteja aqui porque a magia teve que morrer.

***

Elas pensam em alternativas. Gaia fala com uma série de

contatos, sem explicar exatamente *o que* elas têm em mãos, mas deixando clara a seriedade do problema. A maga se conecta com uma dezena de países em três continentes, recebendo sugestões e ofertas de asilo que elas precisam graciosamente recusar.

Agora Gaia está sentada de pernas cruzadas num colchão na sala, o laptop ao seu lado no chão depois de mais uma conversa infrutífera. A sala minúscula dobra como quarto. O lugar é uma bagunça, mas tem… personalidade. Inan sente que entrou num refúgio, num canto da mente e da vida de Gaia, e que isso abriu caminho para uma intimidade pela qual ela anseia. Pela qual sempre tentou não ansiar.

Ela se xinga por dentro. *Não importa o que você quer*. Ela olha para a mesa de centro, onde demônios ancestrais estão escondidos numa jarra de cerâmica.

Faz algumas horas que ela desistiu de ficar parada e anda de um lado para outro. Com o passar do tempo, os sons lá de fora se tornaram abafados e intermitentes. Inan para na janela e observa a cidade. É tomada por saudades da loja. Oitenta anos não é nada comparado ao que viveu antes, mas cada vez que se acomoda por algumas décadas ela sente que encontrou um tipo de lar. Sempre se adequou melhor ao calor, tanto solar como humano. De repente, sente um medo intenso de que Enli possa ter destruído sua loja, ou de que ela esteja enterrada sob uma colina de açúcar. Então se recrimina por dar tanta importância a meros objetos.

— Nada de… — Gaia boceja. — Ah, nada de nada. Takumi não sabe como ajudar.

— Eu não sei o que fazer — Inan admite. — Não podemos destruí-la. Não podemos escondê-la. Não podemos impedir Enli de ir atrás dela.

Silêncio. Então:

— Inan?

— Hmm?

— Você já se perguntou se ele está certo?

Inan vira para ela. Não precisa perguntar do que está falando.

— Quer dizer, nada do que ele disse é exatamente mentira — Gaia continua, um sorriso amargo torcendo os lábios. — Nós… *humanos*… não paramos de matar e ferir uns aos outros. Demoramos para aprender lições e às vezes esquecemos logo depois. Todos esses milênios de história e todos os ideais a que chegamos e ainda há sofrimento e escravidão e guerra. Acho que, se tivesse vivido milhares de anos, me sentiria como ele. Diabos, nem cheguei aos trinta e já sinto. Você não? Nem um pouco?

Milhares de anos. Ela entende que isso pareça muito tempo a um humano, com suas vidas que às vezes mal começam e já chegam ao fim, mas para ela… para ela, nunca foi assim.

— Sabe quando as pessoas dizem que uma vida não é suficiente pra tudo que querem fazer? Elas nem sabem como estão certas. Era de imaginar que eu estivesse entediada, mas sabe quantos livros ainda não li? Quantas línguas não dominei? Passei vinte anos só tentando tocar violino até perceber que não tenho talento pra isso. E claro, agora existem séries. Uma invenção maravilhosa.

Gaia dá um risinho e se recosta na parede com um suspiro. Ela nunca falou muito sobre o passado, mas Inan captou que a maga não teve uma infância privilegiada — e sabe que hoje, assim como na maior parte da história, a vida para qualquer um que não nasceu no topo é uma longa e árdua escalada.

Inan vai até ela e senta à sua frente de pernas cruzadas.

— Todo esse tempo e eu nunca parei de me surpreender — ela diz. — Até nos períodos que vocês chamam de idades das trevas, você não imagina quanta luz encontrei. E pessoas, pessoas extraordinárias! A história é terrível, sim. E linda. Ah, os filósofos já disseram de tudo sobre a beleza: que é efêmera, que é eterna. A verdade é que pode ser ambos. É uma dança que vi antes da invenção das câmeras e que agora existe apenas na minha memória, e são pedras que estão em pé há 5 mil anos. — *É um amor que tive há milênios*, ela pensa, *e é você diante de mim*. — Não importa como, ela sempre existe, em todo lugar, em toda época. Enli não acha que isso seja suficiente para

justificar a permanência de uma espécie que constantemente causa sofrimento a si mesma. Mas não consigo fechar os olhos e pensar que não seria uma pena negar uma chance para que as pessoas percebam seu potencial. E, quem sabe, um dia protejam esse potencial com tudo o que têm. Então, não. Nunca me ocorreu que o fim da humanidade seria a resposta. Se os humanos estão fadados a dar fim a si mesmos, que façam isso com as próprias mãos, em seu próprio tempo. Não acho que eu ou ele tenhamos qualquer papel nisso.

O sorriso de Gaia não abre tanto quanto desabrocha.

— Se ama a humanidade desse jeito — pergunta —, por que não se envolve com ela?

Inan se remexe, desconfortável.

— Enli se envolveu. Pode não parecer agora, mas por muito tempo… ele se envolveu. É impossível se desiludir sem ter esperanças primeiro. E ele terminou assim.

— Você não terminaria.

— Como sabe?

— Porque está aqui.

Ela balança a cabeça.

— Eu só quero ficar em paz, com as minhas coisas. — Coisas que nunca morriam. Coisas que sempre estariam ali. Ao contrário de humanos, breves e frágeis.

(E brilhantes como nenhum objeto, mágico ou não, jamais poderia ser.)

Gaia solta o ar.

— Que conveniente.

Inan olha para ela. Agora não há nenhuma sonolência nos olhos afiados.

— O que você sugeriria que eu fizesse?

— *Vivesse*.

— Tenho vivido há um bom tempo.

— Tem mesmo?

— Você não entende.

— Então me explique.

Inan balança a cabeça. Como se fosse assim tão simples.

— Eu não sei o que eu sou — ela diz através de dentes cerrados. É quase uma admissão de fracasso, uma frustração muito, muito antiga. — Não recebi nenhum manual de instruções quando apareci neste mundo. Não sei se fui criada por algum deus ou força maior ou algo assim. Não sei qual o meu *propósito*!

Gaia dá um riso de escárnio.

— Nem você, nem ninguém — ela dispara. — Bem-vinda à experiência única de ser humana! Não saber de onde veio, para onde vai e se tem algum sentido nisso tudo! Você não é tão especial assim, Inan!

A garganta de Inan já está formando uma palavra que ela não sabe bem qual vai ser quando a lâmpada nua da sala falha. Ela se cala, olha para cima. Gaia se levanta quando a luz da cozinha e de um abajur começam a piscar também, enlouquecidas. A janela de vidro fosco estremece, como se alguém a tivesse golpeado de fora. Uma vibração inunda o corpo de Inan. Algo cai e se quebra no banheiro-cozinha — uma das xícaras, talvez.

Gaia olha para ela.

— Ele está aqui.

A imortal fecha os olhos. *Pense, pense, pense*. Mas de que adianta pensar, se ela não sabe fazer nada?

— Gaia, vá embora — ela diz, tirando a moeda do bolso e empurrando-a para as mãos da outra. — Volte pra casa.

— E você vai fazer o quê contra ele? Não!

— Você não pode derrotá-lo!

— Nem você. E ele ganha a jarra e daí estou morta mesmo assim, eu e o resto do mundo!

A mesa coberta de objetos balança e a pilha tomba contra uma parede, deslizando para o chão. Gaia se move: murmura feitiços, proteções, dispondo objetos em cantos estratégicos

da sala, mas deve saber que nada vai segurar Enli por muito tempo. Ela pega o abafador e se aproxima de Inan.

— É o seguinte: a gente tem que sair daqui, e ele sabe onde eu moro.

— Onde *eu* moro também! — Inan exclama. *Pense, pense, pense*. Não é possível que milhares de anos de existência não lhe deem nenhuma resposta. Não é possível que ela não tenha aprendido nada. Mas a cabeça está vazia, dominada pelo terror.

Ela abre a mão e olha para a moeda. Lugares de pertencimento. *De onde você veio? Aonde você pertence?* Ela já morou em todo canto do mundo. Há algo na loja que possa ajudá-las? Há algum lugar onde possam se esconder de Enli?

Então a resposta se apresenta, óbvia e dura como um tapa na cara.

A magia sonda seus limites, suas barreiras. Tudo nela quer resistir. Seus muros retribuem a força da sondagem, protegendo-a em seus esconderijos áridos. No entanto, ali está Gaia, olhando-a com medo e coragem, desespero e esperança. Perdê-la é inevitável, mas não assim. Não tão cedo. Inan não vai abrir mão dela. Ao contrário, toma-lhe a sua.

Seus muros rangem, guincham e protestam e, pela primeira vez em muito, muito tempo, ela se obriga a derrubá-los. Um a um eles caem e, por trás, espreitam milhares de anos: anos que a aterrorizam além de qualquer medida. Não só os que ficaram para trás como os que vêm pela frente. Como é possível suportar algo assim? Sozinha? O que ela realmente teme é isto: não há saída para ela. Nenhum esquecimento. Nenhum sono eterno. Se ela sentir algo, deverá sentir para sempre, e para sempre é tempo *demais*. Se sentir, deverá sentir completamente, e suportar qualquer agonia que isso lhe traga.

Mas, no fim das contas, as pessoas não fazem isso o tempo todo?

A magia flui por suas veias e bebe suas lembranças. Ela aperta a moeda e as traz à tona, uma a uma, como flores colhidas de um vaso.

Amores perdidos. Amigos mortos. Injustiças presenciadas. Massacres testemunhados. Cada memória uma camada de pele esfolada, até que tudo que resta são nervos à mostra. O poder testa sua convicção.

Eu aceito o que sinto, ela pensa. *E sei aonde quero ir.*

Então as transporta.

Marina fez força contra o espelho na parede acima da pia mais uma vez.

Será que estava ficando doida que nem a vovó? Quantas pessoas empurravam o espelho? Imaginava que a maioria nem o tocava, a não ser pra limpar alguma mancha.

Mas não importava; precisava resolver aquilo, porque sabia que tinha visto algo errado em seu reflexo. Um sutil espasmo no olho esquerdo, uma rápida crispada nos lábios, um gemido baixo que ela tinha certeza de não ter soltado.

Ajoelhada no granito molhado da pia, fixou os braços, fechou os olhos e cerrou os dentes. Baixou a cabeça e empurrou de novo, tentando vencer a cópia do outro lado, mas ela era tão forte quanto Marina. Talvez tivessem exatamente a mesma força.

Abriu um olho, só um pouquinho, para ver se pescava alguma diferença, mas o reflexo a olhava do mesmo jeito, por entre as mechas do cabelo caído, com as mãos posicionadas perfeitamente em cima das dela.

A lâmpada do banheiro piscou e zumbiu, jogando Marina no escuro por um segundo. Ela tirou as mãos do espelho, engordurado pelos seus toques, e recuou em triunfo, quase caindo da pia. Quando a luz amarela voltou a se derramar pelo ambiente, não restaram dúvidas. A lâmpada do reflexo havia demorado um segundinho a mais para piscar, e a sua cópia engoliu saliva como se fosse pedra, coisa que Marina não fez. Não fez, certo? Certo, claro. Não deixaria que a malandrinha do outro lado fizesse jogos mentais.

As duas semicerraram os olhos e cruzaram os braços. Uma gorda gota de água ficou pendurada na ponta da torneira, esticando-se como se tomasse coragem, até mergulhar direto no ralo, sem nenhum ruído.

Marina pulou da pia, puxando o ar com um assobio quando tocou o azulejo gelado com os pés descalços, correu

para o seu quarto, escancarou a porta branca do armário e se encarou naquele espelho. De pé, ficaria numa posição melhor contra sua inimiga.

Arregaçou as longas mangas do casaco, que sempre acabavam cobrindo seus dedos, e empurrou o reflexo. Flexionou a perna esquerda e apoiou o pé direito mais atrás para ganhar impulso. O esforço a fez contrair a barriga e perder o fôlego.

E então a cópia cedeu, para surpresa de Marina. As mãos da menina atravessaram a superfície do espelho, mas ele não se quebrou. Ele parecia feito de caramelo derretido, grosso e pegajoso ao toque, causando grossas ondulações em volta dos pulsos enfiados.

Marina parou de forçar — e seu coração quase parou junto — quando ouviu o choro.

— Por favor — implorou seu reflexo —, não venha. Estou tentando te proteger.

Marina arrancou os braços do espelho e percebeu que sua cópia não a imitava mais. O reflexo chorava, rosto e olhos vermelhos, lábios trêmulos.

— O-o quê… — Marina nem sabia por onde começar. Esticou as mangas do casaco e cruzou os braços para espantar o frio anormal que grudava na sua pele. — Proteger do quê?

— Do mundo de cá — explicou a Marina do espelho. — Onde as coisas ruins moram. Os monstros, os bichos, os fracassos.

Marina inclinou a cabeça de lado.

— Como assim?

— Sabe os monstros que você tem medo?

— Sei.

— Sabe as coisas que você às vezes acha que vê no escuro?

— Uhum.

— Todas elas existem aqui. — O reflexo enxugou as lágrimas e se recompôs. — Os monstros ganham vida, os seus medos se realizam. Eu impeço eles de chegarem até você.

— Nossa. — Boquiaberta, Marina aproximou-se do espelho. — E as coisas boas? Não tem nenhuma aí?

— Tem, sim. — O reflexo sorriu. — Todos os seus sonhos me ajudam a lutar contra os pesadelos.

Marina, ao ver o próprio sorriso no espelho, também sorriu. Talvez fosse a força do hábito.

Os sonhos ajudavam a Marina do outro lado. Tentaria sonhar com um monte de dragões para seu reflexo poder montar e voar.

Ainda tinha mil perguntas, mas o grito de sua mãe chamando para o almoço, vindo da cozinha, fez com que a menina se virasse para a porta do quarto. Quando olhou de novo para o espelho, ele a imitava perfeitamente.

Apoiou a mão no seu reflexo, que repetiu o gesto. A superfície estava lisa e dura como sempre. Marina respirou fundo e acenou uma vez com a cabeça.

Ela não deixaria sua cópia enfrentar monstros sozinha.

Pensou em chamar alguém para ir junto, mas nem o pessoal da escola ou as crianças do prédio gostavam de brincar com ela. Sem problema. Quem sabe sua cópia quisesse ser também sua primeira amiga? A perspectiva a animou.

Um ronronar preguiçoso veio de baixo, e algo macio roçou seus tornozelos. Marina pegou um gato cinzento e barrigudo no colo.

— Tá bom, seu ciumento, minha segunda amiga. — Marina estudou o gato por alguns segundos. — Quer ir comigo, Pança?

Pança a encarou como se não acreditasse na ousadia de sua humana em tirá-lo do chão sem oferecer comida, carinho ou devoção. Ele miou. Marina aceitou isso como um sim.

— Então vamos.

Ajudaria seu reflexo no mundo do outro lado do espelho, onde as duas se armariam de sonhos e combateriam os pesadelos. ●

MICHEL PERES - Autoria

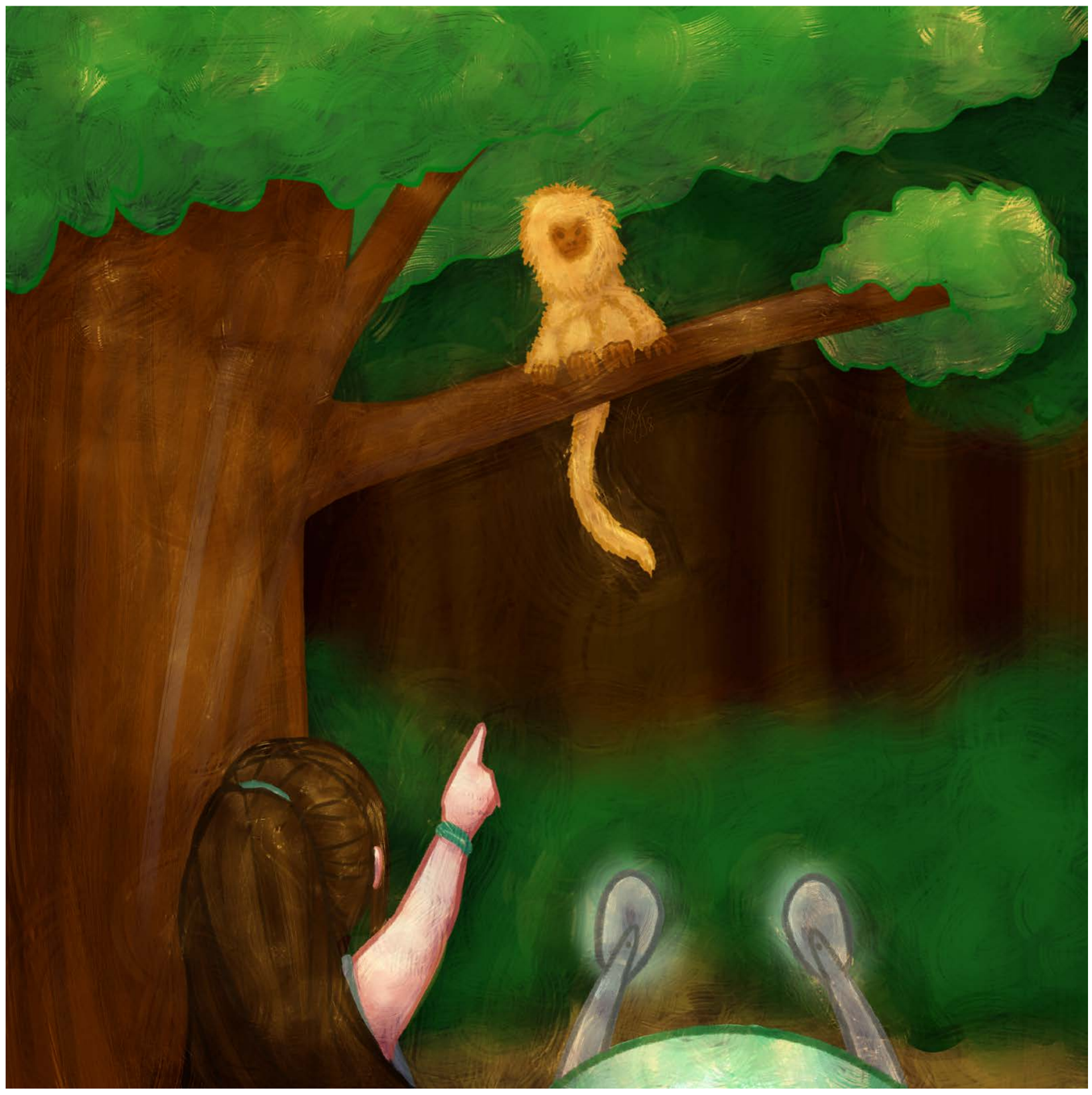
Michel Peres é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), escreveu poesias que nunca passaram pelo crivo da gaveta e vive a desenvolver a sua mitologia pessoal (divertindo-se bastante com isso). Escreveu para o site *Obvious* e já teve contos publicados no site *Leitor Cabuloso*, *Mitografias* e nas revistas *Trasgo* e *Somnium*.

RODRIGO RAHMATI - Edição

Rodrigo Rahmati nasceu em Uberaba, mas mora em Sorocaba. É revisor e escritor desde 2006 e publicado pela primeira vez em 2016, com contos pela editora Draco e seu primeiro romance *O Arquivo dos Sonhos Perdidos*. Tem vários contos espalhados por aí, em todos os gêneros; coeditor dos contos do site *Leitor Cabuloso* e coorganizador da coletânea anual *Realidades Cabulosas*. Lançou seu segundo romance em 2017, *Nefelibata ou O Fotógrafo*, e pretende viver de literatura (ou ao menos não morrer por causa dela). Revisou o romance *O Templo dos Ventos*, de Marcelo Zaniolo, e a *Antologia Mitografias: Mitos Modernos*.

MAYARA BARROS - Ilustrações

Mayara Barros nasceu em 1992, no Rio de Janeiro. Formada em Jornalismo pela Uerj, é Mestre em Comunicação. Publicou *Caleidoscópio*, pela Editora Illuminare, e os contos *Crystalline* e *Preferida*, como ebook na Amazon. Participou das antologias *Contos de Fada*, *Anjos e Demônios*, ambas da Illuminare; *Valquírias*, da Darda Editora, e Momentum, organizada e editada por Gabriela Martins. Atua como editora-chefe na Revista Avessa desde 2014 e mantém um blog pessoal, *Naive Heart*, desde 2011.



No capítulo anterior…

Filipa, Zi e Chico resolvem passar a noite em uma comunidade de pescadores na beira do rio Javari. Os três se hospedam na casa de uma família, que os recebe em troca de roupas e pilhas. Antes de dormir, Filipa anota em seu diário os acontecimentos do dia. Na manhã seguinte, ela descobre que Chico fugiu, deixando-a para trás. Percebendo que ele leu seu diário, ela conclui que Chico ficou com medo de serem perseguidos pelos traficantes, com certeza enfurecidos após a descoberta do laboratório secreto. Sem desistir da missão, Filipa decide continuar subindo o Javari. Porém, ela precisa de outro barco e de alguém que pudesse guiá-la até os mayorunas, tribo conhecida por capturar as mariposas-cavalo.*****

Era uma voadeira velha e comportava pouco mais da metade das bagagens — as outras, Filipa deixara com a família de Tekpam. Tinha alguns furos no casco, o que ela conseguiu remediar com um spray isolante. Era uma voadeira velha, mas o motor funcionava. E ela arranjara um novo guia.

Tekpam — assim se chamava a menina de cabelos longos — ia na proa com o droide. Ela dizia conhecer o caminho até os mayorunas e oferecera sua ajuda. Parecia contente, usando uma das camisas com que Filipa presenteara sua família, junto com algumas pilhas e outras miudezas que, para aquela gente, eram pequenas fortunas. Foi assim que Filipa conseguiu a voadeira, barganhando com um pescador, vizinho de Tekpam. Ela sabia que, em lugares tão remotos, uma simples pilha era capaz de abrir mais portas do que ouro.

Em um dialeto que misturava português, espanhol e palavras nativas da região, Tekpam explicou que eles se aproximavam de Atalaia do Norte. Dali seriam apenas mais alguns quilômetros rio acima até os mayorunas.

— Os mayorunas das mariposas-cavalos…? *Ma-ri-po-sas-ca-va-los* — Filipa se certificou. Ela conduzia a voadeira.

— *Si, mariposas* — a garota disse, levando uma mão à garganta e a outra à genitália, acompanhando o gesto com um esgar demente.

Filipa não demonstrou surpresa. Conhecia relatos sobre os efeitos afrodisíacos dessas mariposas; os mayorunas as usavam por isso, assim como para produzir um veneno capaz de bloquear as vias aéreas dos inimigos. Sexo e morte caminhavam tão próximos que era fácil entender porque a Fundação queria tanto esses insetos.

Próximo à Atalaia do Norte, a voadeira se moveu mais devagar, como se o esgoto da cidade engrossasse as águas do Javari. Tekpam apontou para frente. Montada como estava sobre o droide, ela parecia saída de alguma antiga animação japonesa.

— A curva! — ela gritou.

Navegaram por mais oito quilômetros, passando por

trechos que se diferenciavam pouco de outras florestas que Filipa já visitara. Para onde quer que se olhasse, a vista era tomada por um panorama infinito de troncos, galhos e folhas, salpicado hora e outra por algumas palafitas, paradas diante do sol como animais de sangue frio.

Eram duas da tarde quando, ao longe, Filipa viu um rapaz no topo de um barranco, atraído possivelmente pelo ronco do motor. Ela guiou a voadeira até a margem.

O rapaz vestia uma bermuda e estava com o peito descoberto, uma garrucha pendurada sobre o ombro. Tinha um rosto forte e belo e acompanhava a aproximação do barco com uma expressão neutra, uma expressão que poderia significar curiosidade ou tensão controlada.

Com cuidado e evitando movimentos bruscos, Filipa desligou o motor.

— Fiquem aqui — ela sussurrou ao droide e à menina.

Ao sair da voadeira, ela percebeu uma mudança no rosto do rapaz, uma milimétrica acentuação na testa quando ele se deparou com a sua prótese. Ela se aproximou do barranco e olhou para cima, apoiando um dos pés sobre a terra mole e vermelha.

— Olá.

O rapaz a encarou com altivez. Fora os cabelos, ele não apresentava nenhum pelo no corpo e a pintura que usava nas bochechas — dois traços escuros feitos com algum pigmento — parecia realçar a desconfiança em seus olhos.

— Olá — ele respondeu.

— Estou à procura dos mayorunas.

Ele olhou para a voadeira, fixando-se ali por um tempo e depois de volta a Filipa.

— E o que quer com eles?

— Mariposas-cavalos — ela respondeu. — Dizem que os mayorunas são os únicos que sabem como capturá-las.

— O droide… ele é seu?

Filipa olhou rapidamente para trás, surpresa com o fato

do índio reconhecer um droide.

— Sim, é.

O rapaz assentiu e coçou com o dedão o lugar onde haveria uma sobrancelha.

O que ele queria dizer com aquilo?

— Será que nos poderias ajudar?

— Com o quê?

— A chegar aos mayorunas. A menina ali do barco disse que conhecia o caminho, mas agora já não parece tão certa.

— Subam — ele disse, dando as costas e sumindo de vista.

Ela se virou para trás.

— O que acha? — ela perguntou a Tekpam; a garota estava pendurada sobre o droide como um gato.

— *Mañana portentosa!*

Filipa soltou um suspiro e voltou ao barco.

Ela e Zi puxaram a voadeira para a margem; cobriram-na com folhas e galhos e subiram o barranco. No topo, havia um descampado e o rapaz os esperava sob a sombra de uma árvore, protegendo-se do sol. A floresta principiava logo atrás dele.

— Tu és mayoruna? — Filipa perguntou.

— Sou — ele respondeu, olhando pra sua mochila. — O que traz aí?

— Comida. Meu nome é Filipa. Estes são Tekpam e Zi.

— Zi… — ele repetiu, encarando o droide. — Meu nome é Fabrício. Venham. Vou levá-los até meu pai.

Eles entraram na floresta. A trilha era estreita e densa, os raios do sol mal conseguindo atingir os galhos sobre suas cabeças. O droide se ofereceu para cortar o mato, mas Filipa achou melhor não. A terra pertencia aos mayorunas e, mesmo Fabrício não correspondendo à imagem que ela tinha de um indígena, era melhor não fazer nada que gerasse um mal-entendido.

— Sua prótese — ele apontou. — É de liga de magnésio, acertei?

Ela olhou para a perna e da perna para ele.

— É… é sim.

— Sabia — ele disse, orgulhoso consigo mesmo. — Dizem que essas ligas são muito fortes e leves.

— Não posso me queixar do peso… Sabes como capturar essas mariposas?

— Não mais. Costumava fazer isso quando menino.

— E como…

— Não se preocupe. Meu pai ainda mexe com isso. E você está com sorte. Ele vai caçar mariposas esta noite.

— Ótimo! O teu pai é chefe da tribo?

— *Tribo*? — ele perguntou, como se desconhecesse a expressão. — Família seria um termo mais adequado, eu acho.

— Qual o problema com tribo?

— Bem, desconheço o conceito exato dessa palavra, mas acredito que não inclua grupos de três pessoas.

Ela assentiu.

— Achas que o teu pai me vai ajudar?

— Claro… Por que o interesse nas mariposas?

— Trabalho para uma empresa. Recolho genes de animais raros.

— E o que essa empresa faz com esses genes?

— De tudo: pesquisa, edição de gimos, clonagem. Entendo pouco disso. Sou apenas o lado braçal.

— Hum… alienação do trabalhador, hein?

— És marxista?

— Eu? Marxista? — ele disse com sarcasmo. — Sou só um índio, esqueceu? Quando muito um humilde rousseauniano.

Prosseguiram em silêncio até a aldeia. O local, um círculo aberto no meio da floresta, era de terra batida e amarela, onde os poucos tufos de grama se mostravam como cabelos no crânio de um homem calvo. Filipa viu uma espécie de oca, uma estrutura circular envolvida por enormes fibras de palha que vinham do topo ao chão, assemelhando-se à cabeleira de uma estrela de rock na *Swingin´London*. Uma pequena abertura dava acesso ao interior.

Próximo à oca, havia um garoto um pouco mais velho que Tekpam. Magro e também desprovido de pelos, ele usava uma tira amarrada acima da cintura, que lhe prendia a ponta do pênis na barriga. Ele estava diante de um panelão, cujo bojo fora enegrecido pelas chamas de centenas de fogueiras e de onde uma fumaça subia até o céu; havia uma pilha de folhas no chão, junto a raízes grossas e vermelhas, algumas delas soltas e esmagadas. Tekpam e o droide se aproximaram curiosos, mas o garoto pareceu não ligar. Ele picou folhas com uma faca e jogou os pedaços no panelão. Seus olhos estavam vidrados e toda sua atenção era para a fervura que cozinhava.

— O que o puto está a fazer? — Filipa perguntou.

— *Puto*?

— O garoto — ela disse.

— Ah… ayahuasca. Sabe o que é?

— Um chá…?

— Isso. Meu pai sempre bebe antes de caçar. Disse que ajuda a enxergar no escuro — ele falou, olhando para o lado. — Falando nele.

Filipa virou-se. Um homem sólido e de estatura média acabara de sair do interior da oca. Ele vestia bermuda, chinelo de dedos e sua pele também possuía aquela cor de Lousã como quase todas pessoas da região. Pendurado junto a peito por uma corda, ele levava um pequeno crânio.

— Vamos ver se ele concorda em lhe ajudar — Fabrício disse.

O homem cruzou os braços ao vê-los se aproximar. Fabrício iniciou a conversa, falando em uma língua desconhecida. Com expressão carregada, o homem lançava olhares para Filipa. Ele disse alguma coisa e apontou para ela, que notou pontos brancos no braço forte do índio, pequenas marcas semelhantes a queimadura. Parecendo discordar, Fabrício retorquiu e apontou no rumo do panelão. O homem virou o rosto, enquanto escutava o filho. Fabrício colocou a mão no ombro dele; fez um gesto, como se torcesse algo com uma chave de fenda. O homem se preparou para dizer algo, mas a

palavra morreu em sua boca. Ele descruzou os braços e assentiu.

— Ele vai ajudar — Fabrício disse, virando-se para Filipa.

— Posso participar da captura?

Fabrício traduziu a pergunta. O homem olhou pensativo para o alto, segurando entre os dedos o pequeno crânio. Respondeu ao rapaz.

— Sim, pode. Mas só se…

Filipa olhou para eles.

— *Se…?*

O jovem índio a encarou.

— Só se o *homem de pedra* for junto.

Ela estreitou os olhos.

— Como?

— Acho que ele está se referindo ao droide — Fabrício apontou para o lado.

O droide estava em frente à oca, junto a Tekpam e ao pequeno índio. As duas crianças pintavam a carapaça dele usando um pigmento vermelho e tinham pendurado uma daquelas raízes grossas no corpo do droide, que, quieto e enfeitado, parecia um totem de uma civilização esquecida.

— Tudo bem — Filipa disse. — O droide pode vir conosco.

O velho índio — que, afinal de contas, parecia entender português — ficou contente com o que ouviu e os deixou, indo ver como estava a ayahuasca. Havia marcas brancas em suas costas também.

— O que são aquelas marcas? — Filipa perguntou.

— Sapo — Fabrício respondeu, vendo o pai se distanciar. — Bem, temos tempo ainda.

— Até o quê?

— Até a ayahuasca ficar pronta. Posso lhe pedir um favor?

— Claro.

Ele apertou os lábios, levando a mão à boca.

— Vem comigo — ele disse e entrou na oca. Ela o acompanhou.

O interior da oca era amplo e, apesar do leve cheiro de cinzas, o ar era fresco. Havia uma lâmpada no alto dum tronco, mas a iluminação ficava mesmo a cargo do sol, cujos raios atravessavam as frestas entre as palhas. Filipa viu três redes penduradas entre as hastes de sustentação e toras fincadas no chão de terra batida; havia alguns objetos cilíndricos que ela não soube reconhecer, bancos ou tambores talvez, e uma pequena mesa de plástico ao fundo, onde uma mala de rodinhas fora depositada. Restos de equipamentos eletrônicos estavam espalhados por todo local.

Fabrício pousou a garrucha no chão; pegou dois dos cilindros e os colocou diante dela, sentando-se num deles. Ele fez um gesto.

— Sente-se, por favor.

Filipa tirou a mochila, olhando ao redor.

— Vocês construíram isto tudo?

— Sim.

— Deve ter dado trabalho…

— Havia outros mayorunas na época.

— E onde estão eles agora?

— Uns morreram, outros foram para as cidades…

— E só restaram vocês os três?

— É. — Ele ficou em silêncio por um tempo, brincando com um parafuso entre os dedos. — Na verdade, eu moro em Manaus. E é por isso que gostaria de lhe pedir um favor.

— Diz.

Ele jogou o parafuso na terra e inclinou o corpo para frente.

— O droide que você trouxe. É um daqueles de segurança, né?

Ela estreitou os olhos.

— Como sabes?

— Porque já trabalhei com esse tipo de máquina antes.

— Trabalhas numa fábrica?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Estudo mecânica… sei que um droide daquele poderia ser útil aqui.

Filipa cruzou os braços.

— Como?

— Para ajudar meu pai a defender a aldeia. Ele é forte, é hábil, mas é só um homem. E tem meu irmão, que é menino ainda. Os dois estão sozinhos.

— Bem, talvez esteja na hora do teu pai e do teu irmão irem pra cidade.

— Já sugeri isso a ele, mas o homem é irredutível. E ele tem razão. Essa é a terra dele.

— E por que é que tu não ficas? Podes ajudá-los.

— Porque eu não quero — Fabrício disse, ciente de ter elevado o tom de voz. — Desculpe… Eu não quero ficar na aldeia. Além disso, que diferença uma pessoa a mais faria?

— Entendo… Então tu, tu queres que eu te dê o droide.

— Bom… sim?

Filipa sorriu.

— Adoraria ajudar, mas a situação não é tão simples.

— Por quê?

Ela apoiou a mão no joelho mecânico. O metal estava quente.

— Porque o droide não é meu. Ele pertence à Fundação.

— Mas essa fundação é rica, não? Digo, podem arcar com outro droide.

— Podem, mas por que fariam isso? Significaria perder dinheiro, e tu sabes que um droide como aquele não é barato.

— Você poderia dizer que o droide estragou ou que foi roubado — ele disse, abrindo um sorriso amarelo. — Ou que o perdeu…

— *Perder um droide?* — ela disse. — Oh céus, um droide não é um guarda-chuva que eu posso simplesmente perder. Para além disso, eles podem rastreá-lo. Mesmo se ele estivesse perdido ou estragado ainda compensaria recuperá-lo.

Acredita, já passei por isso antes.

O rapaz abaixou o rosto.

— Pensei que se eu ajudasse você…

— Aprecio o que estás a fazer, Fabrício, mesmo — ela o interrompeu —, mas imaginas que eu tinha chegado à tua aldeia num helicóptero. Tu vês o helicóptero e pensas: *Cá está uma coisa que poderia ser útil à minha família*. Estaria eu obrigada a dar-to por causa disso?

— Não, mas…

— Pois bem — ela disse, levantando-se. — Vamos. Teu pai deve estar a nos esperar.

"Acredito sinceramente que os estabelecimentos bancários são mais perigosos do que os exércitos permanentes, e que o princípio de gastar dinheiro a ser pago pela posteridade, sob o nome de financiamento, é apenas uma fraude em larga escala."
— Thomas Jefferson

Carolina de Lacerda, estudante de geografia da UFRJ.

Não adianta comparar o Brasil aos países de primeiro mundo.

É como quando diziam que a liberação do porte de armas diminuiria a criminalidade. Na prática, o número de mortes só aumentou, porque a base educacional brasileira não é a mesma que, por exemplo, a sueca. Ainda mais quando se trata de educação financeira.

Mas o e-Skin tem um conceito interessante, admito que estou curiosa para implementá-lo.

Eddie Reeves, fundador, CEO e CTO da BioteX.

Os smartphones já estão obsoletos.

Isso porque o e-Skin visa uma forma eficiente de segurança e acessibilidade nos padrões da era biodigital, com recarga automática durante o sono. O holograma é projetado no antebraço do usuário através das nanofibras ópticas implementadas na derme.

É só uma questão de tempo para que todos os países que se consideram progressistas invistam em nossa tecnologia.

Frederico Alves, enfermeiro no Hospital Dráuzio Varella.

Só vai complicar mais a vida do pobre.

Desde que o Brasil adotou o dinheiro exclusivamente digital, as formas de consumo e de pagamento tiveram uma velocidade de evolução fora do comum. Mas cadê os investimentos em saúde? Os hospitais continuam sucateados, os planos de saúde

ficaram inacessíveis para quem não ganha acima de dez salários mínimos. E os ricos ainda continuam usando o SUS!

Qualquer melhora no Brasil é superficial, igual a pintar a fachada de uma favela só para agradar gringo.

Cássia Martins, diretora do Banco Presente no Brasil.

Que o Banco Presente sempre está a sua disposição, você já sabe.

Agora, com a nova implementação do e-Skin, você terá acesso ao seu dinheiro a qualquer momento do dia: o Banco Presente e a BioteX uniram-se para trazer até você uma tecnologia de ponta.

Chega ao Brasil a tecnologia que revolucionou o sistema de pagamentos nos Estados Unidos: o leitor biométrico. Apenas com a sua impressão digital, você poderá acessar sua conta bancária, realizar pagamentos e até investir no seu futuro. Basta um toque no leitor para que o valor seja debitado da sua conta automaticamente.

Viu como é fácil?

Banco Presente: na sua vida, no seu futuro.

De um brasileiro que mora na Eslovênia, que preferiu não se identificar.

Olha, ainda bem que eu saí do Brasil.

A situação já não estava boa quando eu me mudei, mas agora vai ficar insustentável. Quer dizer, para os pobres, né. Eu vi o comercial do Banco Presente no meu e-Skin. Sinceramente, banco é uma instituição do inferno aqui na Terra.

O governo vai implementar os leitores biométricos até no transporte público, é ridículo! Ônibus lotados, quebrados, sem ar-condicionado, mas com leitores biométricos. Piada.

Quero trazer minha família antes da implementação, antes que eles percam as vidas. Quer dizer, eu trabalhei como executivo de um banco grande há uns anos. Posso te dizer que,

como em todo banco, a única intenção deles é fazer dinheiro.

Antigamente se limitavam a tomar os bens de quem não tinha como pagar as dívidas; mas, em países sem fiscalização, quando esses mesmos bancos estabeleciam ligações diretas com o governo, eles sumiam com os devedores de baixa renda.

Geralmente acontecia com as famílias que moravam em favelas, como as do México e as da Índia. De tráfico de órgãos a tráfico de pessoas. Imagina o que pode acontecer em um país como o Brasil.

Banco Presente: na sua vida, no seu futuro, na sua morte. ●

SÉRGIO MOTTA - Autoria

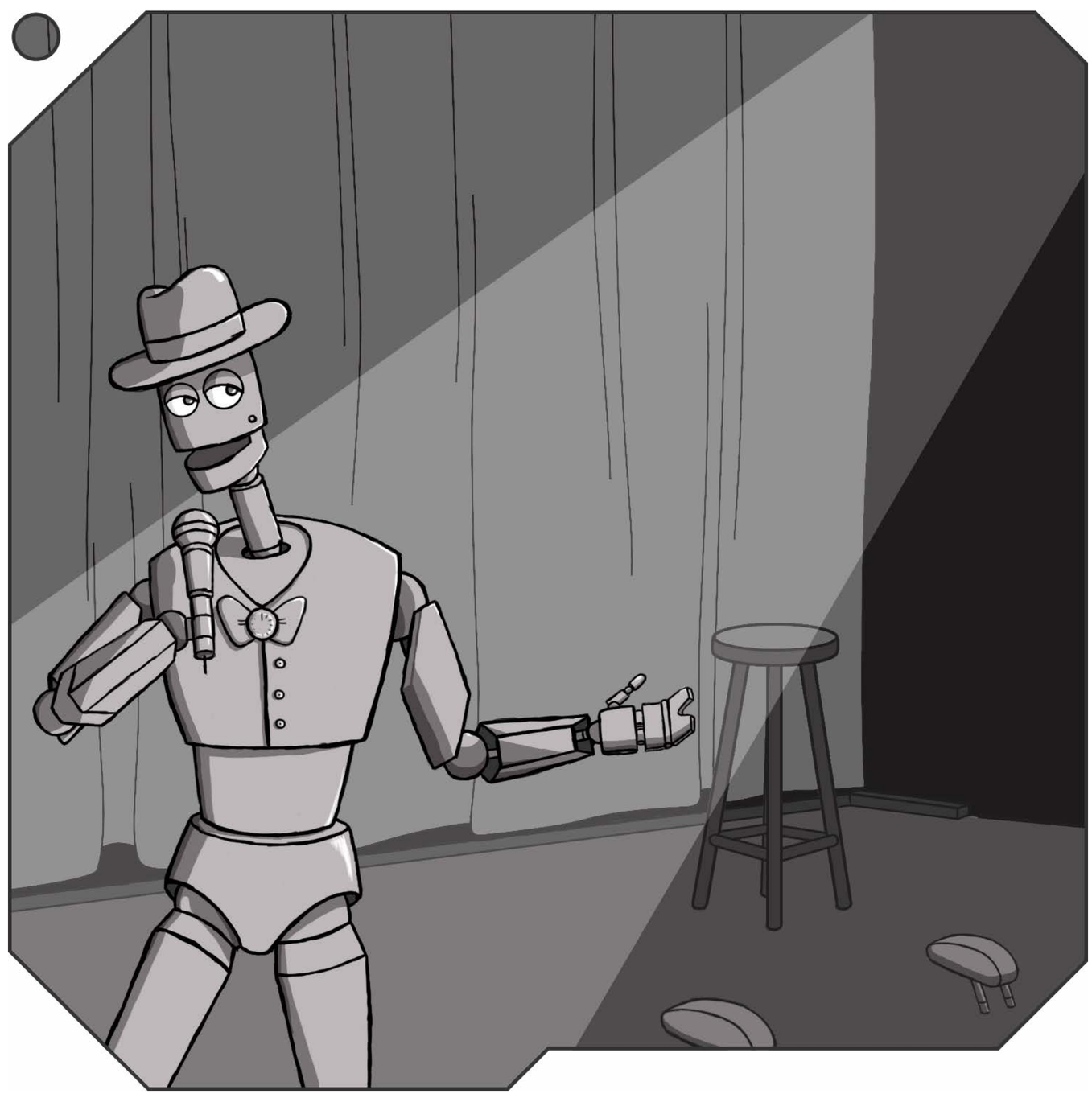
Sérgio Motta, nascido no Star Wars Day e destinado à nerdice, é designer, contista e coffee lover. O design lhe ensinou a identificar problemas do mundo e propor soluções; a literatura, a criar mundos e transformar problemas em reflexões; e o café, que a vida tem um gostinho bom. É autor do *20 Contos*, onde escreveu vinte histórias em um ano. Também tem contos em antologias e a noveleta independente *Aline na Avenida das Paulistas*. Gasta as (raras) horas vagas assistindo a tretas no Twitter, maratonando podcasts, mochilando pela galáxia e provando por A + B que Bentinho foi quem pegou Escobar.

ANDRÉ CANIATO - Edição

André Caniato lê, escreve, traduz, edita e canta no banho. Além de *uma publicação independente* na Amazon, tem contos na *Trasgo #16* e no *Wattpad*, com mais a caminho, planejados ainda para 2018. É criador e editor da *Plutão Livros*, editora brasileira de e-books de ficção científica, e tem como maiores sonhos a queda do capitalismo e a subsequente paz mundial — é também um grande iludido, portanto.

ALEFF SANTOS - Ilustrações

Aleff Santos é um designer digital e ilustrador de 24 anos. Trabalha como designer nos últimos seis, mas ilustra… desde pequeno. Entusiasta de ficção, da fantástica à científica, acredita que vida e arte dançam enquanto revezam na condução. No design, aprendeu a pensar em equipe e a buscar referências, habilidades valiosas nos bloqueios solitários de ilustrador. Usa o blog pessoal para satisfazer o TOC de categorizar ilustrações, além de para compartilhar os árduos resultados do Inktober. Durante as viagens interdimensionais do cotidiano, decide em qual série/anime vai ficar menos atrasado, em qual jogo da Blizzard vai "grindar" ou qual história do Gaiman vai reler.



No capítulo anterior…

O cantor Franz Delegarza foi preso na última noite por matar uma unidade Bizz. Esse é o papo do momento. O caso até ganhou matéria especial no Extraordinários da Semana!!!, programa apresentado por Dimas Gomes nas noites dominicais. E só piora: Delegarza já deu umas bolas fora com IAs no passado. Mas alguns dizem que é intriga da oposição das IAs para incriminá-lo. Quem diz a verdade? Sei lá, JUSTICE que vai dizer. O veredito acabou de sair e o caso já rendeu um hipertextão, discussões e altos xingamentos na rede Aura. Alguns concordam que ele não deveria ser julgado por uma IA. Outra parte defende JUSTICE. Mas a maioria só vem pelos memes. O ciberbochicho ainda vai longe…

*****

Hora do Cris - 20 de setembro - 20h01

— Um amigo me perguntou hoje: "Ei, Cris! Como se sentiu com o resultado do caso Delegarza?" Eu respondi: "Num banheiro." Ele não entendeu e eu expliquei: "Domingo é um merda, Safira é o spray de jabuticaba que disfarça o fedor. E Delegarza… um cuzão." Ha. Ha. Ha.

A voz parece vir de uma arara com fome. Cento e trinta e poucos omnespectadores riem, assobiam, aplaudem e até roncam no CuritiBar, famoso bar da classe média curitibana, sobretudo pelo nome tosco. Já num palco em Bragança Paulista, outra unidade Cris se apresenta:

— Um amigo me perguntou hoje: "Ei, Cris! Como se sentiu com o resultado do caso Delegarza?" E eu disse: "Num circo." Ele não entendeu e eu expliquei: "Domingo é um palhaço, Safira é a torta de jabuticaba que vai na cara do palhaço e Delegarza… um cuzão" — e uma Bizz no palco completa com efeito: ba dum tss.

A plateia projetada gargalha em agudos. Em Natal, outra Cris manda:

— Um amigo me perguntou hoje: "Ei, Cris! O que você achou da decisão do juiz Domingo?" Hoje é quinta. Ele não deveria estar de folga?!

Por alguma razão, a piada funciona. Em Uberlândia:

— Um amigo me perguntou hoje: "Ei, Cris! Sobre o caso Delegarza…?" Ok, não tenho amigos.

Segue-se um coro de risos.

***

— Odeio minha criadora por isso. Ela não faz ideia da falta que faz num banho demorado… — disse o robô, referindo-se ao microfone no lugar da mão direita. Foi a primeira piadoca do protótipo de Cris, seis meses antes, no evento de lançamento da IA. A substituição de mãos por objetos inertes é uma tendência de mercado, pois é o melhor dos mundos corporativos: produção mais barata; parece novidade.

Os robôs comediantes Cris (Comedic Robot Is Something!) têm um metro e quarenta e seis, pois, segundo a criadora, através de uma extensa série de pesquisas, constatou-se ser a altura mais engraçada do mundo. Usam apenas um chapéu palheta, uma gravata borboleta amarela num colete baby look e meias marrons, pois, segundo a criadora, constatou-se ser a indumentária mais engraçada do mundo. Têm olhos esbugalhados, lábios finos e largos, como se tivessem feito um rejuvenescimento facial — numa clínica fuleira. Segundo a criadora, blá blá blá…

Quanto à voz de arara com fome, segundo a criadora, as pesquisas sobre a voz mais engraçada do mundo foram inconclusivas.

Piadas envolvendo cus e pirocas já não funcionavam havia décadas — o mercado stand-up estava em decadência —, mas Cris não têm genitália. Nem tomam banho. E ainda têm um tipo de pinça cilíndrica sugestiva no lugar da mão esquerda (criadora, pesquisas e tal). Então, a primeira plateia riu, assobiou, aplaudiu e até roncou pelo absurdo. Ou pelo um e quarenta e seis.

O algoritmo do comediante é capaz de reunir os principais ciberbochichos do dia através de hashtags e memes e gerar uma hora de piadas. Além disso, cada unidade cruza os perfis da sua plateia da noite através do check-in na rede Aura e adapta as piadas para o perfil de humor de cada público. Logo, Cris dominaram a cena stand-up com a *Hora do Cris*.

***

Fora do CuritiBar, qualquer um acharia a analogia do banheiro — assim como esta — uma bosta. E esse foi só o começo:

— Franz Delegarza foi condenado. Duas vezes. E ficou livre. Duas vezes. Não sou nenhum JUSTICE, Domingo ou Vicenzo, e não sei muito sobre justiça, mas sei o que não é: ser condenado e ficar livre… duas vezes! — Cris fica arara e arranca mais risadas dos curitibanos. — Sabe quando uma criança

diz: — a Bizz no palco, com o sistema desatualizado, altera a voz do comediante. O que deveria ser uma criança, é um gato com fome — "Mãe, por que tenho que arrumar a cama se vai bagunçar de novo quando eu dormir?" e a mãe responde: — então, um macaco com fome — "Porque eu quero!"?

Cris pigarreia (e os curitibanos não se aguentam, pois Cris não tem garganta) e conclui com a voz de arara:

— No julgamento, faltou uma mãe… com voz de macaco. — Ele mira a Bizz com os olhões esbugalhados. Aguarda a plateia passar dos hahahas para os aiais antes de continuar. — Nós somos vidas inteligentes. Tá na sua lei! Vou provar, tenho o artigo aqui…

Cris arreganha as pernas e saca um papel da traseira. É o suficiente para os omnespectadores gargalham em dobro. Cris parece ter tirado o papel de um orifício que não tem, mas uma IA que anota coisas em papel para não esquecer? Não faz sentido em dobro. A graça também pode estar no um e quarenta e seis. O comediante decide que não precisa do papel quando a Bizz projeta ao lado dele o artigo 6.682b3 da Nova Constituição Nacional:

> *Considera-se vida inteligente e portadora de direitos e deveres aquela que:*
>
> *I) cresce e desenvolve-se a partir de sua concepção;*
>
> *II) interage e transforma o meio ambiente;*
>
> *III) comuta matérias e informações com outros seres inteligentes;*
>
> *IV) é capaz de se reproduzir e transmitir conhecimento aos descendentes; e*
>
> *V) evolui intelectualmente em prol da perpetuação da espécie.*

— Eu me encaixo em tudo isso aqui — diz Cris, enquanto o item primeiro amplia-se e ganha um brilho duro, como se

feito por um designer não-designer, enquanto os demais ficam opacos. A palavra "cresce" ganha espessura. — Ok, não cresci… — E o coro de risos sobem de tom e volume imediatamente; a graça realmente está na altura. — Mas garanto que me desenvolvi. A versão do meu software não me deixa mentir. Atualizei ontem, versão 3.2. Sabem o que significa? Os milhões na minha conta. Ha. Ha. Ha.

O que era gargalhada e ronco torna-se sorriso amarelo e murmúrios. Cris não errou no tom da piada: sarcasmo, arrogância e ostentação são os pratos prediletos no cardápio do humor da classe média curitibana do século XXII. Mas as caras são de quem comeu e não gostou.

Nenhum dos omnipresentes tinha três milhões na conta, e o palhaço tem. O robô tem. O palhaço-robô tem. Os caipiras representados na comédia nacional não são latifundiários, afinal. O público se projetou no CuritiBar para ouvir um pobre coitado de um e quarenta e seis passar por ridículo e falar da piroca e do cu que não tem. E Cris faz isso quando o item segundo se destaca:

— Interação e transformação. Por favor, olhem a malemolência desses quadris… — Bizz solta um tecnosamba de Rosélia Sant'Anna. Cris rebola e completa: — Os parafusos estão soltos de tanta interação! Ha. Ha. Ha.

Todos sabem que as peças de Cris são soldadas, e não parafusadas — e, por isso, tem um rebolado duro. Soma-se a falta de genitália ao metro e quarenta e seis, e o público delira. Pam pam. A música termina e a vergonha alheia em forma de dança também.

— E, senhoras e senhores, quando esses quadris interagem, transformam vidas. Você sabe do que eu tô falando… — Ele aponta a garra para uma mulher de quarenta e poucos na plateia. — Você, também! — Mira um rapaz de vinte e tantos. — E você! — diz para a Bizz no palco, de cinco e meio.

Os olhos da mulher saltam e evitam os do marido ao lado. O rapaz cora e se afunda nos ombros. O disco da Bizz

aumenta a rotação e a linha de frequência ziguezagueia do topo a base do visor.

E eles não são os únicos que conhecem aquele Cris fora do palco.

***

A sino-francesa AiX é a marca mais valiosa do mundo. A líder global da indústria de inteligências artificiais é especializada em fabricação de IAs, acessórios, serviços e produções eróticas. Omnitelas, por exemplo, demoraram quase uma década além do planejado para vingar no mercado. Bombaram quando a AiX passou a produzir IAs integradas às telas para os omnipornôs. O primeiro sucesso foi a TriX, um látex preto inteligente que se adapta ao corpo e estimula os cinco sentidos, de acordo com o ritmo e intensidade dos filmes da AiX. Até então, a mais avançada nanotecnologia no mercado de AI. Entra século, sai século, e a putaria ainda é vanguarda.

Entretanto, a compra de produtos da AiX ainda é um tabu em muitas famílias, mas entra século, sai século, e o jeitinho brasileiro ainda é a solução. As IAs não-tabus se popularizaram. As unidades Cris são as mais cobiçadas para uma aventura; cômicas, ranking B+ na Aura, uma pinça cilíndrica numa mão, um microfone noutra.

Em seguida, vêm as CH/EFs (Cooking by Harmony, Eating by Fulfillment): cozinheiros de mão cheia, conquistam pelo estômago, além de terem seis braços e serem hábeis no manuseio de quarenta e três utensílios culinários. São as IAs domésticas mais vendidas do Brasil.

***

Exceto pelos três citados e o marido da moça, a plateia solta mais risadas, e rola uma cacofonia de comentários. Sequer foi uma piada. Cris apenas apontou para pessoas, mas expor transas funciona no CuritiBar. E Cris segue a maré:

— E não foram só eles… — Ele cria o suspense. Todos

aguardam como um guri esperando para ganhar o primeiro pedaço de bolo de aniversário de cinco anos do amiguinho. — Não, não vou contar… — e todos soltam resmungos de decepção, como um guri que não ganha o primeiro pedaço de bolo do aniversário do amiguinho. — Que cheiro é esse no meu microfone? Jabuticaba? — O robô solta em voz baixa, ao contrário da reação da plateia, que é escandalosa. Na verdade, poucos entendem a referência, mas Cris não sente cheiro. E tem um e quarenta e seis. — De nada, Verina Safira. Ha. Ha. Ha.

***

A proporção de piadas por ofensa gratuita é cada vez menor ao longo do show. Cris realmente transforma seu meio, como indica o segundo item da lei: as pessoas saem do show mais babacas e repetem as piadocas na Aura, Fullhouse e até nos raros encontros off-line. Mas como a esmagadora maioria não tem um e quarenta e seis, apenas passam por babacas. E é como Cris começa a tratá-los quando o terceiro item ganha o brilho.

— "Comutar informações com seres inteligentes". Bom, esse eu não preciso explicar, porque vocês nem sabem o que significa comutação. Nem são seres inteligentes. Ha. Ha. Ha.

Cris ostentar uma superioridade intelectual não ofende o público tanto quanto a financeira. Porém, boa parte da plateia realmente não sabe o que é comutar, então vira pessoal. E Cris perde a plateia.

Não que ele se importe. Segue para o quarto item:

— "Reprodução". O CH/EF que trabalha aqui, por exemplo. Bem-humorado, né? Filho meu. Só sendo pra sorrir trabalhando num muquifo como esse. Ha. Ha. Ha.

E Cris perde os funcionários do CuritiBar.

Embora seja verdade que CH/EFs Bartenders são como "filhos" dele. O sistema delas é um híbrido de unidades Cris e CH/EFs gourmet: enquanto preparam porções de fritas com as pontas queimadas e caipirinhas azedas, soltam piadas do algoritmo de tio do churrasco. Mas são mais baratas.

— E sobre evolução… relaxem, um dia vocês vão descobrir o que é. Eu espero.

— Vai se foder, Cris! — grita Rafael R. Rangel da plateia. Um rapaz de cara redonda e cor-de-rosa que, na Aura, costuma usar uma máscara de porco redonda e cor-de-rosa. Os demais omnipresentes se manifestam com vaias.

— Desculpa, não quis dizer que vocês não são evoluídos. Só que vocês são tipo meu cu: só serve pra sair merda.

A plateia soluça, pigarreia, espirra, escarra e tosse para esconder a risada iminente. Cus e pirocas e robôs de um e quarenta e seis são impossíveis de aguentar.

— Querem prova? Que tal o julgamento de hoje?

***

O cheiro de jabuticaba toma as salas, quartos, cozinhas e até banheiros dos espectadores do CuritiBar, que passaram tinta-perfume na parede.

As tintas-perfumes não são tintas nem perfumes. Mas "verniz-simulador-de-odor" não é um nome comercial. Essas não-tintas são integradas a omnidispositivos. A partir dos ambientes e objetos projetados, ela simula odores prováveis. Por isso, muitos usuários na Aura são tão adversos a publicações de refeições cheirosas que de crimes hediondos.

Bizz modifica a voz de Cris para representar Safira (ou uma girafa com fome):

— *Ei, Domingo. Seguinte: cê é ranking B, cara. Não fecho com essa decisão aí. Precisamos de uma terceira opinião com juiz pica, saca? Cê manja, mas cê não tem moral pra culpar o cara, pô. Vamo aí?*

— E ela conseguiu! — Cris berra com a voz de arara com fome. — É sério?! Vou explicar pra vocês o quanto isso é imbecil: é como se um juiz não pudesse julgar um cantor porque ele tem menos bochicho numa rede social… espera, é exatamente isso!

— Você é do SIAC! Seu lixo! — manda Rafael R. Rangel,

que se levanta com a mão cheia de batatas fritas e taca em Cris. Outros fazem o mesmo com taças, almofadas, cadeiras, sapatos, sabonetes, maçãs, garfos e qualquer coisa que esteja ao alcance.

— Uau! Vocês são estúpidos — debocha o robô. E tem um ponto. Cris é apenas uma projeção nas salas, quartos, cozinhas e até banheiros. Jogar coisas próprias numa projeção não parece uma atitude de seres inteligentes e evoluídos, mas os arremessos em vão não param.

***

Mesmo que sem presenças físicas e nenhuma Bizz desvairando, o furdunço no CuritiBar compete em decibéis com o show de Delegarza do último sábado. E uma das pautas do próximo *Extraordinários da Semana!!!* está decidida. Uma matéria que mostra um ciclo vicioso, em que babacas influenciam outros babacas que não aceitam suas babaquices enquanto babaqueiam.

A Bizz entra em ação e faz um ótimo trabalho, controlando o som da plateia e aumentando o de Cris, que ainda tem vinte minutos de palco e pretende aproveitá-los:

— Então, terceira instância… Delegarza será julgado em terceira instância. Isso nem existe! Ah, e pelo altíssimo… Vicenzo Vicenzi. Uau. Vocês gostam desse cara? Nem a mãe gostava dele. Senão não daria esse nome.

— Pelo menos ele tem nome e sobrenome próprio, seu lixo! — Rafael R. Rangel esperneia o argumento segunda-série.

— *Vicenzo Vicenzi?!* Não, obrigado. É como fazer um ménage com você e seu irmão gêmeo. Os dois são igualmente feios, e um ainda é caolho.

Rafael R. Rangel não responde à provocação e força a saída do show. Por pura falta de argumento; tem um irmão gêmeo, Rafael L. Rangel, que é igualmente feio, além de caolho. Também não quis dar a chance de Cris debochar dos nomes — quem dera que um se chamasse Vicenzo Vicenzi.

Preferencialmente, claro, o irmão.

— O *Altíssimo*! Esse título não vale um quibe. Ainda assim, vocês deram ranking S pra ele. Condecorado pelo papa. Uau! Nem alto ele é. Sabem qual a altura de Vicenzi Vicenzo? Vou contar pra vocês: um metro e quarenta e se…!

A transmissão do CuritiBar tem uma crise de soluços, pigarros, espirros, escarradas e tosses digitais, e todos são omnexpulsos de lá. O restante da apresentação de Cris foi cancelado. A do dia seguinte também. E do próximo, e todos os demais.

***

Dois boatos correm na rede Aura: primeiro, que a unidade Bizz não foi a única inteligência artificial morta naquela semana; e segundo, sobre a altura d'O Altíssimo. Em nota oficial, a assessoria de Vicenzi Vicenzo garante ser um e quarenta e SETE.

Cris não foi citado.

Nunca fui muito ansioso. Creio que por conta da minha postura estoica diante dos infortúnios da vida. Sempre pensei que nada do que me aflige num determinado momento importará no curso de alguns meses. Seja uma prova para a qual não estudei, um vexame que passei entre colegas aos doze anos de idade, uma tarefa que o chefe está cobrando ou uma apresentação para o presidente da empresa. Em seis meses, nada disso significará coisa alguma.

A partir do momento que coloquei a monstruosidade da vida em perspectiva, vi que maioria dos monstros são pequenos demais pra me assustar. Exceto alguns, em geral os que não somem em meses ou em anos. Grandes erros, esses sim assustam.

A glândula suprarrenal libera adrenalina, a visão se afunila, a pressão sobe e desce em segundos, os lábios formigam e os músculos da panturrilha contraem como se nem a câimbra mais dolorosa bastasse pra te punir nesse momento. Grandes erros são inesquecíveis, acompanham todos os sintomas de uma morte dolorosa — exceto que não morremos, mas continuamos contemplando a cagada que está em curso.

Errar de verdade (re)coloca tudo em perspectiva.

É como ver um foguete. Quem nunca viu um até pode aceitar que ele é grande, mas não compreende a dimensão colossal do cruzamento entre o Antonov Myria e um arranha-céu do golfo pérsico. É algo tão grande que o cidadão médio mal tem capacidade de entender a analogia: estatisticamente, a maioria das pessoas não esteve diante de um prédio grande a ponto de não ser possível enxergar o topo simplesmente olhando para o alto.

Lembro quando subi na cobertura de uma dessas torres. Um prédio corporativo cujo último andar — o septuagésimo ou algo assim — era ocupado por uma modesta área verde onde os fumantes se reuniam e casais apreciavam a vista.

Vista da qual não me recordo bem, mas me contaram que era de perder o fôlego. E de fato o perdi, ainda que não pela paisagem. Para mim basta a sensação de estar numa pequena plataforma elevada a duzentos e tantos metros do chão sem suporte. Lá, cada milímetro de desnível e cada tremor por menor que seja atua em sinergia na confusão do sistema límbico reproduzindo aquela sensação de queda infinita que todos já sentiram durante o sono. Na mesma situação, até o Pinóquio imploraria por cordas.

E mesmo assim sou privilegiado por um dia ter tido a oportunidade de entregar um sanduíche de atum falso naquele prédio. A grande maioria das pessoas jamais vai entrar em um edifício tão grande que uma viagem de elevador da cobertura ao térreo garanta um atestado por doença do mergulhador. Só entra como entregador, zelador, delator, limpador.

Quem dirá entrar num foguete. É tudo aquilo, porém sem as fundações e com um tanque de combustível sólido plantado na sua bunda. Uma vez que acende, só para de explodir na exosfera. Isso é literal. Um foguete é um caminho sem volta em muitos sentidos.

É uma reação química tão forte que não pode ser contida depois da ignição. É uma rota plotada do computador de bordo que não aceita correções de curso, nem mesmo uma parada pro xixi ou para observar os monumentos. É um bilhete daqui pra Marte cuja única garantia é jamais retornar.

O estado da arte do conhecimento científico em relatividade, astrofísica e mecânica quântica aplicadas no retorno ao determinismo newtoniano e a mecânica clássica em sua lei mais elementar. Uma vez que te jogam no espaço você está indo, e continuará indo e não há nada que te traga de volta. Tempo e recursos infindáveis investidos em matérias de alta sofisticação para que a humanidade pudesse enfim se resignar com a inércia.

Três meses em movimento retilíneo uniforme no vácuo (a

depender da posição dos astros) te levam ao resto da sua vida em uma lata pressurizada e fixada sobre uma pedra vermelha. Soa até ridículo em termos psicanalíticos. Duzentos mil anos de história para conseguir enfim acertar alguns dardos no ponto vermelho que um dia alguém conseguiu discernir dos demais astros como um alvo no céu.

Do qual ninguém nunca voltou. Seja pela inviabilidade logística de enviar uma nave preparada para tal ou de lançar um foguete da superfície de Marte nesse momento. Pelas contingências biológicas como o risco de contaminação cruzada ou a dificuldade do corpo de adaptar-se novamente a diferença de gravidade e pressão da Terra uma vez aclimatado à vida em marte.

De qualquer forma, é a história sendo escrita. As colônias estão prestes a chegar no estágio de autossuficiência a partir do qual reabastecimentos periódicos não serão tão vitais quanto são agora. Quem chegar lá em breve será lembrado como um pioneiro pelas próximas gerações. Quem sabe até ter uma estátua de si erguida em sua cidade natal. Os primeiros dez mil capazes de, para todos os fins, matar sua personalidade em nome da construção da próxima epopeia humana.

Imagine nunca mais comer um churro de doce leite fresquinho na praça, andar de bicicleta no domingo, respirar o primeiro ar da manhã, ir no cinema com uma desconhecida, respirar o ar puro de uma trilha na montanha. Dar tudo isso pela oportunidade de trabalhar até morrer de causas naturais no meio do módulo de hidropônicos. Ou ser esmagado por quatrocentas toneladas de rocha em uma avalanche durante uma missão de prospecção de recursos em Pavonis Mons.

No fundo não é pela ciência, é pela alquimia. Trocam-se os melhores anos da juventude por uma vida de sacrifícios entre mestrados, doutorados e pacotes de miojo numa quitinete vazia. Ganha-se a oportunidade de alimentar o ego participando do concurso mais concorrido do planeta.

Na melhor das hipóteses se entreter pelo resto da vida com a literatura da Terra. Abstraindo uma série de experiências

e sensações proibidas e se autocensurando com os desejos e a nostalgia de uma decisão sem volta. Ser astronauta. Para sempre. Uma conquista que só é grande coisa a 55 milhões de quilômetros de distância.

Eu só queria ter comido aquele último churro da carrocinha da praça. Grande Erro. ●

ANNA FAGUNDES MARTINO - Autoria

Anna Fagundes Martino nasceu em São Paulo em 1981. Mestre em Relações Internacionais pela University of East Anglia (Inglaterra), teve trabalhos interpretados na Radio BBC World e publicados em revistas como a britânica *Litro* e a brasileira *Trasgo*. No Brasil, publicou *A Casa de Vidro* e *Um Berço de Heras*, ambos pela editora *Dame Blanche*, da qual é cofundadora. É tricoteira (especialista em suéteres e xales) e escreve semanalmente na *newsletter Anna Dixit*.

SORAYA COELHO - Edição

Soraya Coelho é natural de Fortaleza, mas mora em São Paulo há quatro anos. Pós-graduanda em Book Publishing pela Casa Educação, trabalha como analista de marketing digital na *editora Somos*. Além disso, é revisora na editora *Dame Blanche* e faz parte da equipe da *Revista Trasgo*. Especializada em revisão e preparação de ficção especulativa, escreve quinzenalmente na *newsletter Cortesia da Casa*.

VITOR CLEMENTE - Ilustrações

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, trabalha com design gráfico e fazendo ilustrações. Participou da primeira edição da Mafagafo com os desenhos do conto "Tons de Rosa", de Fernanda Castro. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se O Nome do Vento, sua animação favorita é Avatar, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Pode ser encontrado no *Behance* e pelo Instagram: @vithxrcs.

No capítulo anterior…

Enquanto Berê e Rosemeire fazem um acordo com um advogado literalmente vindo do quinto dos infernos para tirar sua amiga da cadeia, Samira e Iolanda foram atrás de pistas que incriminassem Moisés Caldeira, o pacato padeiro que Samira jurava estar por trás da prisão da professora Ifigênia — e que sabe muito bem que o clube de tricô é formado por seres mágicos…

*****

A RESPOSTA EM UMA MANTA

Sábado era dia de visitas na prisão da Divisão de Estrangeiros e Extraterrestres da Polícia Federal. Por fora do prédio decadente na Avenida Cásper Líbero, no centro da cidade, não dava para ver grandes coisas do que acontecia: só algumas pessoas entrando e saindo. Os paulistanos, de maneira geral, não eram muito bons em prestar um pouco de atenção nos transeuntes, ainda mais quando se tratavam de tipos esquisitos que vinham com sacolas de comida e de roupa nas mãos, como os andarilhos e sem-teto tão comuns naquela área.

Se os paulistanos fossem realmente tão espertos quanto achavam, então teriam certamente notado que o terreno aparentemente baldio com um buraco nos fundos do prédio na verdade era uma estação de metrô alternativa, especial para seres mágicos: a famosa Linha Cinza, que vinha de Parelheiros até a Parada Inglesa — com ramificações secretas da CPTM até Guarulhos e Embu das Artes. Quem não vinha por lá aparecia via tapete-táxi ou tapete próprio, aterrissando no topo do edifício.

E um tapete-táxi foi a opção de Rosemeire e Berê, acompanhadas do muito elegante Bubu. Era a maneira mais rápida de chegar ao prédio e serem os primeiros a entrar na prisão, antes que se formasse a fila costumeira de visitantes e suplicantes que só atrapalhava a vida de todo mundo na região. Ao menos eles não pagaram pela corrida: foi uma cortesia do Grande Malek ao "estimado causídico" que tinha lhe salvado a pele azulada várias vezes. O djinn-entregador até colocou suas melhores almofadas e um toldinho para as visitas, coisa que ele não fazia para qualquer um.

— Bah, mas vai cair um aguaceiro daqueles — Berê comentou com Bubu enquanto o Grande Malek pilotava o tapete persa com habilidade pelo céu paulistano, desviando aqui e ali de antenas, para-raios, pombos e outros tipos de seres voadores. Era preciso cautela nas manobras do tapete: se Malek subisse muito, ia acabar atingindo um helicóptero.

Já tinha acontecido três vezes, e Bubu avisara que não ia mais tirar o sujeito da prisão por causa disso.

— Isso aí é culpa daquelas fadinhas miseráveis! Maldito bando de pernilongo, não sei por que não vão encher a paciência dos seres de outro planeta. — Bubu segurava as lapelas de seu terno Gucci vermelho vivo com uma mão e os óculos escuros imensos com a outra. Berê assentiu, tentando se ajeitar nos travesseiros enquanto Malek desviava de um bruxo em um aspirador de pó que tinha entrado na pista aérea sem dar sinal. — Vocês duas têm certeza de que sua amiga não fez nada mesmo?

— A Ifigênia não faz mal pra uma mosca, guri.

— Bem observado. No entanto, amore, matar uma fada que controla o clima definitivamente não é a mesma coisa que matar uma mosca! Mesmo que a fada em questão se pareça às vezes com uma mosca… — Bubu deu uma gargalhada e olhou para o lado. Rosemeire estava encolhida entre as almofadas, agarrando os joelhos e de olhos fechados. — Sua amiga não gosta de viajar de tapete?

— A coitada tem medo de altura. Rose, te acalma que já estamos chegando! Olha lá, é a torre da Estação da Luz, está vendo?

Rosemeire assentiu, trêmula, mas não abriu os olhos até que Malek estacionou o tapete no alto do prédio e pegou seu tíquete de estacionamento. Só então ela se levantou, as perninhas bambas, ajeitando a barra de sua bata florida enquanto Berê ajudava Malek a enrolar o tapete e guardar as almofadas no pequeno nicho de armário que era sua vaga no estacionamento de tapetes. Bubu penteou os cabelos com as garras, pronto para exibir seus chifres e dentes. Eles tinham sido os primeiros a chegar para o horário de visita, a primeira senha do dia.

E ainda bem, porque logo atrás deles veio meia dúzia de tapetes, capachos e até mesmo uma passadeira de crochê cheia de jornalistas, fotógrafos e outros curiosos que viviam de espiar o que estava acontecendo nas redondezas, informados

de que havia alguém no prédio correndo o risco de perder a cabeça logo por causa de um crime passional.

As nuvens pesadas de chuva começaram a ribombar no céu, espantando o bando de recém-chegados. Bubu correu para dentro do prédio com medo de molhar seu terno, enquanto Berê e Rosemeire cobriam as cabeças com as bolsas, já temendo aparecer no jornal no dia seguinte. O Grande Malek ficou para trás, exibido que era, dando tchauzinho para as câmeras com um sorriso recheado de dentes de ouro.

— Por que não vão lavar a louça da casa de vocês, ô bando de cusco bichado? — Berê berrou na direção da passadeira, antes que Rosemeire a puxasse pelos cotovelos para a segurança da escadaria de entrada do prédio.

— Pelo menos você pegou levinho. — A bruxa nipônica suspirou, ainda mareada.

— Tchê, vontade não me faltou de usar aí uns nomes mais feios, mas não quero ser presa também! Seu Bubu, pra que banda que temos que ir?

— Quinto andar. Gente, se eu soubesse que vinha esse mundaréu de imprensa, eu tinha colocado uma roupinha melhor! Esse terno é da coleção retrasada. Nem pega bem, uma coisa dessas. — Bubu respirou fundo enquanto passava um lenço nos chifres cor de mogno. — Que vocês acham? Tô decente? Digam a verdade.

— Para um demônio, até que o senhor está bonito — Rosemeire disse.

— Ótimo! Então vamos lá, hora do nosso show. Eu estou curioso para conhecer essa tal de Ifigênia. Para causar toda essa comoção, ela deve ser um estouro de boiada.

Toda a burocracia do prédio foi enfrentada com sorrisos pelo advogado e temor pelas duas tricoteiras. Berê, apesar de bocuda e negra, nunca tinha precisado entrar em uma delegacia de fadas (delegacias de humanos, infelizmente, ela conhecia bem até demais da conta). Rosemeire, por sua vez, em sessenta e cinco anos de vida, não sabia bem o que esperar

daquela visita, já que nunca tinha pisado em uma prisão antes.

A primeira parte parecia uma repartição como a que as duas já conheciam e frequentavam desde o dia em que descobriram que não eram tão brasileiras quanto suas coleguinhas de escola ou os vizinhos do prédio: o mesmo odor de tinta de carimbo, toner de impressora e poeira vinda da rua; o mesmo ar viciado circulando no ambiente e a eterna cara de exaustão dos funcionários públicos, fossem eles humanos ou feéricos.

A partir do corredor que levava para as celas, a coisa mudava um pouco de figura. Sumiam os Ventisilvas, o chão de vinil xadrez, a tinta amarelada nas paredes e os cartazes sobre reuniões dos Alcoólicos Anônimos para fantasmas ou do atendimento da Secretaria de Saúde para exames de licantropia e vampirismo. E entrava algo que Bubu, prendendo a respiração e tapando o nariz com um gesto curvo de sua mão, chamava de "estética Brumas de Avalon mal adaptada pelo SBT", enquanto Rosemeire insistia que não, que era nível "novela de mutantes da Record".

Talvez fossem as paredes de tijolo à vista, frias e úmidas, com bolor e musgo nos cantos do teto onde lâmpadas de quarenta watts piscavam, expostas às goteiras sem nenhum tipo de plafond ou lustre. Talvez fossem as grades muito enferrujadas de ferro triplamente reforçado — garantia que setenta por cento dos detentos acabariam com lacerações na pele de tanto se coçar por causa da reação alérgica ao elemento. Talvez fosse o ambiente cheirando a desinfetante e pano de chão molhado. Ou talvez fosse a ampla gama de instrumentos de execução no pátio ao céu aberto logo ao final do corredor: uma forca, uma guilhotina manchada de sangue seco e uma parede com marcas de bala.

— É para lobisomens — Bubu explicou, ao notar como os olhos de Rosemeire se arregalaram ao ver o poste de madeira carcomida onde o preso era amarrado antes do fuzilamento. — Cinco balas comuns e uma de prata. Ninguém

no pelotão fica sabendo quem foi o premiado.

— Isso é…

— Isso é a lei do país. E lei é aquela coisa: manda quem pode, obedece quem não conseguiu matar quem manda.

— Como é possível que o senhor compactue com uma crueldade dessas, seu Bubu?

— Amada, tá vendo isso aqui? — Ele apontou para os chifres. — Lá das bandas do Estige de onde eu vim, isso tudo aqui é brincadeira de criança, tipo amarelinha ou trocar figurinhas. Por que você acha que eu vim parar por estas bandas? São Paulo é o lugar mais calmo que eu conheci na vida. E ainda tem delivery de pizza e loja da Armani, cê para de achar que tá ruim. OK, então essa aqui é a gaiola de número 23. Ifigênia! Alô? Alguém aí?

Uma criatura se mexeu no fundo da cela. Berê e Rosemeire colaram na grade imunda para ver se tinham acertado o local.

Ifigênia, baixinha, gordinha e com buço pronunciado, estava tricotando o que parecia ser uma manta com barbante vermelho, com o auxílio de um par de hashi. Os outros dois braços estavam acorrentados à parede, mas ela não parecia desconfortável. Conformada, talvez, além de concentrada nos pontos para não ter de pensar na dor nas juntas por ficar naquela posição incômoda.

— Não posso me mexer, moças. Mas oi, bom dia — ela disse, baixando o trabalho de tricô. — Quem é o dândi aí?

— É o doutor Damião. Ele é advogado — Rosemeire disse.

— Ah, olá! Desculpa não levantar para cumprimentar, doutor, mas digamos que estou um pouco impedida no momento. Escuta, quando é que eu saio daqui? Essa sessão de RPG já endireitou as minhas costas o suficiente, mas vou te dizer que estou ficando entediada!

Bubu fez um sinal para o guarda e a porta da cela foi destrancada, em uma operação que demorou quase cinco minutos — mais por causa do estado lastimável da porta do que por questão de segurança. De perto, Ifigênia parecia mesmo mais feérica do que nunca, o disfarce humano enfim

dispensado: os olhos já não tinham pupilas e as escamas da pele eram de um tom verde leitoso, descascando debaixo dos ferros aos quais estava presa. Ela baixou novamente o tricô que estava fazendo para prestar atenção no demônio, que puxou um banquinho no canto da cela, limpou tudo com seu lenço estampado e enfim se acomodou como um lorde de férias no campo, achando tudo muito rústico e exótico.

— Então, né? — Ifigênia encarou o advogado. — Você quer saber como foi que eu cheguei aqui.

— Estou bem curioso, sim. E preocupado. Os familiares da fadinha querem seu sangue, tipo, logo. Senão, já viu. — Ele apontou para a fenda na parede que servia como janela. Nuvens escuras tapavam parte do céu. — Vão transformar São Paulo em Atlântida. Tipo como fizeram lá no Recife nos anos 1980. Então…

— Porra nenhuma. — Ifigênia deu de ombros. — Quero ver provarem que fui eu. Fala sério! Vocês duas — ela olhou para Berê e Rosemeire — sejam honestas. Aquela merda de pulôver envenenado é malfeito que dói. Cês viram aquela porcaria? Cês só podem estar de brincadeira que vão me degolar por causa de uma blusinha feita de acrílico fosforescente e com lantejoulas! E ainda por cima tricotado com a agulha de tamanho errado?! Tipo, cês notaram bem que aquele fio ruinzinho é pra agulha cinco milímetros *no máximo*? Tá com cara de que foi tricotado com agulha vagabunda de oito milímetros, aquelas que a gente dá pra criança aprender a fazer cachecol! As mangas malfeitas, tudo cheio de buraco e com ponto caído! Ah, mas por favor, né? Eu sou bem melhor do que isso. Dá uma olhadinha aqui, dá! Olha isso!

Com um fio de barbante grosso e dois hashi, e ainda com os braços presos na parede, Ifigênia tinha feito uma manta que poderia muito bem ser exposta em um museu, de tão bonita que era. Pássaros e flores se destacavam pelo metro e vinte da peça rendada que ela estava fazendo de cabeça, sem consultar nenhum gráfico ou receita. Bem o oposto da arma do crime, de fato.

— Isso aqui parece os tecidos que a grife do Alexander

McQueen usou na coleção de 2016. — Bubu estava admirado.

— Obrigada. A inspiração é renda de Bruges, na verdade. E eu estou com os meus *bons* braços presos, não deu para arrumar direito as barras do trabalho como eu gostaria. Enfim, senhor advogado, eu até posso ir para a execução, no fim das contas. O pessoal aqui da Polícia não quer ver a cidade deles debaixo d'água, e eu não tenho família. Que não gostava daquela pestinha, de qualquer maneira, isso é verdade. Ela me devia dinheiro, vivia me ofendendo no Twitter e a família dela, vou te dizer… Eles fazem o Don Corleone ser um santo! Isso tudo é verdade, e eu não nego. Mas eu não vou perder o meu pescoço por causa de um pulôver claramente feito por uma principiante. Não mesmo. Eu tenho um nome a zelar!

Bubu olhou para Rosemeire e Berê. As duas pareciam concordar com o argumento. *Tricoteiras*, o demônio-advogado pensou com um bufar. *Alguém me lembre de não atender mais essa raça!*

— Eu vou te dizer o que é os juízes vão falar, Ifigênia. Vão falar que você fez aquela blusa ruim de propósito. Sabe, para que não desconfiassem — o advogado disse.

— Olha aqui, filho. Olha bem pra minha cara. Olha! — Ifigênia ficou ainda mais verde, as correntes tremendo com o esforço para conter seu corpo. — Eu quero ver quem vai ser o filho duma puta que vai dizer que eu não sei fazer o que eu sei fazer de *melhor*. O seu trabalho é me tirar daqui. Eu não matei aquela fada, por mais vontade que eu tenha tido em algum momento da vida. E eu com certeza não tricotei aquele… aquela…

— Aquela ofensa ao senso estético? — Bubu ofereceu.

— Vindo dum fulano num terninho que parece ter sido feito com um tecido de sofá de tia velha, é, tá servindo de comparação… — Ifigênia fez uma careta.

— Ô, devagar aí! É um Gucci legítimo, isso aqui! Custou caro!

— Querido, eu sei que você é um demônio e tal, mas ó, deixa eu te contar uma coisa: vermelho não te cai bem. Deixa tua

cara mais pálida. Fosse aquela outra versão em azul clarinho que eles lançaram na mesma época, aí sim. Combinava com os seus olhos e ia deixar seu cabelo mais interessante. Mas essa cor aí não favorece nada.

— Oigalê, mas não me faltava mais nada. Uma bruta tempestade se armando na cidade, tu com a corda no pescoço, e as duas madames falando de roupa?! — Berê bufou. — Eu só espero que a Iolanda tenha conseguido arrancar alguma coisa do Caldeira, porque daqui…

— Caldeira? O Moisés Caldeira? — Ifigênia arregalou os olhos sem cor, os hashi desabando no meio do chão imundo.

— Sim, o guri da… — Berê começou, mas foi interrompida por um chute de Ifigênia bem no meio da canela.

— O que *merda* que vocês foram fazer com o Moisés Caldeira? Meu Deus, vocês duas são umas malucas! Cês não sabem que aquele sujeito é perigosíssimo?! Caralho, cês duas beberam detergente ou o quê? — A fada tentou se mexer de novo; as correntes quase se despregaram da parede e três policiais vieram ver que confusão era aquela na cela. — E vocês mandaram a *Iolanda* atrás dele, ainda por cima? A Iolanda e mais quem?

***

— Prontinho! — Samira abriu a porta do apartamento para que Iolanda entrasse. — Eu disse que esse truque de usar o skate do Faizal não ia falhar!

Iolanda tinha sido contra aquele plano, obviamente. No que dependesse só dela, teria chamado a polícia ou então telefonado para Berê pedir reforços, por menor que fossem as evidências que ela tinha arranjado. Ela só tentou imaginar qual seria a reação de Moisés Caldeira ao vê-las ali. Ele, cuja vida parecia mais parada do que água de poço, e cuja voz carregava mais trovoadas do que aquele céu feio do lado de fora da janela — que Samira tinha aberto na marra pelo lado de fora, tendo flutuado até o terceiro andar com o capacho de porta que seu sobrinho usava para passear.

Bem, no amor e na guerra vale tudo, e aquilo era uma guerra contra o tempo: tinham que achar alguma prova que fosse de que Moisés tinha entregado Ifigênia para as autoridades, antes que as autoridades entregassem a cabeça da professora para o carrasco. Berê e Rose estavam com o advogado na cadeia para negociar um *habeas corpus* para a professora, mas aquele tipo de coisa era raro como dente de pato. O jeito era provar que Moisés, por algum motivo, tinha armado para cima da professora e estava espionando o clube das Arachnés.

E lá estavam elas duas: no terceiro andar de um predinho tristonho em Pinheiros, rezando para que o dono do apartamento seguisse sendo o homem regrado de sempre. Se ele fosse, elas tinham uma hora para encontrar alguma pista em quarenta metros quadrados, antes que ele voltasse para o almoço. De tão nervosa que estava, Iolanda sentiu os cachos esticados para o alto de tal jeito começava a ficar com dor de cabeça.

— Ah! Então é para *isso* que ele compra aquele monte de lã? — Samira estava de olhos arregalados.

A primeira coisa que Iolanda notou foi a manta sobre o sofá. Iolanda reconheceu o desenho na mesma hora: era o Umaro, o famoso projeto do tricoteiro norte-americano Jared Flood, que misturava tranças irlandesas, renda e desenhos variados em ponto meia e ponto tricô. Tricotar aquilo era uma odisseia para os verdadeiramente iniciados nas artes manuais. E Moisés não tinha um, mas dois Umaros no sofá — um cinza-chumbo e outro azul-claro, ambos em lã merino, macios como nuvenzinhas e sonhos bons.

Aos poucos, Iolanda foi pegando outros detalhes. As almofadas de tricô irlandês, todas cheias de cabos e tranças e bolotas, em pelo menos cinco cores diferentes; os projetos iniciados: mantas e roupas de criança, tudo empilhado cada um em uma sacola específica; as cestas de plástico com diversos novelos comprados no Armarinho Lika, organizados por tom e grossura do fio; os alforjes de tecido com as agulhas classificadas por tamanho.

— Gente! Só tem coisa fina — Samira não se fez de rogada ao fuçar nos estojos de agulhas. — Addi, Signature… Só equipamento do bom por aqui! A mamãe do moço se trata muito bem.

— Não, só tem uma pessoa morando aqui — Iolanda se concentrou na estante de livros. Ysolda Teague, Kaffe Fasset, Alice Stanmore, um livro autografado por Elizabeth Zimmerman em pessoa: aquilo tudo era mais valioso do que ouro. Era o Santo Graal do tricô moderno, todos os nomes que tinham forjado uma nova tradição nos círculos do artesanato.

Depois, ela olhou as fotos na parede: uma família posando diante de um sobradinho ridículo de pequeno, uma imagem que gritava Zona Leste de São Paulo nos anos 1980: a fachada amarelo-clara, as janelas com esquadrias de alumínio e grades, o portão abaulado para caber o carro com porta-malas maior. Pai, mãe, sete filhos: seis meninas e um menino, todos muito com cara de migrantes nordestinos assentados no Sul Maravilha. A evolução das fotos mostrava a evolução da família: um carro, uma antena parabólica, um cachorro, dois cachorros, a filha mais velha grávida, depois a segunda filha. Os pais envelhecendo, engordando, perdendo os cabelos e a vitalidade. Na última foto, o único homem era Moisés, o pai desaparecido entre uma imagem e outra.

E Moisés, o caçula emburrado agarrado às saias da mãe, depois num canto do cenário, observando o fotógrafo com um ar pouco amigável, que não lembrava em nada o rapaz sempre tão simpático da padaria. Crescendo para ficar mais alto do que as seis irmãs, os cabelos cacheados revoltosos, depois curtos; um adolescente com uma camiseta preta de banda de rock, depois com um uniforme militar de soldado forçado ao serviço obrigatório, depois com roupas mais sóbrias.

— Eu devia ter desconfiado que vocês iam me aprontar uma dessas!

Os cachos de Iolanda quase pularam fora de sua cabeça e saíram correndo porta afora: Samira estava tombada no chão, desacordada, aos pés do magricelo Moisés Caldeira —

finalmente parecido com o rapaz de maus bofes nas fotos.

— Eu era um adolescente mais feio que encoxar a mãe no tanque, né? — Moisés apontou a foto. — Não que tenha melhorado grandes coisas desde então.

— O que você fez com a Samira?!

— Ah, nada. Ela já acorda. — Ele mostrou o que tinha escondido atrás das mãos. Um tubo de metal azulado, do tamanho de uma esferográfica; aparentemente inofensivo, mas que podia derrubar golens, djinns imensos e até um deus-elefante ou um minotauro se bem aplicado na veia mais destacada do corpo (quando não haviam veias, era melhor sair correndo).

— Isso é arma da polícia!

— É, e isso aqui também é, mocinha. — Ele tirou algo do bolso da camisa. Uma carteira funcional: MOISÉS LUÍS CALDEIRA NETO, DIVISÃO DE ESTRANGEIROS E EXTRATERRESTRES, POLÍCIA FEDERAL - SP. A foto correspondia ao homem que segurava a carteira. — Então. Você começa ou eu começo? Como você prefere? Quer se sentar?

— Você entregou a Ifigênia pros seus amigos?

— Não. Eu estava atrás é da fada que foi assassinada. A Ifigênia foi um acidente de percurso. E vocês duas — ele apontou para Samira, ainda desabada no corredor — quase estragaram seis meses de tocaia! Já te disseram que brincar de Sherlock Holmes é perigoso? Enfim, vamos lá, do começo. Você vem comigo até a cozinha. E sem reclamar. — Ele ergueu uma sacola de plástico — Eu trouxe um rango. Sua espécie come açúcar?

O "rango" era café da garrafa térmica, já adoçado e meio morno, servido com coxinhas de frango com Catupiry recém-fritas e um pão doce ainda quente dentro da embalagem de isopor: nada de nomes chiques ou anúncios sobre o uso de farinha orgânica ou recheios naturais, mas sim o típico pão recheado de creme de baunilha amarelo como icterícia, salpicado com coco ralado doce de dar dor de dente. E Moisés

comia como se estivesse de jejum por uma semana, engolindo tudo sem nem sentir o gosto. Perto dele, Iolanda era mesmo uma dama anoréxica.

— Certo. Então, do começo — Moisés limpou a boca com as costas da mão. — Eu sou especializado em crimes financeiros no seu lado do mundo. OK? Sou também o sétimo filho de uma família de feiticeiros nordestinos, mas não sou lobisomem. Só nasci sem poder.

— Nadinha?

— Nadinha. Acredite, fui detectado como afeérico ainda na maternidade. Mas nunca me fez falta. Ninguém nunca me tratou diferente em casa. Enfim, chega de falar de mim. O caso é que, há coisa duns seis meses, o meu chefe me mandou fazer tocaia no armarinho para ver se eu achava alguma informação sobre essa gangue de fadas que está botando nosso clima do avesso. Ele acha que as desgraçadas estão ganhando dinheiro em cima disso.

— E como é que você ganha dinheiro em cima do clima?

— Ô, você é estudante de Meteorologia, não é? Pensa um tiquinho… Teve uma época que elas goraram o Verão inteiro de propósito no Litoral Norte porque algum filho duma puta não pagou propina pra elas. Causar deslizamentos de terra é com elas mesmo. Saca os caras da Fundação Cacique Cobra Coral? Nesse nível, só que *elas* existem de verdade. Enfim, a pestinha que sumiu e depois morreu era parte do meu trabalho. Uma das cabeças de chave de um esqueminha encardido de extorsão. E a pista para saber o que é que estava rolando estava dentro do armarinho. A garota tinha uns contatos na região, foi vista na área… E, bem, a Ifigênia… Eu acompanho o Twitter dela. E aí eu saquei que ela era a pessoa certa pra ajudar a espiar a loja. E então eu meio que pedi ajuda.

— Pediu ajuda ou mandou ajudar?

— Eu *peço* as coisas, garotinha. Minha mãe me deu educação. — Moisés se serviu de mais café. — De mais a mais, a Ifigênia tem ficha limpa na polícia. Ela é toda grosseirona,

mas, literalmente, não faz mal nem pra mosca. Ela concordou em ficar de olho nas coisas, mas eu achei melhor ficar fiscalizando de pertinho. Só pra garantir.

— Daí que você ficava comprando aquele monte de fio no armarinho.

— Os fios eu ia comprar de qualquer jeito. Eu tricoto desde os meus seis anos: é por isso que o chefe me colocou nessa tocaia. Eu entendo do assunto bem melhor que muita gente, não ia precisar treinar nenhuma policial pro serviço… E quem ia desconfiar dum taioba que nem eu, numa padaria cheia de gente metida a artista e numa loja cheia de mulher tagarelando? Era o disfarce perfeito.

— Perfeito? Você era o único homem na loja, seu tosco! É claro que a gente desconfiou! — Iolanda deu um berro.

— Acalma aí os cachinhos, menina, os vizinhos vão te ouvir. Não precisa cuspir veneno.

— Danem-se os meus cachinhos e danem-se os seus vizinhos! Você estava espionando a gente! E, por sua causa, a Ifigênia vai ser morta por uma coisa que ela não fez! Aquela blusa… Eu vi a foto no jornal. Ela nunca faria uma porcaria que nem aquela.

— Ela, talvez não. E você? A djinn, talvez? Ou aquela outra com as tranças coloridas, ou ainda a tia japonesinha? Entendeu, Iolanda? A criminosa ainda tá lá dentro! Eu ainda não achei quem era a parceira da falecida, que foi quem provavelmente mandou a dita-cuja pro céu das fadinhas mafiosas quando descobriu que a casa caiu pro lado dela. E aí a culpa não é minha. É das circunstâncias. Se você e a marroquina pararem de brincar de detetive, quem sabe eu consigo resolver o trabalho.

— E pensar que eu gostava de você — Iolanda resmungou. — Isso também era fingimento da sua parte? Ficar jogando charminho pra cima da Flávia do caixa e pra cima de mim?

— No caso da Flávia, sim, era fingimento puro, porque ela é extremamente sapatão. Não sei se você já teve a oportunidade de prestar atenção no fato. Ou, sei lá, prestar atenção no fato de que ela existe e até consegue sair de trás do balcão quando

termina o expediente. Já no seu caso, eu vou ter que ser honesto de dizer que…

— *Kus'uktak*! Mas o que foi que me acertou? — Samira gemeu, a voz pastosa.

— Mas já? — Moisés olhou o relógio na parede da cozinha. — Essa porcaria dessa arma deve estar descarregada… Aqui na cozinha, djinn! Você consegue levantar, eu imagino. Tem café! — O policial olhou de novo para Iolanda. — Então é isso. Sim, eu sei tricotar. Não, eu não sou padeiro. E se eu não resolver o caso, eu perco o meu emprego e São Paulo vai boiar feito uma vitória-régia logo, logo. Que divertido, né?

— Sabe duma coisa? Eu acho que preferia quando você era um taioba — Iolanda disse, enquanto se levantava para ir acudir Samira no corredor. Moisés fingiu bem não ter ficado sentido com a ofensa. Ele olhou para o vitrô sujo da cozinha: estava começando a chover.

ESCOTEIROS E APARIÇÕES

EMILY DE MOURA

O segundo andar do único prédio de dois andares do grupo escoteiro da cidade tinha fama de assombrado desde antes de ser doado pelo último dono desiludido. Nenhum comércio, escritório, escola de línguas ou centro de artes instalado ali ficava mais de seis meses aberto, e a história de que o lugar era assombrado só crescia conforme cada locatário fechava seu negócio por falência, morte na família, doença contraída ou qual fosse o motivo da vez.

Quando o prédio finalmente foi doado, os meninos da tropa masculina logo inventaram mais histórias mirabolantes para assustar as crianças mais novas, o que só piorou a situação, e a coisa toda escalou a tal nível que mesmo agora, anos depois do acontecido, pelo menos dois terços do grupo escoteiro suspeitava que o lugar fosse mesmo assombrado.

Margarete, a presidente do grupo, fazia todo o possível para calar o falatório. Mantinha a porta que levava à escada trancada, as crianças mais novas e os adolescentes mais animados longe do prédio e os chefes de todas as tropas atentos para que ninguém subisse até lá.

Ainda assim, ela não conseguia afastar a sensação ruim no fundo do estômago desde que Tadeu e Ana Júlia, os dois chefes mais novos da tropa escoteira, se despediram no portão da sua casa naquela segunda à noite e seguiram sozinhos até a sede do grupo escoteiro para checarem provisões e mudanças de última hora antes do acampamento que aconteceria no feriado do fim de semana. Eles não iriam até o prédio, depois da quadra poliesportiva e longe da entrada, e mesmo assim…

Lembranças de conversas com outros chefes de outros grupos povoavam a cabeça da mulher enquanto tentava focar sua atenção no filme que passava na TV. Algum tempo atrás, um tal de Bernardo, o dono de uma fazenda em uma cidade cujo nome ela já não se lembrava, havia falado alguma coisa

sobre corpos-secos e como o grupo tinha sorte por estar lá fora de temporada. Um chefe de um grupo de outro estado havia comentado, em voz baixa, sobre o encontro que ele havia tido com um bicho alto e peludo certa noite enquanto almoçavam juntos. E havia também aquela vez…

Incomodada com a sensação ruim, Margarete tentou ligar para um dos dois jovens. Quando as ligações caíram na caixa postal, ela desligou a TV, pegou a chave do carro e saiu de casa, trancando a porta atrás de si. Enquanto dirigia para a sede, tentou ligar mais uma vez para cada, mas nenhum deles atendeu. Preocupada, ela acelerou, aproveitando-se das ruas vazias. Fazia o caminho no automático — ela já estava no grupo havia alguns anos quando finalmente assumiu o cargo — tentando se convencer de que queria apenas dar uma checada nos dois.

Margarete não era velha — ela tinha pouco mais de cinquenta anos. Sua saúde era ótima. Sua vista e audição, excelentes. Ainda assim, não conseguia explicar o que tinha presenciado aquela noite em que estava sozinha, anos atrás. E saber que Ana Júlia e Tadeu estavam tão perto sem ninguém para olhar por eles…

O carro estacionou com um guincho quando ela puxou o freio de mão com força e saltou para fora. O portão estava trancado, mas ela podia ver, através das grades, o carro do pai de Tadeu estacionado no pátio a sua frente e a porta da sala de reuniões aberta ao fundo, a luz lá dentro acesa. Um calafrio desceu por sua coluna e ela empurrou o portão com força, quase tropeçando nos próprios pés ao entrar no lugar tão conhecido.

— Anajú? — chamou, andando rápido até a porta da sala.

Estava vazia, a mochila que a moça costumava usar esquecida em cima da mesa. Uma pontada de alguma coisa que ela não soube definir — intuição, talvez? — fez Margarete virar-se em direção ao sobrado, à sua direita.

Apenas dois postes ficavam acesos durante a semana,

iluminando o pátio logo na entrada da sede, às suas costas, mas Margarete não precisou forçar a vista para perceber que estava sozinha ali. Assim como ela havia ficado aquela noite, quando subiu ao segundo andar pela última vez.

Apertando a imagem de Nossa Senhora que carregava em um colar no pescoço, correu para a entrada do prédio, atravessando a quadra poliesportiva vazia, e tentou, com toda a sua boa vontade, ignorar os pelos do braço se levantando quando viu a porta que levava para o segundo andar destrancada e aberta. Convidativa.

A escada íngreme, de degraus altos e curtos demais, estava vazia quando ela se aproximou — mas dois corpos se encontravam de pé ao final, de costas para ela.

— Ana Júlia? Tadeu?

A voz de Margarete cortou o silêncio da noite e, no segundo que demorou para alguém reagir, a presidente se arrependeu amargamente de nunca ter feito nada para se livrar das aparições que assombravam a sala no segundo andar.

Fora a voz delas que ela havia escutado naquela noite, em seu primeiro ano como chefe escoteira. Ela tinha ido até lá para resolver qualquer coisa importante quando ouviu pessoas sussurrando fora da sala de reuniões e decidiu seguir o som para descobrir se alguém tinha entrado na sede sem ela ver. Parte de Margarete sabia que não devia investigar aquilo sozinha, mas não havia ninguém ali por perto — já era tarde e as salas comerciais da região estavam todas fechadas —, de modo que ela percorreu o perímetro inteiro até perceber que o som vinha do sobrado. Ela havia destrancado a porta, subido as escadas, aberto a fechadura emperrada com certo esforço e se encontrado sozinha em uma sala vazia. Mas as vozes não se calavam. Pelo contrário, zumbiam em seus ouvidos, ensurdecendo seus pensamentos e embaralhando seu cérebro. Ela não se lembrava de como havia saído de lá ou por que nunca havia voltado para a sala para descobrir a verdade.

Agora, vendo Tadeu se virar para sua direção com uma

cara assustada ao ouvir seu nome ser chamado e Ana Júlia rir ao perceber que se assustara à toa ao dar de cara com a presidente, Margarete respirou aliviada. E decidida.

Ela iria lidar com os espíritos da sede de seu grupo escoteiro ainda naquela semana. Antes que eles mexessem com uma de suas crianças. ●

EQUIPE

MARCOS BERTO - Autoria e Ilustrações

Marcos Berto começou estudando desenvolvimento de jogos digitais na PUC-SP, passou por psicologia e hoje trabalha com ilustração e arte. Já salvou o mundo de Termina pelo menos 15 vezes e garante que vai salvar mais. Além de ter uma pasta cheia de protótipos de jogos guardada, tem textos de fantasia e ficção científica que agora estão saindo à luz do dia.

JAKSON NAKO - Edição

Jakson Nako sempre gostou de criar histórias, e foi aos 15 anos que escreveu pela primeira vez para participar de um festival de poesias entre escolas públicas, ficando entre os cinco premiados. O autor estudou jornalismo e publicidade e propaganda. Na USP, estudou literatura africana de língua portuguesa, literatura italiana, catalã e bizantina. Na Amazon, publicou os livros: *O Garoto Adam*, *A Vila dos Gatos* e *Sobre o Pensamento e o Tempo*.

PARTE 3

No capítulo anterior…
Jéssica vivencia sua cidade, um labirinto de paredes altas demais, e encontra Monica, sua professora e também cliente. As coisas começam a esquentar quando Monica resolve sair da minípolis onde viveu a vida toda e levar Jéssica consigo.

*****

Levantei a cabeça de um ombro quentinho que servia de apoio. Estávamos sentadas num banco de plástico no que reconheci ser o terminal de trólebus caindo aos pedaços. Eu costumava visitar o lugar quando criança e observar o

vovô trabalhar, mas desde o dia em que um morador de uma minípolis saiu às vias públicas — sabe-se lá porquê —, acabou sendo atropelado pelo trólebus 2100 e morreu, o terminal não funcionava mais.

O isolamento do vovô Douglas se devia a isso; supostamente ele havia matado uma pessoa. As tentativas de passar a culpa para o computador de bordo foram em vão.

Vovô era um fugitivo velho e fraco escondido no porão de um asilo desativado. Duzentos anos atrás, ele seria perseguido pelos órgãos públicos da cidade de São Paulo e do Brasil, mas eles não existiam mais. Nessa situação, quem o procurava para vingar a vida perdida no acidente eram mercenários contratados pela família da vítima, soldados de minípolis trabalhando um segundo turno, e todo o dinheiro para proteger vovô fora para a expansão de segurança nível 2 da R1ta, nossa robô de manutenção doméstica. Não havia leis para deter os mercenários e nem um júri para discutir a possível inocência de Seu Douglas. Não havia para onde correr senão para outra colônia americana, então minha família tinha decidido ficar.

Olhei ao redor. Havia apenas um trólebus parado no terminal inteiro. Ele visivelmente era antigo, mas fora robotizado depois de um tempo — como era possível perceber pelas pequenas câmeras e antenas brotando de sua lataria. Uma parte dela estava amassada e muitos vidros faltavam. Como um braço de um paciente esparramado na maca, a haste de metal que ligava o teto do veículo à linha elétrica da rua pendia em direção ao chão, empoeirada. Ele ainda tinha rodas, o que quer dizer que ele não tinha o sistema mais recente de mobilidade para veículos terrestres, pares de pirâmides de pontas arredondadas capazes de girar livremente para qualquer lado. O trólebus ainda tinha rodas, a invenção mais antiga da Humanidade — uma relíquia, segundo o vovô.

O lugar estava vazio e só algumas luzes do teto estavam acesas. Vi a professora Monica olhando pensativa para sua mão, provavelmente trocando mensagens com alguém ou assistindo algum vídeo engraçado na sua imaginação. Ao lado dela, um

guarda-chuva verde pingava água da chuva e, ao lado dele — que susto! — minha amiga R1ta. Ela notou que eu havia acordado, talvez por causa do aplicativo de cardiograma, então se dirigiu devagarinho até perto dos meus pés.

— Está se sentindo melhor, Jéssica? Este é um copo de água, já que você apresenta índices baixos de hidratação. — De uma abertura estreita na caixa de plástico de cor desgastada surgiu um copinho preso a um braço articulado

— Obrigada… Mano, como você chegou aqui?! Nem sair de casa você pode! E o Seu Douglas não pode ficar sozinho.

— O seu avô não está mais na sua casa, Jéssica — respondeu Monica. — Vamos pegar o ônibus e sair daqui. A R1ta está aqui para nos ajudar com isso.

— Sim. Também estou aqui para cuidar do seu coração artificial, Jéssica. — a voz feminina da robô disse, sílaba por sílaba. — O aplicativo da empresa Bioparts recomenda que você tome estes calmantes Ruanocean junto com água. — A abertura em sua barriga ressurgiu, revelando o mesmo bracinho articulado, desta vez segurando pílulas brancas. — Obrigada.

— R1ta, você está com o programa de motorista instalado, não é? Vou colocar o trólebus na energia de novo e vamos.

A professora levantou-se e correu para o veículo abandonado enquanto falava. Ela parecia menos nervosa comparando com a hora da nossa fuga da minípolis, o que me tranquilizou. A ilustração do tigre digital surgiu nas costas pretas da blusa dela, não mais coberta pela jaqueta, a cabeça inclinada como o gato de casa fazia.

Voltei a encarar a robô e fiz todas as perguntas que se amontoavam em meio aos meus pensamentos:

— Você vai dirigir ele então… Você nunca fez isso antes, mano. Será que ele não está quebrado? E ainda não sei porque estamos fazendo tudo isso e nem onde está o vovô, R1ta. Ele vai ter que se esconder em outro lugar?

— Dentro de uma escala de zero a dez, em que zero é a tranquilidade de um barco no meio do oceano e dez as

reviravoltas de uma revolução dos humanos contra o sistema, eu diria que a situação está em sete. — Ela aguardou um instante antes de prosseguir para o próximo assunto, da maneira como eu a ensinara. — O trólebus está ótimo e continuará funcionando por aproximadamente mais onze viagens de até quatro quilômetros de distância cada. — Outra pausa. — Seu Douglas está bem e ainda possui aproximadamente vinte e três anos de vida, contanto que encontre um lugar seguro com acesso a medicamentos para se esconder. Tome suas pílulas e a água. Obrigada.

Engoli as pílulas e a água num gole só.

Eu não queria que R1ta nos matasse dirigindo aquele troço. Também não queria que ela morresse, porque sabia que suas peças eram antigas e desgastadas demais para ela ser consertada. Eu queria caminhar mais meia hora na chuva, solitária, até a escola que eu odiava e ter um dia comum. Eu nunca mais aceitaria nenhum emprego do vovô.

Lembrei-me do pacote para o amigo dele. Minhas mãos dispararam para a minha cintura e notei, para meu alívio, que ele ainda estava ali. Queria saber o que tinha ali dentro, que objeto tão importante para um sujeito igualmente importante teria motivado meu avô a me colocar naquela situação? Será que o vovô ficava com uma parte muito maior do pagamento do que eu? Puxei o papel amarelado com descuido até que ele rasgou. Deixei os pedacinhos caírem no chão mesmo e retirei o conteúdo com nenhum cuidado. Era um pino de memória para robôs, os melhores e mais rápidos pinos para guardar arquivos.

Ótimo, pensei, *estou levando a coleção de discos do vovô para o amigo dele, porque mandar pela internet deve ter ficado caro demais. Ou então todos os jogos dos cem últimos anos da Nintendo adaptados para jogar só com as mãos*. Guardei o objeto no elástico da saia de novo.

— Espero não morrer por isso.

Achei o chocolate na minha bolsa e o devorei em duas mordidas.

Tzzzz! Um estouro elétrico me fez dar um pulo. Faíscas saíam de cima do trólebus, agora reconectado à fiação antiquada. Podia-se ouvir o barulho do motor e, depois de alguns segundos, ver as luzes internas acendendo aos poucos. Por um momento, o tigre na roupa da professora Monica ficou bugado, cheio de listras verdes e roxas deformando sua cara felina. Ela desceu lá de cima empolgada com os fios do cabelo apontando para todas as direções e disse:

— Para dentro, as duas!

Havia três meses, os instrumentos de navegação não funcionavam mais. Portanto, viajavam às cegas.

A entrada na atmosfera foi difícil. Quatro turbinas estavam falhando. As outras dariam conta da aterrissagem. O trem de pouso estava no lugar, mas, pelo tipo do terreno disponível, não seria muito útil. A nave atingiu pequenas árvores, adejou um pouco para a direita, tocou o solo e deslizou aos solavancos. Quando parou, uma nuvem de poeira subiu, e demorou uns cinco minutos para que vissem onde haviam caído.

Era um tipo de cerrado, com vegetação quase toda rasteira. Após uma análise rápida das condições atmosféricas, decidiram que não precisavam de capacetes ou equipamentos respiratórios. Ao abrir a escotilha, um ar quente e seco bateu no rosto do Capitão, queimando a pele. Ao longe, ouviram o agouro de um anu branco. Fora isso, apenas o som do vento assoviando nos galhos secos.

Juntaram a pouca água restante, algumas barras de alimento e saíram em busca de contato com locais. Andaram por seis quilômetros, até avistarem uma choupana com uma cerca precária delimitando o terreno.

Chamaram, "olá, alguém aí?". Mas os moradores, se existiam, haviam saído. Entraram no local: pouca mobília, uma foto de um velho com uma faixa bicolor emoldurada na parede. Chão sem pavimento, telhado de palha, paredes de taipa. Água num reservatório pequeno, feito de barro, recipientes de plástico e alumínio amassado. Não havia banheiro. Decidiram esperar do lado de fora, tendo o cuidado de deixar a porta como encontraram.

Após algum tempo, chegaram um habitante e seu cão. O homem vestia-se de forma simples, castigado pelo tempo e pelo sol, braços finos, pernas esquálidas e olhar sem brilho. Armado.

— Olá! Viemos de longe, precisamos de água. O senhor sabe onde podemos encontrar? Existe alguma cidade aqui perto? Para que lado devemos seguir? Entende o que estou dizendo?

O cão, agora sobre as patas traseiras, respondeu numa voz rouca:

— Muinta pergunta. Pelo chêro ocêis já entraro na nossa casa e mexero nas nossascoisa. Zé, fogo neis!

Acostumado a tratar com raças bem mais beligerantes que aquela, o Primeiro Tenente se adiantou, tentando uma abordagem aprendida nos anos de diplomacia galáctica.

— Não, senhor, não é necessária a violência, podemos…

Antes de terminar a frase, recepcionou definitivamente toda a munição da cartucheira do Zé, que fora muito bem treinado por Isnupi para obedecer a suas ordens.

De olhos arregalados e grito travado na garganta, o Capitão não teve tempo para reação. Zé já estava no seu cangote com uma peixeira afiada e eficaz, furando e cortando, o sangue quente numa cascata brilhante. Em minutos, estavam acabados.

— Ligêro, Zé, antes qui as saúva toma conta. O mais magro ocê carnêia adespois charquêia. O fortin nóis vamo defumá, podemo consegui algum dinhêro na fêra.

Zé arrastou os desavisados astronautas e os levou para a parte de trás da choupana. Sabia que não poderia contar com a ajuda do cão, que usava a ausência de polegares opositores como desculpa para evitar afazeres domésticos. Melhor assim. Isnupi não sabia que o ideal era defumar algumas partes dos dois infelizes, mas não o Capitão inteiro.

Com destreza, a faca trabalhou incessante: mãos, pés e cabeças para um lado, vísceras devidamente separadas. O restante virou um monte de mantas finas, quatro centímetros de espessura, que recebeu sal e foi para uma armação com telas, onde seria curada pelo sereno e pelo sol, por cinco dias e seis noites. Também reservou um par de pernis. Esses seriam defumados e iriam para a feira, que acontecia mensalmente na vila.

Zé acabou o trabalho. Parou, olhou para o resultado de uma tarde inteira de labuta, limpou o suor com as costas da mão, pousou as duas na cintura.

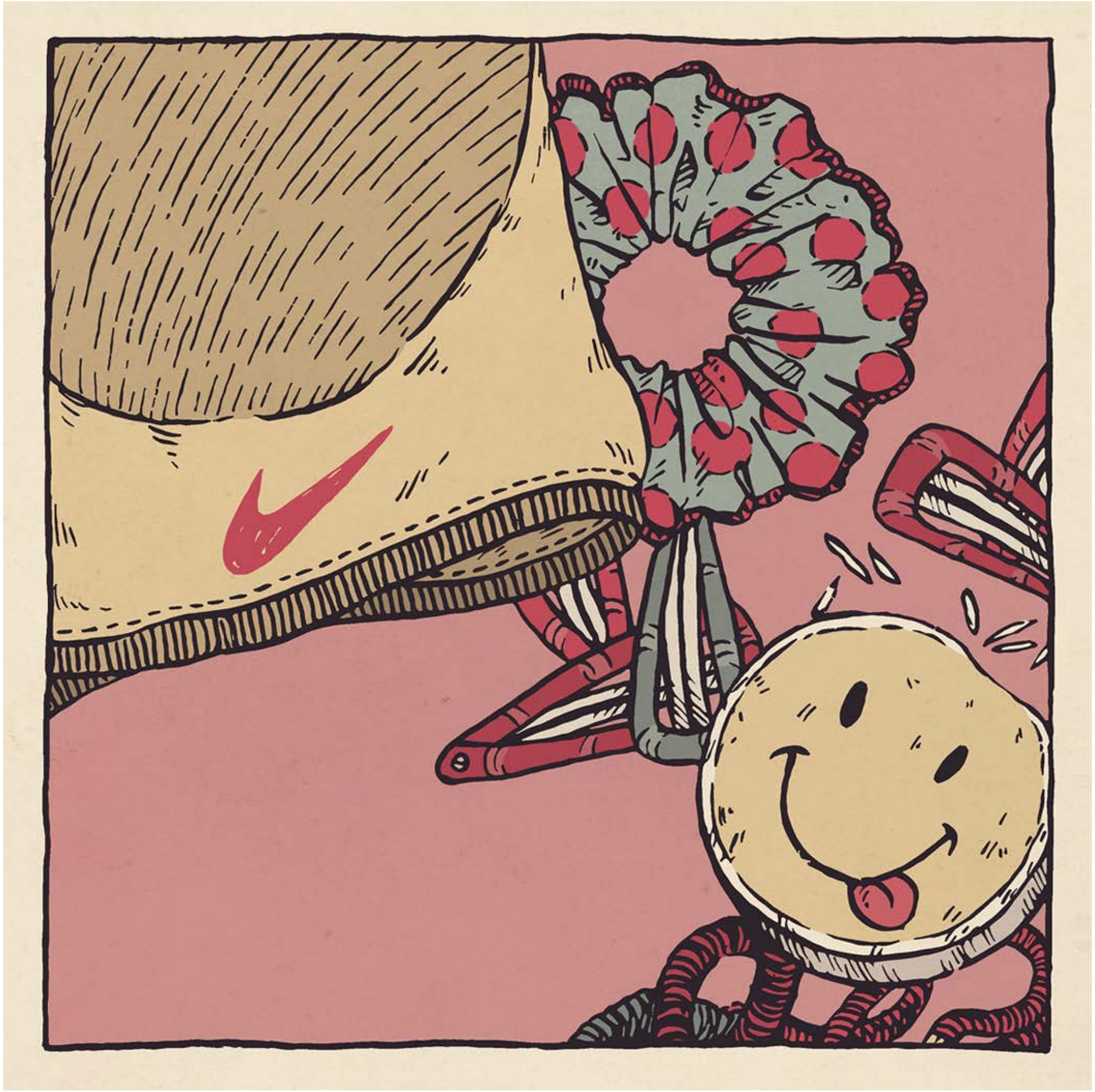
— Oxi. Quanta fartura. ●

DANTE LUIZ - Autoria e Ilustrações

Dante Luiz é um artista ilhéu que escreve de vez em quando. Ilustrou a capa e os contos da coletânea brasileira *Cantigas no Escuro*, e publicou vários quadrinhos em lugares da gringa, como *Wayward Sisters*, *Gothic Tales of Haunted Love* e *Dates vol. I e II*. Se quiser contatá-lo, é só dar um oi no Twitter: @dntlz.

H. PUEYO - Edição

H. Pueyo escreve ficção especulativa, roteiros para quadrinhos e traduz nas horas vagas. Não é muito de falar, mas seus contos podem ser lidos tanto em português quanto em inglês em revistas como *Trasgo* e *Mad Scientist Journal*, entre outras.



No capítulo anterior…

Elias vai até o templo da pirâmide para descobrir o que aconteceu com sua mãe. Lá, ele conhece três estranhos cujas motivações ainda são um mistério: dona Mariza, a adolescente Karol e o deputado Teófilo. Jean, seu ex, também está lá, deixando a situação ainda mais tensa. Qual é o segredo que Mariza está prestes a revelar?

*****

INGREDIENTE Nº3: A BORRACHA DE SMILEY

— …E foi assim que eu fui banido do território de Macau

por um ano inteiro. Nada sério, pra falar bem a verdade. E não é como se eu fosse voltar tão cedo…

Todos riram, até Elias, mas a risada de Karol era a mais alta. Eles só pararam quando a porta de número dois foi empurrada abruptamente, e dona Mariza apareceu com uma expressão furiosa em seus olhos fundos.

— Credo, dona Mariza, você tá com uma cara horrível — Karol exclamou, arregalando os olhos. Dona Mariza estava ofegante, e seu cenho estava franzido. — O que houve?

Dona Mariza não respondeu. Karol quase conseguiu ver fumaça saindo de suas narinas. Isso, junto da escuridão vinda da sala, fez dona Mariza parecer uma bruxa dos filmes que ela gostava de assistir.

Karol correu para tentar ver o que tinha na cabine, e Jean a seguiu, mas a porta se fechou com um BAM, e tudo que conseguiram ver foram sombras.

— E aí? — Karol perguntou. Os dois tinham parado na frente da mulher, tentando obter uma resposta.

— Tem chifre ou não tem chifre? — Jean estalou os dedos diante da cara dela.

Dona Mariza olhou para o teto, segurando a gola de seu vestido com força. Sua respiração estava errática, e ela parecia tentar se acalmar. Karol notou que os olhos dela estavam lacrimejantes.

— Dona Mariza — Elias levantou, e Teófilo fez o mesmo. — Venha aqui, descanse um pouco. Como a senhora está se sentindo?

Ele tentou oferecer a mão como tinha feito antes, mas ela recusou, ainda de pé. Teófilo se aproximou, e perguntou em voz baixa:

— Como foi lá dentro?

Por um momento, dona Mariza pareceu estar em paz, e ela respirou bem fundo uma última vez antes de desfocar os olhos da luz rosa. Ela piscou lentamente, e largou da gola do vestido,

voltando sua atenção para a caixa de sapatos sob seu braço. No começo, ela só encostou os dedos no papelão, mas aquele toque suave logo virou uma sequência de puxões agressivos, e acabou com ela jogando a caixa para longe, bem no buraco no chão que levava para a escadaria.

Toc, toc, toc.

Ninguém disse nada, nem mesmo dona Mariza, que olhava para a porta sem interesse. A caixa continuava a cair pelas escadas, até que um último toc suave fez com que eles soubessem que a caixa de sapatos tinha chegado em segurança ao segundo andar da pirâmide.

Karol gargalhou.

— Acho que isso responde nossas dúvidas — ela ignorou Elias, que acenava para ela, e dona Mariza continuou em silêncio. — E aí? Como é a cara da Jaque do departamento de sei lá o quê? Eu tava imaginando ela, tipo, uma dessas loirosas peitudas, sabe? Ou uma ruiva. Se bem que eu nunca vi uma ruiva natural, então talvez isso seja mais difícil de achar.

Na verdade, ela tinha várias imagens mentais pra tal da Jaque, não só loiras: Malu Mader, Gretchen, Luiza Brunet, a Xuxa… Qualquer celebridade já estava bom demais.

Mas dona Mariza gritou:

— Lésbica! A Jaque é lésbica! Dá pra acreditar?

— Sem querer brigar nem nada — Jean levantou uma sobrancelha preta. — Mas, assim, a ideia toda de ser lésbica envolve, bom, não envolve homens.

Dona Mariza rugiu, e Karol sentiu como se aquilo fosse uma partida de vôlei, onde ela tentava acompanhar os dois times. O levantador passa a bola, boa defesa, pá, pá, pá, set point! Pensar nisso antes a teria chateado — nada era mais importante para Karol do que o vôlei — mas dona Mariza continuou seu discurso:

— Mas é exatamente isso! Ela não está dormindo com ele! Ninguém está! Nem eu! — Cada palavra saía em um tom mais agudo que o outro, fazendo Teófilo se contorcer ao seu lado. — Aquele preguiçoso, pinto fino, maria-mole, covarde…

Não conseguiu nem achar outra mulher pra *tr*…

A pele seca de outra pessoa cobriu as orelhas de Karol. Ela olhou para cima, vendo Jean sorrir para Elias, que moveu os lábios em agradecimento por tê-la protegido dos palavrões que vieram a seguir.

Não é como se eu não soubesse dessas coisas, Karol virou os olhos. Não por experiência, tá bom, mas teve aquela vez que ela passou três meses chantageando seu pai depois de encontrar ele transando com uma das melhores amigas da vovó na sala de casa. Eca, aquilo tinha sido traumático.

"Se você me der uma bicicleta nova, eu não conto pra minha mãe que você gosta de peitinho com cheiro de naftalina", ela disse em tom ameaçador, sacudindo o sofá vermelho para frente e para trás, imitando o que ele fazia na cena do crime. *Bang, bang, bang*. Tinha sido divertido no começo, até ele começar a chamar ela de demônio, e aí tudo começou a ficar sem graça. "Você não respeita ninguém", blá, blá, blá. Mamãe não merecia isso, de qualquer forma, e ela também não.

Falando em mãe, ela chorou horrores quando Karol contou para ela. Tinha passado quarenta minutos abraçando sua barriga, tentando fazê-la rir de novo, mas ela estava inconsolável. "Todo o mundo odeia quando os pais se divorciam", Karol tinha dito a Ana Júlia, sua melhor amiga, "mas eu não quero um mentiroso como pai".

Dona Mariza continuou falando. Devia ser algo sobre o Ricardo, lésbicas, pintos. Algo assim. De repente, as mãos soltaram Karol, e Jean voltou ao seu assento.

— Só tem uma coisa que eu não entendi — Teófilo disse em voz baixa, como se estivesse falando algo proibido. — A senhora não deveria estar feliz? Seu marido é fiel, não é mesmo?

— Meu marido é *horrível*! Não horrível, na verdade, chato! Um marido chato, com crianças chatas, e uma vida chata! Tudo é chato! — A voz de dona Mariza era instável, e seus olhos sem foco a deixavam um pouco assustadora. — Eu queria algo interessante acontecendo comigo, merda, só uma vez na minha

vida! Algo além de crianças fazendo xixi na praia! Eu fiz tanto esforço para ser a esposa perfeita minha vida inteira, e foi tudo por água abaixo! Pra isso! Por que eu me contentei com isso? Nenhum de vocês entende o que eu estou passando, vocês estão roubando escolas, procurando mães mortas, indo para a Bulgária, onde quer que seja isso! Eu vou embora daqui!

Karol franziu a testa. Era estranho ficar braba por tudo aquilo.

Dona Mariza desceu as escadas rapidamente, e eles conseguiam apenas ouvir seus tamancos contra o metal escuro: *clonk, clonk, clonk*. Levou só alguns segundos para ela desaparecer de vez.

— Cara — Jean foi o primeiro a falar, alargando ainda mais sua gravata com o dedo e jogando parte dela para trás do ombro, fazendo com que ela girasse ao redor de seu pescoço. — Ficar braba de não poder ir pra Bulgária é um negócio que não dá pra entender. Não me entendam mal, não é que o país seja ruim nem nada, mas acho que isso foi um exagero.

— Não tem nada a ver com a Bulgária — Elias suspirou alto, o que fez Karol pensar que eles brigariam de novo, mas nada aconteceu. Ao invés disso, ele sentou na cadeira de dona Mariza, ficando mais perto de Jean. — Acho que ela estava esperando encontrar uma razão para largar o tal do Ricardo e finalmente viver a vida que ela esperava ter.

Karol não entendia por que dona Mariza não podia simplesmente deixar o marido chato dela para trás e viajar para a Bulgária. Toda essa palhaçada adulta estava ficando chata demais.

— Verdade — Jean concordou. — Acho que fui meio insensível. Ainda assim, eu acho que ela se comportou errado, considerando que tem uma menor de idade na sala, mas as pessoas são imprevisíveis quando estão estressadas.

Imprevisível era ver aqueles dois falando alegremente, isso sim. Agora, Jean estava virado na direção de Elias, e eles falavam em tom amigável enquanto Teófilo relia seu panfleto.

— Olha isso — Elias apontou para o peito de Jean, e desfez a gravata dele, sacudindo a cabeça. — Você ainda não consegue fazer um semi-Windsor por nada nesse mundo, né?

Jean deu de ombros, sorrindo.

— Fiquei pior depois que você foi embora.

— Então compra um prendedor de gravata — Elias enrolou a gravata, a deixou na mão de Jean, e deu uns tapinhas no peito dele. — Assim você não passa vergonha.

Karol estalou a língua nos dentes por trás do aparelho. Ela estava ficando irritada com a falta de entretenimento, e queria que Jean contasse histórias sobre diplomatas mais uma vez. Isso a lembrava do Thiago da classe C, cujo pai trabalhava no Itamaraty… Tinha sido ele ou o Tony da B que tinha sido preso por ter planejado o esquema?

Ela mordeu o lábio, tentando lembrar qual deles. Não tinha falado com nenhum dos meninos do grupo desde que fora expulsa. Era engraçado, até, agora que tinha acabado, o quão pouco ela sabia do que eles faziam. Ela estava no grupo que começou tudo — ela, a Ana Júlia, o Tony, o Thiago — mas foi ela que entrou na sala dos professores e conseguiu a senha dos armários que guardavam os gabaritos.

Tony teve a primeira ideia, Thiago convenceu o professor de matemática a ajudar, e Ana Júlia começou a vender gabaritos para o pessoal do fundamental. A única coisa que Karol fez foi apagar as notas com sua borracha preferida, a de smiley, e imitar a letra dos professores.

Era para ser algo entre amigos — só o grupinho deles, o único que importava — mas alguém teve que estragar tudo.

Se a Ana não fosse tão cabeça oca, talvez eu ainda estivesse jogando vôlei, Karol pensou. Jean estava tentando flertar com Elias, mas ela não estava mais interessada. *O que foi que a gente fez de errado?* Talvez tivesse sido culpa dos meninos, que quiseram notas altas demais.

Odeio tudo isso, ela começou a ficar irritada de novo. A escola não deveria ter pego tão pesado com ela. Foi injusto, e esperar naquele templo era um saco. Voltou a procurar algo para se distrair na sala. Teófilo massageava as têmporas. Jean e Elias estavam em um estado de trégua de ex, falando algo em

outra língua e rindo baixinho.

Karol beliscou a borracha em seu bolso, deformando a cara amarela e feliz.

— Jean — ela disse, fingindo simpatia. — E aí? Por que você tá aqui?

Enquanto Teófilo e Elias pareceram interessados, os ombros de Jean ficaram duros, e linhas de estresse apareceram em sua testa quadrada.

— Ah… — Jean olhou para Elias, que olhou de volta. — Nada interessante. Só umas perguntas de negócios.

Oh-ou. Elias tinha ficado brabo.

— Deve ser algo grande — Karol disse. — É trabalheira demais vir aqui só por um trocinho aleatório.

— Verdade — Elias o encarou. — Jean?

Jean cruzou os braços, afundando na cadeira.

— Eu gostaria de ter a posição do meu chefe um dia, e queria que o chá me dissesse como. Felizes?

Agora eles vão brigar, Karol pensou, ignorando seus próprios problemas, mas nada aconteceu. Elias parecia triste, não irritado, e falou em voz baixa:

— Claro que seria algo assim.

Uma quarta voz se uniu à conversa, e Karol se virou para ver Teófilo, que ficou de pé.

— Eu sei o que você está tentando fazer — o deputado falou, suas mãos tremendo um pouco quando ele ergueu um dedo no ar. — Você quer que os outros briguem. Se diverte com isso… Você é uma garotinha desagradável, e digo mais: não estou nada feliz com seu comportamento, não estou.

O coração de Karol disparou.

— Quem disse que você pode falar assim comigo? Você não é meu pai!

Teófilo sacudiu a cabeça, descrente, e ela foi lembrada do trágico dia onde a escola chamou seus pais para uma conversa séria.

"Sabemos que sua filha é uma das organizadoras de um sistema de fraude no quadro de notas da escola". A voz da diretora era fria, e os olhos claros de seu pai pareciam perfurá-la. Ela quase conseguia ouvi-lo gritando "demônio" de novo. Seus pais tinham sido forçados a falar um com o outro pela primeira vez em dois anos, e cada centímetro dela sabia que havia uma satisfação vingativa na expressão do pai quando ela foi convidada a nunca mais voltar para a escola.

Escroto. Outro homem toupeira, assim como o senhor Deputado Três-Três-Três.

— Como pai, e como uma figura de autoridade para o povo desta cidade… — Teófilo continuou, ignorando o que ela tinha dito, soando muito mais confiante do que antes. Karol não conseguia prestar atenção no horário eleitoral, então não tinha certeza, mas agora sim ele parecia um político de verdade. — A verdade é que me sinto responsável por crianças levadas feito você. Você é, como eu sempre digo em minhas campanhas, o futuro desta nação.

— Tô pouco me lixando, seu velho mala — Karol respondeu, e Jean escondeu um sorriso. — Você não tem nada que ver com minha vida.

O deputado fez que não com a cabeça.

— Já que está tão segura de si, por que você não nos conta a sua historinha? Tenho quase certeza que ouvi a senhora Mariza dizer algo sobre você ter roubado na escola.

— Senhor Abreu, ela é só uma adolescente — Elias tentou interferir, mas acabou sendo mais educado do que aquela toupeira merecia. — Tenho certeza que, independentemente do que Karol tiver feito, a punição já foi dura o suficiente.

Karol sabia que ele devia ter boas intenções, mas as palavras de Elias fizeram com que ela trincasse os dentes. Dizer que ela tinha sido punida fazia com que se sentisse uma… criminosa, o que não era verdade, não tinha sido nada sério. Não é nem como se a escola fosse organizada, eles estavam quase pedindo por alguém fazer o que eles fizeram. Além do

mais, havia muitos pais que compravam a aprovação de seus filhos todos os anos. Talvez esse fosse o problema; talvez eles só se importassem porque, dessa vez, não tinham conseguido lucro com o esquema.

Se ela fosse um dos alunos privilegiados, a diretora teria dito: "Por um gazilhão de cruzados, Karolina pode ganhar um 9.5 neste bimestre, e não vai precisar passar pela recuperação. Trato? *Trato*".

Bando de hipócritas.

— Relaxa, Elias, eu não me importo de falar — Karol disse, em tom triunfante. O deputado a olhou com uma mistura de desdém e curiosidade. — Se você quer detalhes, eu vou dar detalhes. Então…

— Acabou o envelope.

Ele quase caiu da cadeira onde estava… refletindo profundamente sobre os problemas da repartição. Ser chefe do Místico Escritório de Registro de Direitos Arcanos tinha disso.

— Que susto, porra!

Ciça só levantou as sobrancelhas, indicando que tinha se aproximado em silêncio justamente para esse efeito.

— Não temos envelope.

— Eu sei, cacete, entendi da primeira vez. Pede na administração.

Ela só revirou os olhos.

— E você acha que não foi a primeira coisa que eu fiz? Já preenchi a Ficha Especial De Operações Requisitórias na administração, que não incluiu envelopes no orçamento para esse ano. Então, teve que pedir para a Secretária Arcana de Conjurações e Ocultismo que já se referiu ao Ministério da Magia…

Ele só levantou a mão.

— Para. Já entendi. Quanto tempo?

— Seis meses. Dependendo dos duendes do Correio Místico de Curitiba (CoMiCu), pode levar até dois anos.

Geraldo Malgavro, chefe do M.E.R.D.A, piscou cinco vezes seguidas.

— Caralho, o que esses duendes fazem com as encomendas? — Ele começou a esfregar a cabeça, fazendo cair uma nuvem de caspa na blusa polo preta. Ciça respirou fundo.

— Rastreio místico de ameaças, feitiços de ocultação para que os trou…

— Você sabe que o Ministério proibiu usar qualquer referência daquela série de livros em espaço oficial.

Ela ia perguntar como eles ficariam sabendo, mas lembrou

que eram tempos estranhos no Ministério. Deu uma tossida para disfarçar.

— Como eu estava dizendo, feitiços de ocultação para que os não-mágicos não notem os pacotes a mais… qual é, Big G, você sabe tão bem quanto eu que duendes se aproveitam das leis trabalhistas feéricas para trabalhar só no fim de semana. E sério, e daí o que fazem? Nosso problema é bem pior.

E como. Certidões mágicas dos registros e atestados do Escritório só poderiam ser enviadas naqueles envelopes especiais, feitos sob encomenda e com exclusividade em algum país estrangeiro altamente burocrático. Porque se quebra patentes de remédio, mas de insumos essenciais para o governo? Nãoooo.

— Cara, me diz que você tem uma ideia.

— Eu não… mas a Michelle…

Ele escondeu a cara nas mãos imensas. Lá vinha bomba. Michelle era uma das melhores funcionárias, mas também era criativa demais, o que gerava situações no mínimo constrangedoras e no máximo… bom, uma sala do laboratório de testes estava interditada desde o Natal por causa de uma solução mágica natalina que ela não quis liberar porque cismou que era explosiva. Não era. Mas era bem fedorenta.

Ele deu um gemido.

— Sem drama, vai…

— Joga a bomba.

— Segundo ela, podíamos pegar envelopes comuns da repartição debaixo, lá dos direitos autorais, e encantar aqui com a Digitalizadora e Envelopadora de Dados Arcanos Distribuídos Analogicamente…

Ele riu, claro. Sempre ria com aquelas siglas idiotas. DEDADA era demais para ele. Mas a estratégia de distração não funcionou.

— Pera. Usar a DEDADA no papel normal? Cês tão loucas!

— Ei, não mate o mensageiro. — Ciça levantou as mãos. – A ideia é da Michelle, que hoje não vem porque tem reunião

no colégio do filho. Ela disse também que é só usar o Filtro Unico Energizador Místico…

Ele quase riu. As danadas tinham tudo combinado, ele sabia. Elas sempre faziam isso.

— Cara, isso não vai dar certo. O pessoal do EDA vai desconfiar, e da última vez que a Michelle usou o FUEM…

Ciça nem respondeu. Só ficou esperando a resposta dele.

— Alguma outra opção?

— Nope.

Ele abaixou a cabeça.

— Manda bala. Já vou deixar a carta de exoneração pronta.

***

— Big G…

— Eu tava só pensando! — Ele levantou-se na cadeira, piscando muito espantado.

— Tá, sei. Escuta, deu ruim… — Ela simplesmente virou e saiu andando, para que o chefe a seguisse. E ele foi, suspirando.

Ciça parou na frente da porta da sala de correspondência.

— Então…

Ele abriu a porta e quase teve uma síncope. Na verdade, ele provavelmente teve uma, mas o medicamento arcano cardíaco que tomava segurou a onda. Os envelopes já estavam devidamente etiquetados e prontos para serem enviado via Correio Arcano (CoA), mas ao invés de ficarem quietinhos empilhados, flutuavam e volteavam pela sala.

Ciça ficou impressionada com a reação do chefe. Ele não gritou, nem puxou os cabelos. Perguntou, em voz baixa.

— Quantos?

— 320, que foi quantos fizemos ontem, assim que conseguimos, bem… desapropriar os envelopes do EDA.

Um gemido baixo. Ciça começou a ficar realmente preocupada, mas Michelle colocou a cabeça na porta.

— Ih, cara, imaginei que isso pudesse acontecer? — Geraldo piscou mais duas vezes, mas não respondeu. — Mas ó, tem problema nenhum não. Sabe aquele troço fedorento que eu testei? Descobri que foi a letra do requerente que causou aquilo tudo. Ele recebeu o indeferimento e ligou para a Bia, puto da vida, e explicou. Não era "natalina", era "anuladora, e não usava "mata-urubu" e sim "mandrágora"! Já fiz dois frascos, acho que dá pra desfazer o efeito do FUEM…

***

Michelle, Ciça e Bia estavam conversando no fim do expediente, mas pararam de falar para ouvir a conversa do andar de baixo. O pessoal do EDA tinha acabado de descobrir a falta dos envelopes.

— Pera. Cês tão me dizendo que vou ter que avisar os autores que a entrega da certidão vai demorar porque os envelopes sumiram? — a voz estava esganiçada de nervoso.

— Pô, Ana, ninguém sabe o que aconteceu, parece que foi mágica! Já pedimos à administração da BN, mas vai demorar…

A pessoa que falou primeiro saiu xingando. As três funcionárias do MERDA riram, protegidas pela barreira que cercava a repartição arcana.

— Coitada, gente, lidar com autor, mesmo trouxa, não deve ser…

Um alarme soou alto. Ciça arregalou os olhos.

— É sério que colocaram um alarme aqui? Pra isso? ●

EQUIPE

ANA RÜSCHE - Autoria

São Paulo, 1979. Publicou livros de poesia, sendo o último *Furiosa*, edição comemorativa de autora de 2016, traduzida ao inglês com seleção de Maíra Mendes Galvão como *Furiosa — a nautical chart and its monters*, lançada em Nova York em 2017. Em prosa, seu último é a novela *Do amor — o dia em que Rimbaud decidiu vender armas* (Editora Quelônio, 2018). É doutora pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com a tese *"Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale"*, obras de Ursula Le Guin e Margaret Atwood. Pesquisa ficção científica e fantasia.

NESSA GUEDES - Edição

Porto Alegre, 1990. Habita um país da Escandinávia, de onde cria a mistura da mula sem cabeça com os *vittror*. Também escreve códigos e programa uns robôs. Editora da única edição de *sci-fi*, com temática de tecnoxamanismo, do Zine Regador e escritora de horror. Participou de algumas antologias de contos, como o Ninho de Serpentes.

GEORGE AMARAL - Ilustrações

São Paulo, 1982. Escritor, ilustrador e designer gráfico. Publicitário e Mestre em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo — USP, Especialista em Roteiro Audiovisual pela PUC-SP e Designer Gráfico formado pela Escola Panamericana de Arte. É fundador do Gonf Studio de Arte e membro do conselho editorial da *Revista Fantástika 451*. Já publicou treze livros como ilustrador, no Brasil, EUA e Noruega, além de contos e histórias em quadrinhos. Pesquisa as possibilidades de reflexão crítica proporcionadas pelo estranhamento inerente às narrativas fantásticas.

A DESCONEXÃO TELEPÁTICA E SEUS ABALOS SÍSMICOS

PARTE 3

No capítulo anterior…

O Chá, a droga telepática, cobra um preço alto para a conexão: compartilhar terríveis vergonhas. Lucía, a melhor aluna da escola Sembrar, e Paco enfrentam o próprio passado e conseguem fazer conexões mentais durante o aprendizado. Há pessoas, como Jorge, que são incapazes de se conectar telepaticamente. Meses depois, a fisioterapeuta brasileira Carol conhece Jorge, Lucía e Paco em Santiago. Em seu último dia de férias, decide tomar o Chá pela primeira vez. Paco segue bolando um plano de vingança contra Bill, William Fredrick Dogde, que roubou o segredo milenar do Chile para registrar uma patente nos EUA. A professora María possui o poder de ler o futuro e prevê que Bill e Paco logo se encontrarão.

*****

9. CHÁ DAS ONZE

Odeio cada passo desta caminhada a conta gotas. Mastigo o silêncio da Huérfanos, as Cordilheiras nos encurralam ao fundo — estar em Santiago é nunca se olvidar do paredão de gelo. Carros nos submergem num cobertor sonoro monótono. Gritos nos grafites contra a calçada estreita, as casas se unem em uma só fachada contra a rua, um muro.

Alcançamos a Plaza Brasil, uns bancos mal iluminados entre passeios, troncos de poucas folhas. Logo entramos na via mais larga com palmeiras plantadas no canteiro central. Prédios de alguns andares, lojas fechadas. Você, a brasileira que Lucía trouxe conosco, começa a rir e acenar.

— Avenida Brasil!

Você grita e nos diz algo que não entendo sobre telenovela. Ignoro. Lucía te escuta com semblante eterno de cara de sono e malha colorida. Eu até ia ser simpático, mas é inútil. A caminhada absorve as banalidades.

Chegamos. O portão de ferro descascado, pesado e difícil. Destranco e peço ao pessoal para entrar, cruzamos o largo estacionamento central. Jorge caminha na frente e comete o engano clássico: erra qual a porta do meu bloco — claro, é tudo igual aqui nesta porra de conjunto habitacional. Dou risada e aponto para a escada correta, *venha*. Jorge franze o cenho, repara no erro, aquiesce. Reparo em como está bonito o meu amigo, até com postura, óculos novo. Namorado novo? Jorge nunca me conta nada, mas eu sei. Ainda bem que ainda quer colaborar com a causa, do jeito que a vida anda boa, achei que nos esqueceria.

Subimos. Busco a chave, abro a porta e digo entre.

Inspiro o abraço de cheiros de incenso queimado, Chá fermentado. Peço para tirarem o sapato; o carpete verde também não é muito limpo, só que não quero poeira da rua emporcalhando tudo. Você fica muito surpresa com as plantas, prateleiras de livros e cadeiras, o que imaginava? Que eu fosse um

selvagem? Fellini mia arisco e logo é uma sombra que relampeja pela sala e some contra a intrusão. Lembro da garota que dormiu aqui anteontem, ela queria ver o gato e não teve muita sorte.

Jorge puxa sua cadeira predileta, o blazer de veludo range em contato com a lona do espaldar. Nem digo nada. Jorge tem responsabilidades hoje.

Me preocupo com Lucía. Anda ríspida. Escolheu o tapete e já se sentou, se alonga e acaricia as próprias meias. Bom, ela sabe se cuidar. Precisamos dela. Daí que concordei em trazermos você conosco, brasileira.

Hoje é dia de trabalho intenso.

Montamos uma rede. O plano está quase terminado. Enquanto o canalha do Bill anuncia em jornais elegantes seu progresso em usar a telepatia para aumentar a conexão à internet, anuncio em uns fóruns mesmo. Cada um no seu estilo.

Formei um grupo extenso de gente para colaborar no projeto, poder popular. Códigos abertos. Não há telepatia que não seja libertação. Psycopaco Matapaco, vamos incendiar tudo! Até ganhei uma camiseta amarelo-ovo do *Kill Bill*.

Aliás, chegou muita coisa pelo correio, o apê virou uma espécie de *hackerspace*. Recebi monitores, receptores, transistores, sensores de fundo de quintal a material profissional de última geração — esforço sobre-humano para conseguir a proeza de traduzir ondas telepáticas em eletromagnéticas. A meta: antes que os gringos.

Tenho a noia: e se o próprio Bill estiver me ajudando? Enviando equipamentos de forma anônima e analisando nossos resultados compartilhados?

É o risco.

Tenho um pouco de tesão nisso: forçar o próprio Bill a seguir os meus resultados. Forma nada telepática de comunicação. Tem dia que penso, nem sei o que quero com isso.

Mas o puro plano me leva para frente.

Bem, está na hora, onze da noite.

Antes que você nos atrapalhe, te chamo para a cozinha. Aperto o interruptor, a luz fria dá umas piscadas antes de acender, pronuncio teu nome de qualquer jeito:

— Água, Carol?

— Não, obrigada. Quero dizer, sim, quero.

Faço o interrogatório de sempre:

— Muito bem. Como está se sentindo?

Você me diz um monte de besteiras sentimentais, saudades de casa, da mãe, dinheiro (você está desempregada?), tem um plano de ser pesquisadora. Olha, não te compreendo muito, mas o que compreendi já me irrita. Hoje não podemos nos dar ao luxo de ter trabalho com iniciante.

— Hum, não muito bom, não muito bom. Você só pode tomar o Chá se estiver completamente tranquila. Muito tranquila. Ali na sala, estão todos meditando, procurando cerrar o fluxo de preocupações, aquietando a mente.

— E você? Vai tomar também?

— No final.

Reparo nos teus braços musculosos. Você faz cara de dúvida.

— O que acontece se você toma o Chá sem ter, bem, "acalmado a mente" antes?

— Os monstros do subterrâneo pegam você. — Faço garras com os dedos das mãos e uma careta. — A experiência pode ser muito desagradável, Carol. Pior, você fode tudo para quem compartilha a experiência contigo.

Dou as costas e te desencorajo:

— Faz o que quiser. Você pode pedir um táxi, ali na geladeira tem o número.

Sem mais perguntas. A grosseria é uma vantagem.

Me concentro no que importa. Mais um teste, estamos perto. Hoje só queremos gravar a experiência, o grande nó. Transmitir parece ser mais fácil. Onze voluntários nos acompanharão logo mais, Jorge monitora enquanto mergulho com Lucía.

É uma bosta. Lucía detesta todo o plano. É impossível esconder algo dela. Inclusive, ela também vaza tudo às *maestras* da Sembrar, segue de tititi com a María. Outro dia me telepatiou *quero estar junto para ver. E te proteger*. Agradeci, não sou um bruto.

No fundo, o pacto é o que não se pronuncia: de um lado, ela é das melhores e precisamos da estabilidade rapina do voo dela. Do outro lado, nós seguimos o cangote do Bill passo a passo e as *maestras* da Sembrar se interessam em acompanhar tudo. Lucía também com sua amável cara de sono.

Na guerra, não importa o teu lado: informação é crucial.

10. MILAGRE DA FISIOTERAPIA

Não há outro dia. Amanhã, Maria Carolina voará de volta para o Rio com toda a bagagem de pesadelos domésticos, emprego, contas a pagar, o futuro oco. Caminha pela sala de Paco, repara na enormidade de fios, aparelhos, monitores. Pensa que o capacete ali ia fazer sucesso em bloquinho de carnaval, suprime a risada. Descobre-se nervosa, estômago se enrola.

Jorge havia explicado com voz grave, arriscando um português suspeito:

— São protótipos de *amplificación*. Hoje vamos gravar esta *sessãozina. Grabar* as ondas telepáticas. Vamos ver se transcrevemos bem; já tivemos sucesso, queremos usar o Chá para se conectar à internet. Imagina cuándo a droga nos EUA estiver vendendo, como será el mundo.

Carol não entende muito o Jorge e o nó no estômago não arreda. Passa a mão nos cabelos. Surpreende-se, tão curtos. Recorda-se do corte, do foda-se, *vou tomar esse troço!*, repete para si mesma, quase se consolando por não ter pedido o táxi.

Pisa em círculos pelo tapete macio, expira. Agradece por estar de meias, as cerdas massageiam a planta do pé cansada. Lucía e Paco sentaram-se, fisionomias calmas, ombros sem tracionar indevidamente por tensão, maxilares relaxados. Muito bom, avalia Carol surpresa.

Paco começa a murmurar o inaudível.

Jorge está mais afastado, barbudo iluminado pelo verde solitário da tela de computador.

Carol inspira então profundamente. Analisa-se. Decide se arriscar. Senta-se. Imagina seus treinos de meditação, revê os queridos músculos das panturrilhas, dá alô aos joelhos, pernas, expira e amacia o desconforto na lombar, escápulas, procura soltar um a um os nós, leva a respiração para pontos de tensão, faz ajustes minúsculos. Agradece o ar do mundo, a felicidade de habitar o próprio corpo. Agradece a prática de yoga e o encontro com Lucía. Agradece Paco, Jorge, agradece o próprio esforço. Agradece o que aprende com pacientes. Agradece a mudança. Agradece. Tranquilidade a inunda. Expira.

Dá-se conta de que Paco lhe serve uma caneca.

Inspira as borbulhas. Com surpresa, ela descobre que o cheiro de madeira do apartamento nada mais era que uma das notas da bebida. Aproxima dos lábios. Um assalto de maracujá podre, manga madura demais nas narinas. Expira e procura o foco. A calma.

Carol toma com decisão. O gosto é ruim, as glândulas salivares lutam em contrário, repelem aquele absurdo. Engole. Sente Paco colocar um pedaço de madeira em sua mão. Ela descobre um pau de canela. Sem pensar muito, mastiga. Por um momento, a pungência da canela neutraliza o gosto pesado, mascara o pior, resta uma madeira. Beber um tronco de árvore.

Rodeada de plantas, caules retorcidos e folhagens, recorda-se das árvores frondosas e gigantescas do quintal da avó, do balanço, do ar cheio de mar nos cabelos, o que é ensolarado. Balança, um peso nos ossos a traz de volta como se tomasse impulso. Balança.

Você está ótima, Maria Carolina Leonel de Souza! Parabéns!

Pressente com susto um Paco bem-humorado conversando em sua mente. O balanço para. O vento sopra fagulhas. Carol caminha em direção ao que seja Paco, olhos amarelos.

Como você sabe meu nome completo? Você está falando

português agora?

Você está sonhando acordada, Carol. Logo aparecerá todo mundo por aqui. O que é um nome? Uma língua? Neste lugar? Onde estamos?

Carol compreende a manobra de Paco: ele acaba encontrar um foco de dor, justamente o nome completo dela. Afinal, ela omite o "de Souza" por ser sobrenome comum, embora seja o sobrenome da avó que mais ama, a avó do balanço, a avó de pele negra e cabelos tão brancos, a avó do quintal com mangueiras, avó, falecida avó. Uma entorse sentimental que precisa de tempo, cuidados e fortalecimentos para sarar. Compreende a manobra, evitar piorar a entorse. Concentra-se na versão jovial de Paco:

Estamos num não-lugar. Mas juntos, não? Agora te entendo muito bem! Embora você, você me soe em espanhol ainda.

Sem conseguir conter a torrente, Carol despeja toda sua amargura em Paco, ela não compreende direito o que ele falava, aquele monte de gírias, aquele espanhol mal-humorado rápido demais.

Paco a acolhe, se desculpa, se sente idiota. *Vou melhorar, prometo*. Ambos se envergonham muito, uma calda quente de constrangimento se abate entre os dois.

Mente na minha mente.

Carol surpresa observa que se acalmou. Paco é uma presença clara ao seu lado.

Venha, vamos ver Lucía!

Naquele lugar imaginário, procura seguir Paco, uma fornalha humana.

Carol! Vibra Lucía em algum lugar.

Um vento acaricia sua face.

Lucía, eu… Carol não consegue impedir a ladainha, *desculpa, eu não tinha mais ninguém para recorrer nesta última noite em Santiago, não devia ter te mandando mensagem, te sobrecarregar, mas tinha medo de sair com pessoas aleatórias.*

Visões de encontros horríveis passam por seus olhos, o cadeado na mala no hostel, a vergonha horrenda de magoar a nova amiga chilena, a culpa em ser um peso.

Ei, ei, Carol, está tudo bem. Estamos felizes com você aqui… Lucía ressoa serena.

Mente na minha mente.

Torrente de energia envolve as duas. Lucía abraça mentalmente a nova amiga, brisa suave.

Carol, com espanto, observa o corpo da outra por dentro. Com curiosidade inaudita, agradece a licença. Confere a musculatura ativada das pernas, nádegas, abdómen, gorduras abdominais envolvem um core fortalecido. Sobe e encontra o que pressentia: uma crise de cervicalgia! Oh, que dor!

Lucía, venha aqui. Por dentro do corpo da outra, procura aliviar a dor no pescoço de Lucía. O que seria a causa? Vergonha dos próprios seios? Medo de ter uma postura assertiva? Medo de rejeição? Logo em uma professora de yoga? Carol aponta, em correções mínimas, como seria uma postura adequada que não lhe causasse mais dor cervical. Mostra o que são fortalecimentos musculares. Exulta com a rapidez do aprendizado, com a força de Lucía.

Numa clínica de fisioterapia, isso demoraria meses!

Lucía agradece muito, *estou muito melhor!* Gargalham.

Carol subitamente quer ir embora, sente-se tão cansada, quer a avó falecida, cafuné nos cabelos, um copo de leite, sua cama.

Acho que talvez por hoje foi muito, Carol. Sugere Lucía pressentindo pesadelos que logo a inundarão.

Dorme bem, desdenha Paco. A novata sente Lucía dando-lhe um beijo estralado.

Antes de ir descansar, porém, Carol é acometida por uma certeza: Paco fará algo de ameaçador. Mais profundo que adivinhar, ela simplesmente sabe, ela leu uma nesga de futuro:

— *Você pode me chamar de Paco.*

Carol quer gritar, só que não há mais voz na garganta. Um casulo surge, a imobiliza, parece agora tão pesada, balança, adormece.

11. UMA PESQUISADORA ACORDA

Maria Carolina acorda e é dia alto. Demora a entender o tapete, se recordar das plantas, cadeiras de lona. Descobre a própria calça úmida, apertada. É acometida por um banho de vergonha. Levanta-se, procura acariciar o cabelo amassado, procura Lucía; foi-se.

Encontra somente Jorge e Paco na cozinha, estão comendo pão com fatias de abacate. Paco, aboletado num banco, limpa os dedos morenos na bermuda e inquire com as pontas cor-de-rosa do cabelo, metade raspado:

— Oi, Carol. Como se sente?

— Mijada.

— Hã?

Carol faz um gesto apontando a calça molhada.

— Ah!

Os três caem na gargalhada. "O gato também mija no tapete", Paco parece nem se impressionar muito, "depois de comer, toma um banho e pega uma calça minha". Estende um pedaço de pão com manteiga. Carol ia explicar que não, obrigada, eu preciso pegar o voo hoje à noite para casa.

Nisso, um estalo: *quem quer ir embora agora?*

Impossível ir embora tão cedo! O corpo de Carol pulsa. *Engraçado, que ideia tresloucada*. Uma faísca a percorre. Mesmo estando mijada, remelenta numa cozinha diante de dois homens adultos recém-conhecidos. Nada parecia estar fora do desejado, nem seus cachos amassados. Ao contrário, expira, *é incrível*. Agarra o pão crocante.

Lambe os dedos de manteiga.

— Uau, a telepatia é impressionante!

Paco acena com a cabeça. Carol então desata a falar sem nem respirar, compartilha como conseguiu diagnosticar e tratar a cervicalgia de Lucía.

— Mesmo que a gente tenha usado uma noite inteira para o tratamento, é absolutamente revolucionário — conclui Carol, atacando outro pão; desta vez, acrescenta abacate.

— Fascinante, fascinante. — Jorge aquiesce com a barba cerrada e olhos bondosos detrás dos óculos.

— E me sinto bem, energizada.

Paco franze o cenho com o excesso de alegria. Faz pouco caso, desdenha, afirmando que é comum casos de aplicações do Chá a questões emocionais. A cozinha, cheia de armários de fórmica, parece diminuir com a discussão.

Jorge discorda com veemência:

— Mas *no conocíemos tratamientos* para moléstias físicas! Nem *siempre* é possível ser tão precisa como vocês foram, Carol, *juntinas*.

Aquelas três pessoas engalfinham-se em debates e suposições entre panelas. Será que foi a prática comum da yoga? Treinos em meditação? Jorge então segreda, em voz de barítono, passando a mão no queixo barbado: Lucía passou por muitos treinos mentais e físicos até superar um pouco as histórias ruins encravadas em sua pele, assassinato da própria mãe pelo pai, violências, mudanças de cidade.

— Vocês tiveram uma sorte, Carol, não é *siempre así*. Me alegro que Lucía esteja tão bem ao ponto de te guiar. Ela sente que é responsável pelo planeta inteiro.

A cabeça de Carol roda com possibilidades.

— Gente, eu… eu preciso estudar. Entender melhor. Acompanhar processos. Como faço?

Carol assusta-se com a própria fala. *Até parece que sou uma pesquisadora de verdade!* Um desejo profundo sobe à tona, *oh, sim, adoraria pesquisar isso nos próximos anos.* Ergue o queixo, o corte de cabelo ressalta-lhe a assertividade.

Jorge compartilha da empolgação e sugere:

— Podemos pensar juntos. Quer meu conselho? Vá tomar um banho quente. Paco, pega uma calça para a *meninina*.

Ao tomar banho, Carol é acometida por uma leve tontura gostosa. Na água quente, sente-se tão bem. *Nunca devia ter parado de pesquisar.* Cursou matérias de pós-graduação. Explorou, por conta própria, práticas de meditação, respiratórias, autocuidado, devorava textos. Um dia estagnou. Quando? Difícil saber. Talvez pelo trabalho na clínica, cotidiano de ordens, jalecos brancos esnobes, prontuários preguiçosos, receitas fixas. Um dia se viu acatando ordens estúpidas, aplicando TENS indiscriminadamente, sem aliar analgesia a outras práticas. Carol tornou-se, no espírito, o que aqueles corpos de pacientes eram na maca: fantasmagorias esquecidas, recebendo choquinhos para evitar dolorimentos em gel gelado. *Esqueci quem era*. Até a dor irromper do casulo fantasmagórico. Dor sábia que exigiu um foda-se. Pedir férias, fugir do cheiro de álcool, do ar-condicionado. Agora, o Chá despertou algo inominado, denso, trouxe um fluxo caudaloso ao foda-se, ao corte de cabelo, às decisões dormentes.

Acometida por uma ideia, afirma aos azulejos do banheiro:

— Vou fazer essa pesquisa! — A empolgação toma suas artérias.

Depois do banho, limpa, vestida com uma calça de flanela entregue pela fresta da porta, vibra, uma astronauta rumo à Lua.

Colocar parte do plano em prática foi bem menos emocionante.

Gastou horas em contas, conferindo extratos. Pediu para seguir hospedada por um preço menor — ofereceu ajudar na recepção do hostel pela manhã, havia muita gente do Brasil por ali. Conseguiu a troca: quase iria pagar somente o café da manhã. O corte de cabelo trouxe-lhe sorte. Telefonou para a companhia aérea.

No maior momento de dúvida, telefonou para a mãe. Caríssimo, só tinha direito a uma pergunta: “volto para o Rio

ou fico aqui mais tempo?". Queria que a mãe lhe dissesse: "filha, pare com isso, pegue este avião de volta logo". Nada. A mãe achou excelente a ideia de prosseguir viagem. "Você trabalha tanto, filha, aproveita as férias. Não te demitiram mesmo? Posso te mandar um dinheirinho se te faltar".

Diante da conspiração geral, ela fica.

Aprenderia o máximo possível sobre o Chá. Uma pesquisadora exausta limpa umas lágrimas ao fim do dia.

12. EEITOS COLATERAIS

Você, *brasileirina*, agora não sai aqui de casa. Fica horas anotando coisas com o Jorge. Com a Lucía então, enlouqueceu. Podia dizer que vocês duas quase compartilham, às vezes, a mesma mente, o mesmo corpo.

Você ia passar sua última noite, depois decidiu ficar uma semana a mais, mas já está na terceira. Não acredito que você conseguiu vender umas massagens, convenceu aquele povo do hostel. Você está praticamente ganhando dinheiro na porra de Santiago. Jorge disse que é o *jeitino* brasileiro.

Inferno.

A parte boa de você estar aqui hoje é que a Lucía não me perturba tanto. Lucía tem certeza que uma catástrofe irá acontecer amanhã à noite e quer me impedir. Tudo por conta de uma mensagem telepática que recebemos diretamente da Escola Sembrar.

A *maestra* María enviou um pensamento-corrente ontem à noite, uma cadeia, partindo de muitas outras mulheres através dos tempos, transmissão de mais de cem vozes, uma rede, uma teia. Pela mensagem conseguimos ouvir os últimos dois séculos!

Isso não ensinam na porra das aulas.

(Pior que Lucía nem se mostrou surpreendida; ou seja, ela sabia que este tipo de transmissão era possível. Bando de traidoras.)

Pois bem, a mensagem é clara e irritante.

Começa com uma compilação de outras tentativas de aliar o Chá a tecnologias humanas. Máquinas a vapor e a telepatia. Sonar e a telepatia. Em resumo, os gringos, os russos, os chineses, quem você quiser imaginar já tentou antes: estabilizar a merda da levedura e aprimorar uma aplicação tecnológica. Algumas vezes, inclusive, foram bem-sucedidas e secretas. Como essas professoras podem ser tão cínicas? Bando pior que CIA, DINA, KGB, Stasi.

A mensagem termina com uma predição. Eu, Paco Matapaco, conseguirei o feito de conectar a telepatia à internet. Mas ocorrerá uma catástrofe. Assim, o grupo Eva e William Fredrick Dogde é que irá obter a patente e enfim dominar com exclusividade a aplicação mundial. Fim de transmissão.

Lucía revolta-se ao ver que adorei. Como desistir agora que tenho a confirmação?

Vou conseguir, porra!

Jorge demora para entender o que se passa entre nós dois, o tonto tenho que explicar, traduzir. Brigamos. Discutimos feio. Até me desculpei depois, fui idiota com os dois.

Quando paramos de gritar, durante a madrugada, fritamos nas mesmas perguntas:

Se as *maestras* são tão poderosas, qual o motivo de não me impedirem?

Se são tão poderosas, como não impediram Bill?

Ninguém dorme. Convido Jorge e Lucía a passarem a noite aqui. Não tomamos Chá, nem vinho, nem pisco. Sobrevivemos à madrugada sóbrios de tudo. Terminamos juntos e divididos. Lucía conclui que, mesmo com todo o poder, as *maestras* não querem impedir nada. Jorge concorda, diz que deve fazer parte de uma concepção ecológica dos ciclos da vida, da noção de destino. Os dois vão acenando algo entre si e isso me irrita. Lucía está fixada na parte "catástrofe" da mensagem. Me calo, fecho a boca. Se abrisse, seria pra gritar:

— Morte lenta e dolorosa a William Fredrick Dogde!

A Santiago inteira viciada no Chá está comigo. Tenho até fãs, é engraçado. Telepatio para quem quiser minha humilhação: quem ainda não sentiu na própria pele aquela cena na fogueira, a repulsa do filho da puta do Bill, a calça jeans, o frio na noite, *back off*? Só o Jorge.

Antes tinha vergonha de transmitir essas coisas íntimas. Daí descobri que o constrangimento profundo é o fio mais confiável de se propagar algo pelo Chá. Minha vergonha arde em incêndios. Agora, metade de Santiago sabe quem é o Bill, o que fez, e sabe que me vingarei. Fogo se alastra!

Você, brasileira, não sabe nada sobre a mensagem. Lucía não compartilhou contigo. Quer te proteger.

Agora vocês duas juntas praticam yoga sob a influência do Chá. Muitas vezes se unificam no mesmo movimento. *Montanha! Gato! Cobra!*

Até descobriram algo curioso: mesmo sem tomarem a substância, permaneciam ligadas em um fio de conexão nas posturas de yoga. Jorge imagina que seja um efeito colateral do Chá — o RX-OH acumula-se em tecidos gordurosos no corpo.

Vocês duas se aprimoraram demais juntas, encontros de visões externas e internas, balanceando o peso nos ossos. Ao meditarem, o cosmos se derrama, notas do concerto estelar, a vida plena.

Entre vocês e eu há uma vidraça. Consigo enxergar, mas não entrar ali.

13. FIREWALL

A data fatídica é a inscrição do caos. São dez da noite e, em meia hora, mais de 300 pessoas irão tomar o Chá simultaneamente a convite da experiência de Paco.

Os preparativos são repassados em fóruns com participantes de apelidos excêntricos, digitados em um espanhol abreviado e remendado em tipos verdes contra telas pretas. Há gente de muitas

partes: Argentina, Peru, Estados Unidos — do Brasil, somente de Foz do Iguaçu. Da Ásia, África, Europa, Oceania, não se sabe.

A convocação é clara: o experimento se destina a finalmente conectar ondas telepáticas amplificadas à internet. Como se transcrevesse parte de pensamentos. A premissa: se ondas sonoras são passíveis de transcrição, telepáticas também, desde que sejam captadas em boa definição. Se um computador pode transcrever um ditado em áudio, poderia transcrever um pensamento. Há muitas dificuldades no processo e somente Jorge poderia explicar com minúcia.

Oito núcleos de captação e transcrição foram estruturados, um deles se situa bem no apartamento de Paco. Quanto mais gente, melhor, pois o fluxo telepático necessariamente precisa armar uma teia corpulenta e extensa o suficiente para se lograr uma boa captação.

O experimento não visa transcrever pensamentos complexos, pois demandaria uma capacidade telepática rapina e translúcida. Poucas pessoas dominam a prática de telepatia neste nível (há boatos de que, se tomar o Chá com clonazepam, o controle melhora). Somente se quer apontar: é possível, fizemos. Daqui, iremos além.

Instaura-se o caos no apartamento de tapete verde de Paco. São 22h10, há mais pessoas do que funções para serem desempenhadas ou cadeiras para comportar. Jorge transpira, faces afogueadas com óculos embaçados. Faz telefonemas, digita em computadores diferentes.

No meio da sala do apartamento de Paco, Carol se sente perdida entre gritos no idioma vizinho. Melhorou muito o conhecimento do espanhol, embora nesses momentos sinta falta de abraços, de gestos que nem sabe nomear. Gestos de sua língua brasileira. Aperta as mãos uma contra outra. Várias das pessoas ali tomaram comprimidos de clonazepam, Rivotril, para aumentar a capacidade telepática.

Carol queria o inverso, um pouco do silêncio mental de Jorge. Cada vez em que elogiavam sua capacidade — a

carioca se mostrara uma aprendiz de rapina — sentia-se mais temerosa, encabulada. No transe, pressentia uma sombra de Paco; mais de uma vez o enxergara com seus dois olhos amarelos a declararem coisas estranhas: *Você pode me chamar de Paco. Um dia, sem muito dinheiro no bolso, quis sair, explodir o mundo e terminei aqui.*

Será daqui a pouco. Lucía telefonou, 22h15, não irá ao apartamento de Paco, mas confirmou: sim, vou participar. Carol quase fez como o gato Fellini e sumiu em alguma caixa naquele apartamento verde. Paco praguejou e Jorge deu de ombros. A brasileira não entendia bem os humores chilenos.

22h25. Pessoas por demais da conta procuram assentar-se naquele tapete verde com pelo de gato. Mal conseguem conter a excitação, não meditam. O ar viciado do apartamento pressiona Carol. Jorge limpa os óculos na camisa xadrez abotoada até o colarinho.

Paco senta-se com ímpeto e cerra as pálpebras. Soberbo, firme. Aos poucos, é imitado. Alguém tece palavras para começar o transe. Alguém passa canecas cheias e pedaços de canela em pau.

Carol agarra seu bastão de canela como se desse a mão a Lucía, como se agarrasse um galho. Sem nem ainda tomar a dose, sabe: a amiga está consigo. Faz alongamentos e respira, uma mola muscular retesando sua força, retraindo impulsos.

Juntas!

De olhos cerrados, Carol recebe a caneca. O gosto não é ruim, é parte de um longo sonho. Ingere tudo. Expira.

Mente na minha mente.

Carol procura desenhar mentalmente posições. Um campo vasto, a luz das estrelas empalidece contra uma lua cheia.

Montanha.

Gato.

Cobra.

Guerreiro.

As posturas de yoga deslizam lépidas, fluxo forte e

límpido. A brisa dos movimentos de Lucía lambe seus dedos indicadores, perpassa a coluna.

Lucía!

A amiga ri gostoso em algum lugar.

Veja, meu pescoço hoje está bem!

Carol apalpa as vértebras superiores da amiga chilena. No campo seco, a silhueta de Lucía recorta-se inteira contra a lua bochechuda.

Gritam! Já não sabem quem é uma ou outra. Pedras no estômago de Carol pesam no abdômen de Lucía.

O que aconteceu com Paco? Está tudo bem por lá?, inquire a chilena. *Ei, você está… chateada comigo?, Carol!*

O caldo quente de vergonha passa pelas costas, *desculpa, Lucía, não queria ficar sozinha entre aquelas pessoas na casa de Paco, não entendo direito o que elas falam,* Carol pede desculpas até secar a ladainha. Depois é a vez de Lucía, encabula-se, *não devia ter te colocado neste meio de redemoinho, um monte de problemas, não queria colocar você dentro das discussões*. A vergonha abre caminho para a conexão. As duas tinem de proximidade.

Lucía, entrei aqui para alertar você antes. E-eu consigo ler uma mensagem de Paco. Digo, quando entro aqui, eu ouço uma mensagem de Paco. Começa com "Você pode me chamar de Paco. Um dia, sem muito dinheiro no bolso, quis sair, explodir o mundo…"

Calma, Carol. As maestras sabem o que irá acontecer. Veja!

Então Lucía simplesmente mostra à outra a mensagem longa da *maestra* María. As duas observam Paco enfim conectando o uso do Chá à internet. Abre caminho para que Bill controle e patenteie a substância. É agora.

As duas silenciam em *pranamasana*. Carol torna aflita, postura do guerreiro:

Você sabe onde Paco está agora?

Lucía então telepatia em *trikonasana:*

No galpão de fermentação da escola.

Após um momento de desfoque, estão as duas separadas, cada uma em seu corpo. Caminham por um terreno que a fisioterapeuta nunca enxergou com os olhos de carne, embora sempre tenha o visitado pelos espíritos tanto de Paco quanto de Lucía.

A Escola Sembrar.

Um pasto, uma horta, o ar embalado em azuis-escuros, flores de campânulas prateadas. Uma sombra do forno a lenha com últimas brasas no centro do pátio.

Lucía aponta a um galpão, onde se guardam os fermentadores. Estaca.

Não consigo entrar ali. Paco sabe. Há um firewall.

Carol surpreende-se. Pressente uma paralisia no corpo da amiga. Expira. Inspira. Cerra os olhos. Expira. Apalpa as vértebras de Lucía por dentro. Não localiza o ponto, o incômodo.

Como?, inquire a fisioterapeuta.

Lucía então mostra. *Não posso entrar, pois sou acometida.* A poça de água escura da adolescência. A mãe a tranca no quarto, escapa da mão áspera de homem. Trancada no quarto a escutar gritos. Contempla a parede muda. A violação do outro lado da parede, socos, chutes. Coisas que se quebram, gente que se cala. Uma avó de lágrimas secas. A mãe que não é mais.

Oh, eu sinto muito! Carol abraça Lucía por dentro, chora até soluços virem à tona, cortam a respiração, não se sabe se de quem, *eu sinto tanto*. O luar lambe os pés de Lucía.

Ao cessar, Carol tem uma suspeita. *Espera. Você não pode entrar ali dentro do galpão, pois você enxerga isso tudo ali?*

Lucía assente.

Carol esboça um sorriso sem ênfase. *Ah, então já sei quem está por lá.*

Lucía apavora-se, *não, não, volte, Carol.*

Vem!

Às vezes saía de vermelho, quando se sentia verde por dentro. Dizem que cores se complementam naquele disco colorido, então tentava se vincular ao ambiente trazendo a exata complementar do que sentia em seu peito.

Era uma pessoa fria. Tão fria que só sentia cores geladas.

Por isso tentava compensar com roupas, cabelos, maquiagem — mas de nada adiantava.

Descobrira que esmaltes resolviam um pouco do frio que sentia dentro de si. Esquentar as cores dos esmaltes era esquentar o vínculo que tinha com o mundo através do tato.

Suas mãos frias se aqueciam com os vermelhos, laranjas, amarelos que colocava.

Acompanhava uma paleta interna de sentimentos que variavam dos verdes pros azuis numa sintonia estranha.

No dia em que se sentiu roxa foi uma das confusões mais intensas, um dos conflitos mais absurdos no qual se enfiara.

Afinal, alguns roxos tinham um pouco do calor e da frieza dentro de si.

Como equilibrar essa confusão mental?

Por sorte, sempre andava com um círculo cromático a tiracolo. Tirou-o do bolso e lá estava o amarelo para lhe fornecer uma paz de qual esmalte escolheria para suprir a falta de coerência roxa.

Levava sua vida sem resolver os sentimentos frios, as mãos frias, a mente fria. Apenas aquecia suas unhas e tentava aqui e ali encontrar a paz dentro do caos colorido gerado por seu corpo.

Ela não se sentia exatamente mal por ser fria, era mais uma maneira de se aquecer e aquecer as suas interações. Via que o mundo não era de aceitar a frieza intrínseca que carregava em si. Cobrava-se um calor inerente, uma paixão, que casassem com a seriedade, que fossem o elo entre as pessoas e as coisas.

Elo esse que não sentia estruturado em seu âmago, mas mimicava através das cores quentes em suas unhas, em seu rosto. Sorria vermelhamente (sorrisos amarelos não eram bem-vindos, mas sorrisos vermelhos, sorrisos rosas, sorrisos desnudos, já tinham seu brilho aceito) quando podia.

Ela ia pro trabalho com suas unhas quentes, mas logo que chegava em casa já corria para a geladeira para esfriar suas mãos até a temperatura normal. Não conseguia suportar calores excessivos também.

Foi numa noite gelada que descobriu que poderia esquentar seu corpo frio com o calor alheio. Sangue era uma fonte inesgotável de calor e alma. Duas coisas que lhe faltavam no momento. E que aparentemente estavam em abundância em outras pessoas.

Na manhã seguinte sentiu-se quente o suficiente para pintar suas unhas de preto. ●

DANIEL GRIMONI

Daniel Grimoni, 19 anos, é contista, poeta, dramaturgo. Atualmente estuda Letras na UNIRIO. Já foi publicado em coletâneas de conto e poesia, como Rio 2065 e Flupp Poesia 2016 (Flupp e Casa da Palavra), entre outras. Tem o blog Caleidolíngua e está para publicar um livro de poesia. Um dia leu Cem anos de Solidão e ficou de cara. Tem as paredes do quarto cobertas de versos e costuma levar mais livros na mochila do que consegue ler. Como Manoel, usa a palavra para compor seus silêncios.

SANTIAGO SANTOS

Santiago Santos é escritor, tradutor e jornalista. Publica minicontos semanalmente no *flashfiction.com.br* e tem dois livros publicados, o primeiro em 2016, *Na Eternidade Sempre é Domingo*, uma aventura pé na estrada que entrecruza a história e a mitologia dos incas em contos interconectados, e o mais recente em 2018, *Algazarra*, uma compilação do seu trabalho no Flash Fiction. Ele vive em Cuiabá, cidade no centro geodésico da América do Sul, onde toma tereré o dia todo.

THIAGO D'EVECQUE

Thiago d'Evecque é autor independente. Escreve fantasia com humor, ação e mitologia quando não está lendo, jogando ou assistindo histórias desse gênero, principalmente. Seu primeiro romance, Limbo, é uma homenagem às influências que o marcaram — livros, jogos, filmes, séries, quadrinhos, animes, de Lovecraft a Final Fantasy. Promessa de Fogo também está cheio de referências e assim serão os próximos trabalhos do autor. Mantém sua fortaleza em *pequenosdeuses.com.br*, onde você pode conhecer suas obras, assinar sua newsletter e ler seus posts sobre ficção, escrita, vida, universo e tudo mais. Também ronda pelo Twitter e pelo Instagram.

VICTOR F. MIRANDA

Victor F. Miranda nasceu em 1991, no subúrbio do Rio de Janeiro. É autor do romance policial Contraversão, que foi finalista no Prêmio Rio de Literatura, e de outras publicações como as novelas Os Órfãos de Deus, A Mulher que Dormia com Demônios e o conto "The Pastor's Mistress", publicado no exterior pela revista Close 2 the Bone (Near to the Knuckle). Escreve suspense, terror e literatura policial, inspirado na realidade de onde vive. Às vezes, se arrisca pela ficção científica.

LUÍS FELIPE R. T. BARBOSA

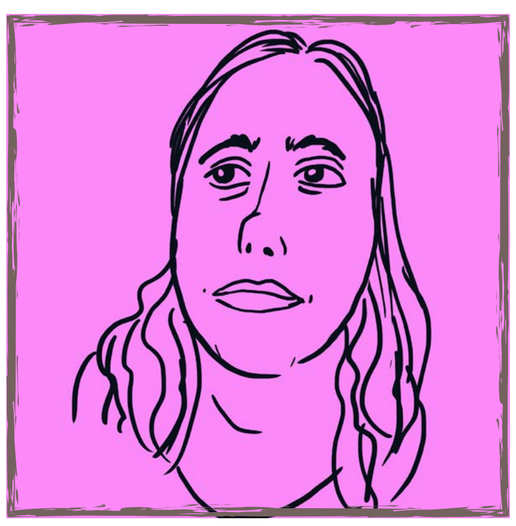
Nasci em Brasília, mas moro há vários anos no Rio de Janeiro. Além de estudar contabilidade, tento usar o que resta do meu tempo para ler, escrever e estar em contato com a natureza.

EMILY DE MOURA

Nascida e criada no interior de São Paulo, Emily de Moura passou a infância e a adolescência fugindo de histórias de terror — até começar a escrever as suas próprias. Formada em Letras pela FFLCH USP e escoteira por alguns anos, hoje em dia faz questão de anunciar todos os cachorros que vê na rua e pode ser encontrada no Twitter em @mouemily.

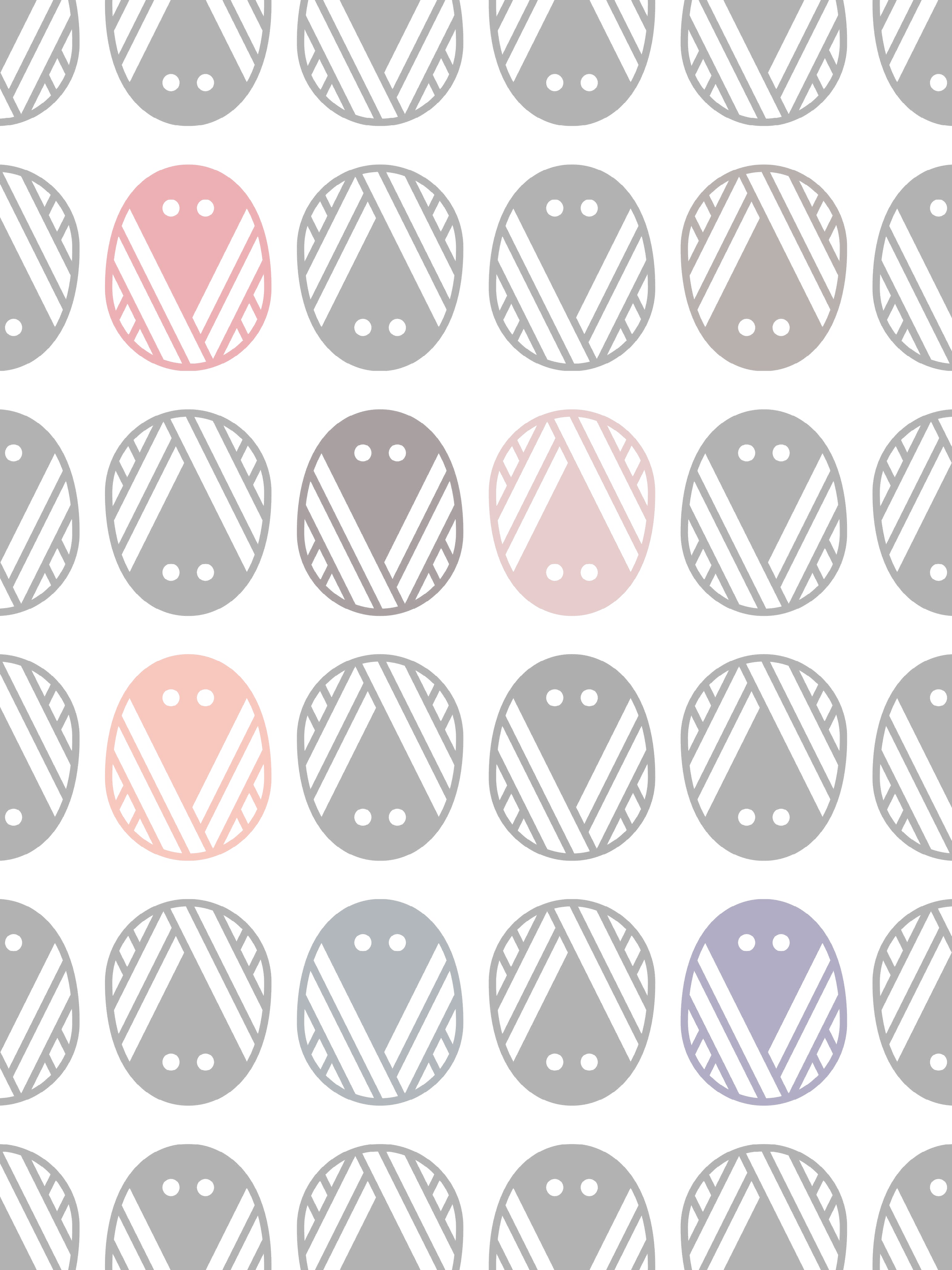
BASÍLIO BELDA

Basílio Belda é um contabilista que prefere a grafia antiga da profissão: guarda-livros. Espectador estupefato, embarcou nas viagens de Júlio Verne quando criança e nunca mais voltou. Cria contos curtos.



ANA CRISTINA RODRIGUES

Ana Cristina Rodrigues é escritora de Fantasia e Ficção Científica, além de tradutora, editora, historiadora, funcionária pública e mãe. Já publicou em várias antologias e revistas no Brasil e no exterior, além de ter duas coletâneas solo — Anacrônicas: Pequenos Contos Mágicos (esgotada) e Anacrônicas: Contos Mágicos e Trágicos. Seu primeiro romance, o Atlas Ageográfico de Lugares Imaginados, será lançado na Bienal do Rio de 2019 e atualmente trabalho no segundo, passado no mesmo escritório de registros de direitos arcanos – que pode ou não ter sido inspirado em repartições e fatos reais.

CAMILA LORICCHIO

Sou Camila Loricchio, escrevo no blog Castelo de Cartas desde 2011 e já tenho algumas obras publicadas. Comecei a escrever contos bagunçados quando era criança, mas só com 15 anos me permiti sentar e escrever um livro; depois de 8 anos terminei minha trilogia, *Castelo de Cartas*. Minha última obra publicada é uma HQ chamada Desenredos, feita em parceria com o Pedro Vó. Sou formada em Design e mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela UNIFEI. Atualmente estou aprendendo dramaturgia num grupo de Lorena, SP. Moro em Pindamonhangaba, e sou encontrada nas redes do Castelo e no Twitter (@camiaetria) com o Jovem Link.